



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DA TRAGÉDIA À VERGONHA:
O RÁDIO E AS DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA
EM 1950 E 2014**

NATÁLIA DE OLIVEIRA VIEIRA

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DA TRAGÉDIA À VERGONHA:
O RÁDIO E AS DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA
EM 1950 E 2014**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

NATÁLIA DE OLIVEIRA VIEIRA

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini

RIO DE JANEIRO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Da Tragédia à Vergonha: o rádio e as derrotas da seleção brasileira em 1950 e 2014**, elaborada por Natália de Oliveira Vieira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/ECO-UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

VIEIRA, Natália de Oliveira.

Da tragédia à vergonha: o rádio e as derrotas da seleção brasileira em 1950 e 2014. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O FUTEBOL CHEGA AO BRASIL E SE POPULARIZA NAS ONDAS DO RÁDIO	15
2.1 Breve história do futebol e sua consolidação no Brasil	15
2.2 Entre crônicas e transmissões o futebol conquista os brasileiros.....	23
2.3 A profissionalização do futebol e o radiojornalismo esportivo	29
3 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL	38
3.1 Como o conceito de identidade nacional se aplica ao futebol brasileiro?.	38
3.2 Copas do Mundo: auge da homologia entre seleção e povo brasileiro	47
3.3 Nas vitórias e nas derrotas, somos “todos um só”?.....	51
4 COMPARAÇÃO DAS DERROTAS DE 1950 E 2014	57
4.1 Copa de 1950: o silêncio de um país.....	57
4.2 Copa de 2014: ainda somos o país do futebol?	67
4.3 Eles somos nós?	79
5 CONCLUSÃO.....	89
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cláudio e Fátima, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida, acreditando em mim, me incentivando a correr atrás dos meus sonhos e a sonhar sempre mais. Que com todo amor e ensinamentos são os grandes responsáveis pelo ser humano que eu me tornei. É a vocês que dedico todas as minhas conquistas até aqui. Sem vocês tudo isso seria impossível.

Ao meu irmão, João Vitor, que me orgulha e me inspira todos os dias com o seu carinho, bondade e sede por conhecimento. Obrigada por ser muito mais do que um irmão, ser meu melhor amigo, que sempre tem uma palavra de consolo, incentivo e confiança. É inspirador ver seu jeito de olhar e desejar o mundo. Vou sempre sonhar seus sonhos, assim como você sonha os meus.

Ao meu tio Ricardo, que desde pequena cuidou de mim como filha, sempre se preocupando com a minha realização pessoal e profissional, participando de cada segundo da minha vida, sempre disposto a me ajudar a escolher os melhores caminhos. Obrigada por cada conselho, cada passeio e cada incentivo. Sem dúvidas, também é graças a você que cheguei até aqui.

Ao meu amor, Gilberto, por seu companheirismo e paciência, dividindo comigo cada momento dessa caminhada. Por sempre confiar em mim e na minha capacidade, às vezes até mais do que eu. Obrigada pelo seu olhar, pelo seu sorriso, pelo seu abraço, pelo seu colo e por compartilhar meus sonhos. Sua energia e seu amor me fazem uma pequena grande, capaz de encarar todas as dificuldades. Você é tudo que eu sonhei.

Às minhas amigas queridas, Cecília, Ingrid e Lia, que foram presentes que a ECO me deu. Tenho certeza que nosso encontro ia acontecer de qualquer jeito, mas ter vocês durante esses quatro anos, compartilhando desafios, rindo, chorando e vivendo cada momento juntas fizeram desse tempo inesquecível. Obrigada por cada conversa que só a gente entende. Sem dúvidas levarei vocês para sempre.

Ao Marcelo Ferreira do CEDOC da Rádio Tupi, pela disponibilidade e interesse em me ajudar nesse trabalho. Gostaria de parabenizá-lo pela organização e excelente trabalho que desempenha com os arquivos da rádio, tornando possível esse tipo de pesquisa. Obrigado também aos diretores Marcus Diacobbo e Ricardo Henrique por não

hesitarem em permitir o acesso aos arquivos da Rádio Tupi. O apoio de vocês foi fundamental para que esse trabalho acontecesse.

Ao Sistema Globo de Rádio, na figura da Wanessa Canellas do CEDOP, por disponibilizar os áudios das transmissões das Copas de 1950 e 2014, essenciais para realização desse trabalho. Obrigada pela confiança, eficiência e disponibilidade, tornando possível que esta pesquisa acontecesse.

Aos jornalistas e comentaristas que cederam parte do seu tempo para compartilhar seus conhecimentos comigo, sempre muito prestativos e solícitos. Tony Vendramini, Washington Rodrigues, José Carlos Araújo e Luiz Ribeiro, a participação de vocês foi essencial para o resultado desse trabalho.

À toda equipe do Programa Luiz Ribeiro: Camila Estevez, Maciel Amaral e Luiz Ribeiro. É muito bom trabalhar ao lado de pessoas que estão sempre buscando novos desafios. Aprendi e aprendo muito com vocês. Obrigada por sempre se mostrarem dispostos a ajudar durante a elaboração deste trabalho. Sempre compreensivos e torcendo por mim.

À minha orientadora, Gabriela Nóra, que sempre acreditou no meu projeto e me incentivou na realização deste trabalho. Sempre muito presente e solícita, colaborando em cada fase da pesquisa, compreendendo as dificuldades e propondo novos desafios. Obrigada pela compreensão, disponibilidade e atenção a cada detalhe desse trabalho. Seus conselhos, correções e estímulo foram essenciais para o resultado desta monografia.

Aos professores da banca, Fernando Ewerton, com quem fui apresentada aos desafios do jornalismo esportivo, e Gabriel Collares, que me apresentou aos encantos do rádio. Obrigada pelos ensinamentos e pela oportunidade de aprender e me apaixonar cada vez mais pelo jornalismo. Quero agradecer também por desde o início aceitarem fazer parte dessa banca, sempre solícitos e acessíveis.

Quero agradecer também a Escola de Comunicação da UFRJ por me formar não só jornalista, mas cidadã. Nesses quatro anos, mais do que aprender a fazer jornalismo, aprendi a desenvolver um olhar crítico a respeito da comunicação e da sociedade. Obrigada a todos os professores que fizeram parte dessa caminhada. Obrigada por me ensinarem a desnaturalizar o óbvio, a conhecer antes de julgar, a buscar ouvir e contrapor opiniões. Entrei na ECO movida pela vontade de poder fazer a diferença, ajudar a construir um mundo mais justo, e saio com a certeza de que isso é possível.

VIEIRA, Natália de Oliveira. **Da tragédia à vergonha: o rádio e as derrotas da seleção brasileira em 1950 e 2014.** Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho pretende comparar a cobertura midiática feita pelo rádio das derrotas da seleção brasileira nas duas Copas do Mundo disputadas no Brasil: 1950 e 2014. A ideia é demonstrar as poucas semelhanças e muitas diferenças na representação de cada derrota, levando em conta a associação entre futebol e identidade nacional, além do contexto histórico do país em cada um dos momentos em análise. Para isso, o presente trabalho faz um breve histórico da chegada e consolidação do futebol no Brasil e sua popularização através do rádio. Busca-se discutir também a capacidade das Copas do Mundo de criar e recriar a “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson, e a seleção como representação metonímica do povo brasileiro. Pretende-se mostrar ainda as transformações sofridas na relação entre futebol e nação, a partir da mercantilização do esporte e do processo de globalização, que tende a padronizar as manifestações culturais.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da pouca idade, quando criança minha avó morava em uma vila em Olaria, zona norte do Rio. Lá, tudo era motivo de festa: São Cosme e Damião; Páscoa; Dia das Crianças; e principalmente, carnaval e futebol. No carnaval, todos saíam na rua vestindo fantasias, batucando pandeiros e tocando tamborins. Uma farra. As crianças, como eu, eram fantasiadas, mesmo antes de saber andar, e já se sacudiam ao som das marchinhas e dos sambas de enredo. Com futebol, era a mesma mobilização. Dia de jogo era dia de churrasco, dia de colocar a bandeira do Vasco na janela, de vestir a camisa do Flamengo e de encarnar nos vizinhos derrotados. Mas, nada é mais claro na minha memória do que os preparativos para as Copas do Mundo. A casa da minha avó se enchia de bandeirinhas e fitinhas verde e amarela, que eu já maiorzinha, ajudava a pendurar. O mesmo gesto era repetido por todas as casas da vila e pela maioria dos moradores do bairro. Tudo ficava verde e amarelo, inclusive o asfalto, que era pintado com a mascote do mundial, a bandeira do Brasil e outros símbolos nacionais. Quando o Brasil ganhava um jogo, a rua ficava em festa, quando era campeão então nem se fala. O bloco saía da esquina da vila com a Rua Comandante Vergueiro da Cruz, onde ficava o clube Coringa, e ia até a avenida sem saída, ao som de cornetas e apitos. O mesmo ritual se repetia em todas as Copas.

Atitudes como esta mostram como o futebol está enraizado na nossa cultura e faz parte do cotidiano dos brasileiros. Hoje, mesmo minha avó não morando mais por lá, sei que não há a mesma mobilização. Nem na vila, nem no bairro, nem na cidade, nem no país. Como apaixonada pelo futebol, pela cultura brasileira e futura jornalista tais mudanças me intrigaram. Será que a seleção brasileira continua representando o povo brasileiro? Ainda somos o país do futebol? Será a Copa do Mundo ainda capaz de parar o Brasil? O futebol ainda pode ser considerado símbolo da identidade nacional? A busca por respostas a essas perguntas é o que motiva a realização deste trabalho.

Para fazer essa análise escolhi como objeto as Copas do Mundo de 1950 e 2014, ambas disputadas no Brasil. As Copas do Mundo são o auge da relação entre brasileiros e o futebol. Ao serem disputadas no Brasil, naturalmente, mobilizaram ainda mais os sentimentos e expectativas em relação à nossa seleção. 1950 e 2014 se pela dor de uma derrota inesperada. Seja pelo gol uruguaio nos últimos minutos, adiando por muitas décadas o sonho de ganhar uma Copa em casa, seja pela vergonha da seleção

pentacampeã, com a tradição da brasileira, perder por 7 a 1 no evento programado para ser a Copa das Copas. Mas, apesar das lágrimas derramadas tanto no Maracanã, mudo de 1950, quanto pelas crianças do Mineirão em 2014, é possível perceber diferenças significativas na apreensão e repercussão das duas derrotas. Tanto pela mídia, como pela própria população. Tentaremos desvendar, neste trabalho, o que motivou tais diferenças.

Atualmente é muito difícil separar o próprio do alheio, o privado do público, o que é “nosso” e o que é de todos, distinguir o nacional do global. Os hábitos, as práticas e os bens culturais são cada vez mais exportados e importados, colocando em cheque ideias de pertencimento e apropriação. Mas, apesar do futebol estar incluído nesse ciclo, perceberemos ao longo deste trabalho, que mesmo com todas as mudanças e internacionalização que sofreu ao longo da segunda metade do século XX e XXI, continua fazendo parte da vida do povo brasileiro. Permanece sendo o sonho de meninos e meninas, que desde pequenos ganham uma bola de presente e logo que aprendem a andar, começam a dar os primeiros pontapés. Mas nem sempre foi assim.

Para entender a relação do povo brasileiro com as derrotas nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, é preciso entender como o futebol deixou de ser um jogo estrangeiro e passou a fazer parte do dia a dia dos brasileiros. Neste sentido, o primeiro capítulo deste trabalho, pretende contar um pouco da história de como o futebol chega ao Brasil, como produto tipicamente britânico, até se transformar em paixão nacional. Veremos que o futebol como esporte pode ser datado de meados do século XIX, na Inglaterra, quando foram elaboradas as regras que padronizaram o jogo, que antes tinha características diferentes em cada povoado.

Com a industrialização e a influência europeia que o mundo vivia naquele momento, o futebol se espalhou e foi ganhando espaço em outros países, principalmente na América. Para contar um pouco dessa história usaremos como base os livros “História do Esporte no Brasil”, organizado pelos pesquisadores Mary Del Priori e Victor Andrade de Melo; “Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol”, de Gilmar Mascarenhas; e “Futebol ao sol e à sombra”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano.

Como veremos no primeiro capítulo, ao chegar em terras brasileiras, o futebol se configurou como um esporte restrito à elite, mas logo foi incorporado pelos subúrbios e começou a ganhar a cara dos brasileiros. O jogo que valorizava em primeiro lugar o conjunto foi colorido com a habilidade individual e a ginga dos nossos jogadores,

oriundos das mais diferentes classes sociais e etnias. O livro do jornalista Mário Filho, “O negro no futebol brasileiro” é a principal referência para tratar da relação entre o estilo brasileiro de jogar e a mestiçagem, característica do nosso povo.

Veremos também que conforme o esporte foi ganhando espaço na sociedade e se popularizando, passou a ocupar lugar de destaque também na imprensa, responsável por alçar ídolos, criar clássicos e estabelecer rivalidades. As crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues aproximaram os torcedores dos jogadores, fazendo com que o povo brasileiro se identifique cada vez mais com o futebol. Para falarmos do avanço do jornalismo esportivo tomaremos como base os autores Paulo Coelho e Thaís Meinicke.

Iremos observar que amadorismo deu lugar ao profissionalismo, afinal interessava ao governo de Getúlio Vargas ter total controle do esporte capaz de mobilizar massas. Entre as décadas de 1920 e 1930, o esporte, não mais bretão, foi levado a todos os cantos do Brasil nas ondas do rádio. Ambos democráticos, tanto o rádio, como o futebol, passaram a ser reconhecidos pelo governo brasileiro como potenciais meios de construir uma unidade nacional. Missão quase impossível em um país das dimensões do Brasil. Através da análise dos trabalhos dos pesquisadores Filipe Mostaro e Edileuza Soares tem-se como objetivo mostrar como o rádio foi capaz de fazer os brasileiros se sentirem mais próximos, compartilharem momentos e símbolos culturais. Veremos que rádio foi essencial na consolidação do futebol como ícone da identidade nacional.

Ao falarmos de identidade nacional, tomamos como base o conceito e “comunidade imaginada”, desenvolvido pelo cientista político Benedict Anderson. Utilizaremos, no segundo capítulo, o conceito de Anderson para entendermos a capacidade do futebol de fomentar sentimentos coletivos, de produzir uma suspensão temporal e anular diferenças sociais, principalmente durante os períodos de Copa do Mundo. Nesse sentido, usaremos como base o texto da pesquisadora e antropóloga Simoni Guedes, que trata da seleção brasileira como síntese do Brasil. Veremos que nas Copas do Mundo, quem ganha e quem perde não são apenas os jogadores dentro das quatro linhas e sim toda a nação. Essa definição do futebol como identidade nacional é fundamental para entendermos a reação da sociedade às derrotas da seleção, principalmente as mais marcantes como em 1950 e 2014.

No segundo capítulo também pretendemos evidenciar o papel da imprensa na construção dos símbolos da identidade nacional, sendo fundamental na construção da “comunidade imaginada”. Por meio da seleção e organização de notícias, os jornalistas

são capazes de evidenciar situações e ocultar outras, criar cenários, fomentar rivalidades e expectativas, consagrar heróis e penalizar vilões, além de ajudar a desenhar a imagem da seleção brasileira para os próprios brasileiros. Como base para tal argumentação será utilizado o livro “Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol”.

Nessa segunda etapa, usaremos também a análise do pesquisador Paulo Henrique Nascimento para entendermos a dificuldade dos brasileiros em lidar com fracassos. Neste sentido, mostraremos que, na maioria das vezes, as derrotas repercutem mais do que as próprias vitórias em mundiais. Isso ocorre porque, apesar dos títulos prolongarem a sensação de “comunidade imaginada” e as derrotas romperem esse estágio, a busca por justificativas para as derrotas transcendem, e muito, o âmbito do esporte. Desta maneira, iremos observar que em cada derrota da seleção brasileira em Copas está presente uma série de explicações, que, muito raramente, passam pelo mérito da seleção adversária.

Após mostrarmos o caminho do futebol até se consolidar como símbolo nacional capaz de unir a nação e mobilizar os mais diversos grupos que constituem a sociedade brasileira, poderemos então fazer a análise comparativa entre as duas derrotas que a seleção brasileira sofreu, disputando a Copa do Mundo em casa. A derrota para o Uruguai, na final da Copa de 1950, e para Alemanha, por 7 a 1, na Copa de 2014. Com tais derrotas o Brasil, apesar de ter cinco títulos mundiais, segue sem conseguir conquistar uma Copa como anfitrião.

O terceiro capítulo visa situar as Copas do Mundo disputadas no Brasil no contexto histórico, político e econômica do momento em que ocorreram. Veremos que o cenário da Copa de 1950 é muito diferente do presenciado em 2014. Entender tais diferenças é essencial para compreender como o povo brasileiro recebeu e reagiu em cada momento.

Observaremos com o auxílio de autores como Leda Costa, Marcos Guterman, Ronaldo Helal e Alvaro do Cabo que, em 1950, o Brasil vivia um momento de afirmação perante o mundo. O governo Dutra manteve em seu governo os princípios desenvolvimentistas de Getúlio Vargas e sediar um campeonato mundial, dentro dessa lógica, significaria atrair as atenções das principais potências mundiais para o Brasil. Nessa época, o futebol brasileiro também vivia um momento de consolidação a nível mundial. Em 1938, última Copa antes da Segunda Guerra Mundial, a seleção brasileira havia feito uma excelente campanha na França e impressionado a imprensa

internacional com seu estilo de jogo. Diferente do pragmatismo europeu, os brasileiros valorizavam a habilidade individual, a originalidade e a criatividade. O Brasil mostrou ao mundo o potencial da mestiçagem e com o sucesso do futebol-mulato, o sonho de conquistar o primeiro campeonato mundial parecia cada vez mais palpável e, até mesmo, garantido.

A partir de transmissões radiofônicas da Rádio Nacional e da Rádio Globo tentaremos demonstrar a comoção nacional diante da primeira Copa do Mundo disputada no Brasil. Cada narrador, com seu estilo próprio de narrar, externa a certeza tanto da imprensa, como do povo brasileiro, de que a seleção seria campeã mundial em 1950. Essa certeza foi sendo confirmada com a atuação do selecionado durante a competição. O time brasileiro passou com facilidade por seleções tradicionais como a poderosa Espanha. Com isso, observaremos nas transmissões a empolgação das arquibancadas do Maracanã ao tocar o hino nacional brasileiro. Analisaremos também o choque e a surpresa presentes nas vozes dos locutores ao saírem os gols do Uruguai. O drama do rádio é capaz de trazer aos nossos olhos os momentos de angústia e tristeza da que foi considerada tragédia nacional em 1950.

Ainda no terceiro capítulo, faremos o mesmo com a Copa do Mundo de 2014. Qual o contexto do país às vésperas da Copa? Quais as expectativas em torno da seleção? Que momento do futebol brasileiro na época? Veremos, na análise de autores como Ronaldo Helal, Camila Pereira, Francisco Brinati e Leda Costa que o Brasil vivia um momento de instabilidade política. Em 2013, ano da Copa das Confederações, a população saiu às ruas para manifestar contra o aumento da passagem do transporte público e a precariedade dos serviços de saúde e educação. Nessas manifestações a Copa do Mundo foi intensamente questionada, principalmente quanto aos gastos considerados excessivos do governo na construção de estádios.

As transmissões da Rádio Tupi, da Rádio Globo e da Rádio Transamérica serão importantes para percebermos as expectativas para a semifinal entre Brasil e Alemanha. Os comentários dos analistas demonstram que, pela campanha que o Brasil vinha desempenhando durante o campeonato e os problemas estruturais do futebol brasileiro, uma derrota da seleção era completamente possível. Entretanto, nem os críticos mais pessimistas poderiam prever a goleada dos alemães por 7 a 1, pior resultado da história da seleção brasileira. Sofrer tamanha goleada em casa, diante de 60 mil torcedores, deu à derrota contornos de humilhação, de vergonha. Entrevistas feitas com jornalistas, comentaristas e analistas esportivos ajudarão a entender o momento atravessado pela

seleção brasileira em 2014, sua relação como o povo brasileiro e como a goleada foi absorvida pelos brasileiros.

Ao longo do capítulo poderemos perceber que as derrotas se desenharam de formas diferentes e, por isso, também foram absorvidas de maneiras distintas. Porém, apesar de relacionarmos muitos fatores que justificam tais diferenças, a derrota de 2014 trouxe para discussão uma questão muito comentada a partir do final do século XX: como a globalização e a mercantilização afetam a relação entre o futebol e a identidade nacional?

Voltou-se a questionar se a seleção brasileira continua representando o povo brasileiro e se o futebol ainda pode ser visto como símbolo nossa cultura. A parte final do trabalho vai abordar exatamente essa possível crise do futebol como identidade nacional, a partir de entrevistas com profissionais da imprensa e da leitura de autores como Simoni Guedes, Ronaldo Helal e Alvaro do Cabo. O objetivo é entender as mudanças da relação entre o povo brasileiro e a seleção nacional ao longo do final do século XX e início do século XXI, quando a mercantilização em torno do futebol pôs em cheque a identificação do povo com os jogadores, que passaram a jogar em clubes da Europa. Desta forma, como definir um estilo de jogo nacional se os jogadores com 15, 16 anos já estão jogando fora do país?

Outra questão a ser debatida no último capítulo é a possível reelitização do futebol e a mudança nas características do torcedor. Com os megaeventos e os estádios no modelo Fifa, fica cada vez mais caro assistir aos jogos. O comportamento esperado nas grandes arenas é muito mais de um torcedor como consumidor, do que o apaixonado, que vibra, grita, chora. O imprevisível não interessa ao espetáculo cada vez mais padronizado.

Ainda no último capítulo, analisaremos, junto aos autores e jornalistas, as possibilidades de reinvenção do futebol brasileiro e de adaptação ao novo cenário mundial. Sempre que se fala em derrota, se fala em mudanças. Quais as mudanças causadas pelo 7 a 1? Pretende-se debater quais os caminhos para o Brasil se reerguer como nação pentacampeã e reconquistar a confiança e identificação com o povo brasileiro. Não se trata de nostalgia, mas da necessidade de mudanças administrativas e estruturais do esporte no país.

2 O FUTEBOL CHEGA AO BRASIL E SE POPULARIZA NAS ONDAS DO RÁDIO

O primeiro capítulo deste trabalho pretende contar um pouco da história do futebol no Brasil, desde a sua chegada ao país como produto tipicamente britânico até se transformar em paixão nacional. Para isso abordaremos a importância da imprensa, especialmente do rádio, na popularização do esporte e na sua consagração como símbolo da identidade brasileira.

2.1 Breve história do futebol e sua consolidação no Brasil

O Brasil nem sempre foi o país do futebol. Tampouco, até o final do século XIX, o mundo se mobilizava em torno dessa paixão, que hoje lota arquibancadas, elege heróis e vilões, veste as nações de cores e escudos, une os povos em torno de um só evento. O futebol como esporte pode ser datado do final do século XIX, quando a Inglaterra, considerada pelo antropólogo Roberto da Matta, “o maior império colonial do planeta¹”, começou a exportar para os outros países não só sua forma de fazer capitalismo, mas também seus hábitos e costumes, “levando consigo a convicção de pertencer ao povo mais civilizado e progressista do planeta” (MASCARENHAS, 2014, p. 39).

Entretanto, como citou o professor e historiador Fábio Franzini, os ingleses foram responsáveis por normatizar a “velha prática das disputas por um objeto redondo”. Mas, desde a antiguidade, diferentes povos já se divertiam correndo atrás da bola (FRANZINI, 2009, p.107). O Museu do Futebol, localizado no histórico Estádio do Pacaembu, em São Paulo, expõe uma curiosidade: “Você sabia que chineses, gregos, franceses e italianos também reivindicam a patente do futebol?”². Isso acontece porque as raízes dessa disputa remontam a muito antes do *association football*, como foi chamado o esporte pelos ingleses a partir de 1863.

Há cinco mil anos, os malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés, e foi na China que tempos depois se organizaram os primeiros jogos. A meta ficava no centro e os jogadores evitavam, sem usar as mãos, que a bola tocasse no chão. De dinastia em dinastia continuou o costume, como se vê em alguns relevos de monumentos anteriores a Cristo. (GALEANO, 2012, p.28)

¹ DAMATTA, Roberto. Museu do Futebol, 2 de outubro de 2015. Estádio do Pacaembu, SP.

² Museu do Futebol, 2 de outubro de 2015. Estádio do Pacaembu, SP.

Na China, no ano 3000A.C., durante a dinastia Huang-ti era comum chutar crânios dos inimigos derrotados. Já em 200A.C os romanos jogavam o *harpastum* em um campo retangular dividido por uma linha e com outras duas linhas como meta³. A bola era feita de bexiga de boi e coberta com uma capa de couro (GALEANO, 2012, p.27). De acordo com o jornalista e escritor uruguaio, Eduardo Galeano, há relatos de que o imperador Júlio Cesar, o pintor Leonardo da Vinci, o filósofo Maquiavel e até os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VIII eram praticantes do jogo com os pés (GALEANO, 2012, p.31). Sendo assim, o que podemos patentear à Inglaterra é, de fato, o início da transformação desse jogo em esporte, “submetido tanto a regras universais e bem definidas, quanto a uma estrutura organizacional responsável por zelar pelo seu cumprimento e administrar as competições entre equipes” (FRANZINI, 2009, p.107).

Ao contrário do que pode parecer, o processo de oficialização do que mais tarde conheceríamos como futebol não foi nada fácil. O jogo, inicialmente plebeu, foi fortemente combatido nas ilhas britânicas. Sem regras, limite de jogadores ou tempo de duração, as partidas duravam vários dias, se estendiam por muitas léguas e custavam várias vidas. “Os reis proibiam estes lances sangrentos: em 1349, Eduardo III incluiu o futebol entre os jogos estúpidos e de nenhuma utilidade” (GALEANO, 2012, p.30).

Depois de muita rejeição, o que era conhecido como “vício plebeu” acabou conquistando a aristocracia e começou a ser praticado nos pátios dos colégios e universidades. Além de aprimorar a disciplina, a coragem e a agilidade dos jovens aristocratas, “a pátria do capitalismo industrial havia descoberto que o futebol, paixão de massas, dava diversão e consolo aos pobres e os distraía de greves e outros maus pensamentos” (GALEANO, 2012, p. 33).

Em 1863, o *association football* passou a adotar regras próprias estabelecidas na Universidade de Cambridge em 1846, quando o futebol se dissociou do *rugby*. Antes, na Inglaterra, o *rugby* e futebol eram considerados um único esporte, em que os jogadores corriam atrás da bola. Em algumas escolas britânicas como a *Rugby School*, “os jogadores carregavam-na com as mãos, rumo à meta adversária; em outras como em Eton, eram os pés que deviam controla-la, fazendo *dribbling*⁴ na sua habilidade máxima” (FRANZINI, 2009, p.108). Após o acordo entre doze clubes, em 1863, surgiu a *Football Association*, entidade criada para dirigir o futebol. A partir de então, as regras do jogo passaram a ser constantemente aprimoradas e o futebol começou a se

³ Museu do Futebol, 2 de outubro de 2015. Estádio do Pacaembu, SP.

⁴ Palavra inglesa que significa dribles.

desenhar da forma como conhecemos hoje. No início da década de 1870, as equipes se organizaram em funções de ataque e defesa; nasceu o arqueiro, hoje chamado de goleiro; surgiu a figura do árbitro; e o travessão de madeira substituiu a faixa que indicava a meta, por exemplo (FRAZINI, 2009, p.108).

A difusão do futebol para fora do território britânico aconteceu em um momento , segundo o professor de geografia da UERJ Gilmar Mascarenhas, que havia quase uma onipresença da civilização britânica pelo mundo. Segundo ele, entre 1881 e 1901, “em plena onda de difusão do futebol”, aproximadamente cinco milhões de pessoas teriam deixado o Reino Unido para iniciar nova vida no exterior (MASCARENHAS, 2014, p.39).

Segundo o pesquisador Victor Andrade de Melo, com a chegada da família real portuguesa no Brasil na primeira década do século XIX, aumentou a influência europeia no país, percebida tanto em mudanças no espaço urbano, quanto no âmbito cultural (MELO, 2009, p.37). Mas, foi principalmente a partir da década de 1820, que surgiu no país uma preocupação com a modernização, seguindo os modelos europeus. Neste período se acirraram os vínculos entre o Rio de Janeiro, então capital brasileira, Paris e Londres, com a importação de “modismos e bens culturais” (MELO, 2009, p.44).

Os ingleses, que foram morar longe do Reino Unido, tentavam recriar nos locais onde viviam “experiências de sociabilidade” comuns na Inglaterra. No Brasil, migraram para trabalhar no mercado interno, na construção de ferrovias, empresas de serviços urbanos, minas e fábricas. Desta forma, o progresso britânico se espalhou materializado em grandes investimentos financeiros, mas, principalmente, em um novo modo de vida, dito moderno (FRANZINI, 2009, p. 111).

No decorrer do século XIX, Inglaterra, França e Estados Unidos, estavam passando por um processo de estruturação no campo esportivo, criando uma série de preocupações com o corpo, a saúde e a higiene. Com “os ventos de modernização” a ideia de esporte desembarcou também no Brasil e ganhou contornos próprios (MELO, 2009, p.35). No Rio de Janeiro, até então, não havia preocupação com hábitos de higiene ou com o próprio saneamento da cidade. Tais cuidados surgiram na busca de identificação da cidade com os grandes centros urbanos europeus (MELO, 2009, p.52).

Esses novos padrões de higiene e saúde, junto à nova estética corporal, do final do século XIX, início do século XX, foram importantes para o processo de adoção do futebol (MELO, 2009, p.57). Norbert Elias defende que o processo de “esportização”, foi essencial para definir a transformação das atividades lúdicas, dos jogos, em

“esportes modernos”, dotados de competitividade, medição precisa do tempo e organização burocrática (ELIAS apud MASCARENHAS, 2014, p. 44).

Ao adotarem tantas novidades, os brasileiros acabariam por adotar também os *sports* e os exercícios físicos às suas práticas habituais, algo que até aquele momento não era muito comum por esses trópicos. No caso do *association*, os primeiros chutes dados por aqui teriam sido pelos pés dos marinheiros britânicos. (FRANZINI, 2009, p.117)

O Brasil, desde os anos 1850, com o fim do tráfico de escravos e a estabilidade política da monarquia, passou a depender quase que compulsoriamente do capitalismo inglês e conseqüentemente a importar os hábitos e maneiras britânicas. Com o futebol não seria diferente, já que, como dizia Galeano, tal esporte era um “produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco Barings ou a doutrina do livre comércio” (GALEANO, 2012, p.35).

O escritor, jornalista e romancista Graciliano Ramos tinha convicção de que o futebol não pegaria: “estrangeirismos não entram facilmente na terra do espinho” (RAMOS apud COELHO, 2003, p.7). Relata-se que por mais que a população brasileira estivesse acostumada com os modismos europeus, não demonstrava muita familiaridade com o futebol.

No livro *Entradas e Bandeiras*, a conquista do Brasil pelo futebol, de Gilmar Mascarenhas, o professor cita o geógrafo Loic Ravanel, que identificou três tipos básicos de difusão do futebol pelo mundo:

1) por transplante (inglês vivendo em outros países criam clubes de futebol); 2) por relação (contatos privilegiados de nacionais com ingleses permitem a inovação); e 3) por imitação (quando nacionais aderem ao futebol após assistir ingleses praticando-o seguidamente nas praias, parques, etc). (MASCARENHAS, 2014, p. 40)

Diante desses parâmetros, não parece ser por acaso que as primeiras cidades a importarem o futebol foram as portuárias e os centros urbanos, a partir principalmente da exibição informal de marinheiros britânicos. Por isso, países como a Espanha e o Brasil, devido a sua configuração territorial e seu amplo conjunto de portos, seguiram um “padrão polinucleado” na introdução do futebol (MASCARENHAS, 2014, p.43).

Em algumas linhas de pesquisa, o caso brasileiro é equiparado ao clássico processo de incorporação do esporte, que deixou de ser considerado prejudicial e passou a ser visto como de extrema importância para manutenção da saúde, além de considerado como nova dinâmica de diversão e vivências públicas (MELO, 2009, p.64).

Entretanto, de acordo com Mascarenhas, “não podemos localizar um único ponto no território do Brasil a partir do qual o futebol, como inovação, tenha se introduzido e difundido espacialmente”. Desta maneira, o autor verifica no país um caso atípico, em que o futebol entra simultaneamente em vários pontos do território nacional, desconectados entre si (MASCARENHAS, 2014, p.49).

Mascarenhas ressalta que, de Norte a Sul do Brasil, a inserção do futebol se deu de formas distintas em cada região. As sementes mais promissoras foram deixadas nos locais com maior concentração de britânicos, ou seja, nas localidades que atraíam mais investimentos por parte dos ingleses. As cidades maiores e mais modernas, principalmente os grandes centros, constituíam um quadro mais promissor para a receptividade ao esporte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, “não foi unicamente por meio do imperialismo britânico que o futebol se difundiu mundialmente”, até porque os ingleses não eram um povo muito simpático, muito pelo contrário. Além de socialmente “autosegregados”, os agentes de difusão do futebol não conseguiriam alcançar no Brasil plena cobertura do território, devido a nossa dinâmica territorial e política-econômica. Com isso, estabeleceram-se extensas “zonas de sombra”, locais que ficaram inicialmente alheios às novidades que aportavam nos portos (MASCARENHAS, 2014, p.51).

Nessas regiões isoladas da influência britânica, ficou à cargo da congregação católica marista e dos jesuítas disseminarem o futebol por seus estabelecimentos educacionais. “Os estabelecimentos religiosos não eram apenas instituições dotadas de conexões internacionais, mas, sim, estabelecimentos sólidos, que desfrutavam de respeito e grande ascendência sobre a comunidade local.” (MASCARENHAS, 2014, p. 53). Outra forma que o futebol encontrou de chegar ao Brasil foi através dos jovens aristocratas brasileiros, que por conta da escassez de universidades no território nacional até o início do século XX, eram mandados para estudar na Europa e voltavam bacharéis bem informados sobre tudo o que acontecia no Velho Mundo.

Muito mais que os “alienígenas” agentes britânicos, os ilustrados filhos da aristocracia desfrutavam do suficiente reconhecimento da sociedade brasileira para legitimar inovações no plano cultural. As localidades que dispunham de condições de enviar seus filhos privilegiados para estudar na Europa obtiveram, por esse canal, uma via para estabelecer contato direto com as novidades da “civilização”. (MASCARENHAS, 2014, p. 54)

Em 1894, após dez anos estudando na Inglaterra, o paulista Charles William Miller voltou para São Paulo trazendo duas bolas e um livro de regras do *association*

football. Já o carioca Oscar Cox conheceu o futebol na Suíça e retornou ao Rio de Janeiro em 1897 com a redondinha em sua bagagem (FRANZINI, 2009, p.113). A primeira partida realizada na então capital federal, segundo o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, só teria acontecido em 1901, entre jovens brasileiros e o Rio Cricket formado por britânicos. Mesmo assim, o jogo não parece ter atraído muitos curiosos e “o número de jogadores teria sido maior do que o público presente” (PEREIRA apud FRANZINI, 2009, p.115).

O pesquisador Fabio Franzini relata que, em São Paulo, a primeira partida aconteceu pouco antes, em 1895 e já existiam cinco clubes intensamente dedicados à prática do futebol: São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germania, Sport Club Internacional e Club Athletico Paulistano. Todos estes times representavam a elite paulistana formada por anglo-brasileiros, jovens estudantes colegiais, imigrantes alemães e de outras nacionalidades, além de filhos das mais tradicionais famílias da cidade. Desses clubes, nasceu em 1901, a primeira Liga de clubes do país e, no ano seguinte, o primeiro campeonato: o Campeonato Paulista de *Foot-Ball* (FRANZINI, 2009, p.116).

Ainda em 1901 ocorreu o primeiro jogo entre paulistas e cariocas no campo do Velódromo na capital de São Paulo. Este encontro serviu tanto para fortalecer a liga paulistana, como para fundação de clubes dedicados especificamente ao futebol no Rio de Janeiro. Em 1902 foi fundado, por Oscar Cox, o Fluminense Football Club. E assim como em São Paulo, quem praticava o esporte, era a elite carioca.

O uniforme, o equipamento e o vocabulário específico do jogo, todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de goal, eram, antes de tudo, marcas de distinção social, expressões do elitismo de seus cavalheiros praticantes. (FRANZINI, 2009, p.118)

Desta maneira, apesar de, em solo britânico, o futebol ter se popularizado e chegado à classe operária, no Brasil, era a alta sociedade que detinha o controle sobre o esporte (FRANZINI, 2009, p.119). O jornalista Mario Filho, pioneiro na literatura futebolística brasileira, resume bem o cenário em que eram disputados os jogos, assistidos pela elite carioca. Segundo ele, o futebol “prolongava aquele momento delicioso depois da missa”, em que as famílias tradicionais saíam direto da Igreja, aos domingos, para o clube das Laranjeiras:

E tudo estava muito certo, muito direito. Os filhos em campo, as filhas nas arquibancadas. Pais, filhos, a família toda. Podia-se dizer: as famílias todas. O que havia ali, no campo, na arquibancada, havia nos bailes do Clube das Laranjeiras, mais do Fluminense e Paissandu,

havia nas festas e festinhas da casa de dona Chicota, da casa dos Hime, mais do Botafogo (FILHO apud FRANZINI, 2009, p.119)

Como cita Franzini, foi por meio da juventude bem-nascida que “o futebol ganhou legitimidade social” e começou a tomar o lugar que antes pertencia a outros esportes difundidos na cidade como o turfe, o ciclismo e o remo. Mas, com os holofotes voltados para ele, torcedores “sem colarinho e gravata”, como bem descreve Nelson Rodrigues, passam a ocupar as arquibancadas e a se engajar na formação de suas próprias equipes. O futebol chega ao subúrbio carioca e cai nos pés de outras camadas sociais. Em 1906, a capital do país naquela época já contava com mais de 30 clubes (FRANZINI, 2009, p.120).

Essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia. (FRANZINI, 2009, p.121)

Apesar das tentativas frustradas dos tais “donos da bola” de impedirem a popularização do futebol no país e principalmente no Rio e em São Paulo, inclusive excluindo “pessoas de cor”, em meados de 1910, tanto o futebol dito “oficial”, quanto o “popular” estavam difundidos por quase todo o país. Cinco anos depois, começaram os movimentos na tentativa de unificar o esporte e torná-lo nacional. Foi criada então, no Rio de Janeiro, a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, para representar o Brasil junto a Fifa, fundada em 1904 (FRANZINI, 2009, p.125).

Mas, talvez os primeiros passos do Brasil a caminho de se tornar o “país do futebol” tenham sido dados em 1919 com o título do Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado no Rio de Janeiro. A seleção brasileira fez uma ótima campanha na competição frente a grandes potências da América do Sul como Argentina, Uruguai, Chile. Segundo Gilmar Mascarenhas, os países do próspero eixo do Prata, tiveram um contato precoce com o futebol graças ao grande número de ingleses que ocuparam esses locais ainda no século XIX. Por conta disso, começaram a praticar regularmente o futebol já na virada do século, inclusive influenciando o próprio futebol brasileiro (MASCARENHAS, 2014, p.45).

Enfim, para Franzini, foi em 1919 que o futebol foi capaz de gerar um sentimento nacional, com uma mobilização tão intensa a ponto do então presidente Delfim Moreira decretar ponto facultativo nas repartições públicas.

Com o título, o futebol, pouco mais de duas décadas depois de lançar suas raízes entre nós, unia o país e proporcionava uma vívida manifestação popular de orgulho patriótico. Na bela expressão de Nicolau Sevchenko, era a “descoberta de uma vocação. (FRANZINI, 2009, p.129)

Depois de um longo e complexo período de difusão do futebol no país, devido a ampla extensão territorial, desigualdades sociais e diferenças culturais, é possível afirmar que o esporte parece ter encontrado no país uma nova forma de ser jogado. A objetividade e o jogo de conjunto dos britânicos começou a dar lugar a uma originalidade, um talento individual característico dos brasileiros. Quem sabe talvez o início do que mais tarde chamaríamos de “futebol-arte”. É por essa nova maneira de jogar, contrariando a “escola britânica”, que o uruguaio Eduardo Galeano descreveu o futebol latino-americano da seguinte maneira:

Loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como um menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz. (GALEANO, 2012, p.10)

O Campeonato Sul-Americano de Futebol trouxe a tona um traço nativo, até então desconhecido, a habilidade individual daqueles que calçavam as chuteiras. Com essa descoberta, abriram-se brechas para a formação de grandes ídolos e de um novo referencial de identidade nacional (FRANZINI, 2009, p.130). Segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos, a mecanização do território, de meados do século XX, aumentou a fluidez interna, mas somente em 1930 o Brasil conheceria o início de sua integração efetiva. E nesse mesmo período o futebol viraria “paixão nacional” (MASCARENHAS, 2014, p.56). Por fim, Da Matta defende que o pessimismo de Graciliano Ramos em relação ao esporte que aportou de Norte a Sul do país caiu por terra e o futebol “foi o primeiro instrumento de comunicação verdadeiramente universal e moderno entre todos os segmentos da sociedade brasileira”⁵.

Por ser um esporte de equipe, por não requerer de seus jogadores nenhum atributo físico especial, por poder ser jogado em qualquer condição, por admitir o acaso e o imponderável, por ser, enfim,

⁵ Museu do Futebol, 2 de outubro de 2015. DAMATTA, Roberto. Estádio do Pacaembu, SP.

bastante acessível, compreensível e emocionante, o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva. (SEVCENKO apud FRANZINI, 20, p.108)

2.2 Entre crônicas e transmissões o futebol conquista os brasileiros

O surgimento da imprensa esportiva no Brasil acompanha a chegada do esporte moderno ao Rio de Janeiro. De acordo com o jornalista paulistano Paulo Vinicius Coelho, nos primeiros anos de cobertura esportiva no país “pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes” (COELHO, 2003, p.7). E esse desinteresse não atingia apenas o esporte trazido pelos ingleses, mas se estendia a todos, até mesmo os mais populares como o remo e o *turf*. O esporte era visto como um assunto menor, sendo dedicadas a ele apenas pequenas colunas.

Segundo a pesquisadora Thaís Meinicke, com a criação da Liga Metropolitana de Football em 1905, é que o esporte começou a aparecer nas páginas dos jornais da cidade. Contudo, a princípio, os diários davam mais destaque ao evento social em torno das partidas do que ao jogo propriamente dito, destacando “que os eventos contavam com as mais distintas famílias da sociedade fluminense” (MEINICKE, 2011, p.2).

Na década de 1910, o Jornal do Brasil já dedicava algum espaço ao futebol, geralmente uma ou duas colunas e eventualmente uma página quando se tratava de um jogo importante. A matéria era publicada após a partida, quando o público já sabia o resultado e já tinha feito suas próprias avaliações sobre o jogo. Em São Paulo, nesta mesma época, de acordo com Coelho, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*, que tinha como principais leitores os italianos que viviam na capital paulista. “O jornal trazia relatos de uma página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões” (COELHO, 2003, p. 8).

O jornalista Maurício José Stycer afirma que a cobertura dos esportes era considerada um trabalho subalterno nas redações em relação a outras temáticas como a política e a economia, que atraíam profissionais mais especializados. Os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa na hierarquia dos jornais (MEINICKE, 2011, p.3). Até a década de 1930, a prática do que mais tarde seria chamado de jornalismo esportivo era constituída de “profissionais despreparados, mal remunerados e alheios a padrões éticos que, então, já eram valorizados” (STYCER apud MEINICKE, 2011, p.4).

No Rio de Janeiro, os jornais dedicavam mais espaço ao futebol do que nas outras cidades do país. Aos poucos, os jogos dos grandes times foram ganhando

destaque (COELHO, 2003, p.9). Em 1917, foi fundada a Associação de Cronistas Desportivos, a ACD, que tinha como objetivo dar um respaldo maior aos jornalistas do esporte. Apesar de não ter conseguido, à época, representar uma grande mudança na situação desses profissionais, a crônica viria a se tornar, na metade do século XX, o principal gênero jornalístico do esporte, com nomes como Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Os irmãos da família Rodrigues foram essenciais no processo de consolidação do futebol como paixão nacional. Nas suas crônicas, importava menos a informação e mais os personagens e suas histórias. Jornalismo e romance se confundiam (COELHO, 2003, p.17). Os dois cronistas começaram a carreira no jornal “A Manhã”, fundado pelo pai, Mário Rodrigues. Mas foi no periódico “Crítica” que Mário Filho teve liberdade e dispôs de todos os recursos gráficos para mudar o formato das páginas esportivas.

Se antes as notícias relacionadas às competições esportivas só eram dadas após a realização das partidas, quando todos já sabiam o resultado, com Mário Filho essa abordagem mudou, antecipando a produção de notícias desde os treinos ou os momentos precedentes aos jogos, entrevistando jogadores e publicando suas biografias. (MEINICKE, 2011, p.7)

Desta forma, torcedores e jogadores foram se aproximando. Foram criados os ídolos e os clássicos. As crônicas consolidaram o “Clássico da Paz”, entre Vasco e América; o “Clássico Vovô”, entre os clubes mais antigos do futebol do Rio, Botafogo e Fluminense; o “Clássico dos Milhões”, em que torcidas de Vasco e Flamengo rendiam milhares de cruzeiros à bilheteria dos estádios; e não poderia faltar o clássico “FlaFlu”. Por sua vez, a dramaticidade, muito explorada por Nelson Rodrigues serviu para aumentar a idolatria em relação a alguns jogadores, “seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2003, p. 18). Podemos observar tais características no trecho abaixo da primeira crônica de Nelson Rodrigues sobre Pelé:

Racionalmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — Ponham-no em qualquer rancho e sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor (...) Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E,

então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável⁶.

Com a adoção de uma linguagem mais simples, matérias ilustradas, textos de eventos interessantes e grandes manchetes, o torcedor foi se aproximando também do próprio jornal. Mário Filho, em parceria com o ilustrador Andrés Guevara acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de paletó e gravata, preferindo captar os atletas em campo, com o uniforme dos respectivos clubes (MEINICKE, 2011, p.7).

A década de trinta foi um marco na popularização do futebol e na consolidação da cobertura esportiva. Em 1931, surgiu no Rio de Janeiro, o “Jornal dos Sports”, primeiro diário exclusivamente esportivo do país (COELHO, 2003, p.9). Desde seus primeiros anos de existência, o perfil editorial de tal jornal se voltou a levar o futebol às camadas mais populares. Foi o “Jornal dos Sports” que cobriu a primeira grande crise do futebol brasileiro. Entre 1933 e 1934, com a tentativa de instaurar o profissionalismo, houve uma cisão entre os times, tanto do futebol do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo. Muitos clubes não aceitavam ter que pagar salário para alguém jogar futebol. No Rio, por exemplo, foram realizados dois campeonatos cariocas, um entre amadores, outro entre profissionais (MEINICKE, 2011, p.9).

A postura de ter apoiado o profissionalismo é uma das explicações para o fato de o Jornal dos Sports ter sido o único veículo carioca que sobreviveu da onda de jornais e revistas nascidos entre os anos 20 e 30, na esteira da popularização do futebol, e que alcançou seu auge entre as décadas de 40 e 70. (STYCER apud MEINICKE, 2011, p.10)

Em 1936, Mário Filho comprou o *Jornal dos Sports* e, além das colunas esportivas, o periódico reservou um espaço para cartas dos leitores e matérias de caráter cultural. Com a influência do Jornal dos Sports e Gazeta Esportiva, que nasceu como um complemento do jornal “A Gazeta” em 1928, a cobertura jornalística do futebol passou a ser mais rigorosa na apuração da informação e a priorizar um relato cada vez mais próximo da realidade (SANTOS, 2012, p.5).

Apesar de todos os avanços, o Brasil só iria entrar na lista de países com uma imprensa esportiva de larga escala em meados dos anos 1960. Foi nesse período que surgiram os grandes cadernos de esportes nos jornais brasileiros (COELHO, 2003, p.10). Na verdade, pode-se dizer que a imprensa brasileira como um todo viveu suas

⁶ RODRIGUES, Nelson. “A realeza de Pelé”. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/a-primeira-cronica-de-nelson-rodrigues-sobre-pele/>. Acessado em 14 de dezembro de 2015.

mais notáveis transformações técnicas ao longo dos anos 1950 e 1960, passando a ser reconhecida internacionalmente. Após adotar o modelo norte-americano de fazer jornalismo, dois valores se tornaram essenciais: a liberdade de imprensa e a objetividade (MEINICKE, 2011, p.11).

O jornalismo norte-americano, considerado o melhor do mundo pelos jornalistas da época, constituía um modelo a ser seguido no Brasil, tanto na elaboração de textos, paginação, distribuição de matérias, como na administração, na organização comercial e na publicidade. (MEINICKE, 2011, p.11)

As regras norte-americanas tiraram do jornalismo qualquer caráter emotivo, sem o uso de metáforas, adjetivos ou subjetividade. A lógica da emoção usada nas crônicas passou a colidir diretamente com a padronização das notícias. Nessa época, de acordo com Meinicke, as editorias de esportes de grandes jornais chegaram a contar com cerca de “20 profissionais – entre repórteres, redatores, assistentes de edição e editor”, mas nenhum deles tinha o “ofício de opinar” (MEINICKE, 2011, p.12).

O novo padrão de jornalismo encontrou dificuldades na cobertura esportiva, que sempre teve como característica, justamente, a mistura de emoção e realidade. Apesar de nos anos 1960, devido à racionalização, o jornalismo esportivo deixar sua posição de subalterno e se equiparar a qualquer outra editoria, “a conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte” e passaram a fazer falta (COELHO, 2003, p. 23).

Não restam dúvidas de que as mudanças na imprensa ocorridas a partir da década de 1950 foram de grande relevância na formação do jornalismo esportivo como conhecemos hoje. Entretanto, a relação da imprensa com a popularização futebol pode ter tido seu auge nas décadas de 1920 e 1930, com o sucesso e romantismo das crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues; a criação do Jornal dos Sports; a profissionalização do futebol; e a chegada de um novo veículo de comunicação com a capacidade de mobilizar massas, unir a nação e que, felizmente, teve um casamento perfeito com futebol: o rádio.

O Rádio conseguiu trazer para o público toda a cultura popular do Brasil: sua música, com modas de viola, samba e marchinhas; o teatro e outras manifestações culturais que faziam parte do brasileiro de qualquer região do país; o futebol, presente em todo o território nacional, que de mania se tornou uma febre através do rádio. (MOSTARO, 2014, p.19)

Segundo o pesquisador da UERJ e jornalista Filipe Mostaro, desde o início, rádio e esporte já se associavam. Esta afirmação tem como base o fato de o italiano

Guglielmo Marconi, inventor que descobriu como fazer um som ser transmitido de um receptor a outro, ter feito a primeira transmissão ao vivo em 1901, direto de uma competição de regata no Canal da Mancha (MOSTARO, 2014, p.2). Em 1921, o esporte mais uma vez participa de um momento histórico para o rádio. A primeira jornada da radiodifusão mundial aconteceu em uma luta de boxe entre Jack Dempsey e Joe Capertier. A transmissão marcou de vez o rádio como veículo de comunicação de massa, capaz de transmitir para o maior número de pessoas, com maior rapidez, uma mensagem (TAVARES apud MOSTARO, 2014, p.2).

O rádio chegou às terras brasileiras em um momento de grandes mudanças no país, marcado pela ideia de pensar um novo Brasil. Foi na década de 1920, por exemplo, que aconteceu a primeira Semana de Arte Moderna, que surgiu o Partido Comunista, a Federação Brasileira pelo progresso feminino e também que começou o movimento de integração do negro na sociedade. A primeira transmissão radiofônica oficial aconteceu nesse mesmo período, em 1922, no governo de Epitácio Pessoa. Durante as festas de comemoração do Centenário da Independência do Brasil, mais precisamente em 7 de setembro de 1922, treze países⁷ vieram até a recém inaugurada Praça XV expor “maravilhas do mundo industrial”, dentre elas o rádio⁸. (MOSTARO, 2014, p.4).

Inicialmente a novidade não chamou muita atenção por conta dos ruídos na transmissão. Mas, apesar da pouca repercussão, o médico Edgar Roquette-Pinto conseguiu convencer o governo brasileiro a comprar os transmissores americanos e no ano seguinte, o chamado “pai da radiofonia brasileira”, fundou a Sociedade Rádio Rio de Janeiro (MOSTARO, 2014, p.5).

O que Roquette-Pinto não imaginava é que na década seguinte começaria “A Era de Ouro do Rádio”, com mais de cinquenta emissoras implantadas no país. A revolução de 1930 criou no Brasil um clima nacionalista. O governo de Getúlio Vargas foi responsável pela transição da população do campo para cidade, acelerando o processo de urbanização e industrialização. Pregava-se no Brasil a ideia de uma pátria única, com

⁷ A Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (1822-1922) foi inaugurada no dia 7 de setembro de 1922 e se prolongou até o dia 24 de julho do ano seguinte. Treze países participaram da exposição. Da América: Estados Unidos, Argentina e México; da Europa: Inglaterra, França, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica e Noruega; da Ásia: Japão. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20INTERNACIONAL%20DO%20CENTEN%C3%81RIO%20DA%20INDEPEND%C3%8ANCIA.pdf>. Acessado em: 30 de janeiro de 2016.

⁸ Os transmissores foram colocados no alto do Morro do Corcovado e na Praia Vermelha. Com a ajuda de 80 aparelhos receptores norte-americanos o discurso do então presidente, Epitácio Pessoa, foi ouvido ao mesmo tempo na Praça XV, em Petrópolis, Niterói e São Paulo.

orgulho próprio, que não dependesse externamente de outros países e valorizasse sua própria cultura. Mas, para atingir suas metas, Vargas precisava encontrar uma forma de unir uma nação de dimensões continentais, com tantas diferenças culturais, étnicas e descendências. É neste contexto, que “o rádio é apresentado como um dos instrumentos que vai promover a integração nacional” (MOSTARO, 2014, p.16).

Getúlio Vargas percebeu que o rádio era capaz de ignorar distâncias, criar laços entre pessoas que não se conhecem, emocionar e mexer com o imaginário do ouvinte. Este é outro fator que aproxima o veículo de comunicação e o futebol. Ambos são democráticos. Qualquer pessoa pode jogar futebol independente de atributo físico, tradição, etnia ou origens. Da mesma maneira que brasileiros, de todas as regiões do país e todos os níveis de escolaridade podiam ouvir, entender, se comunicar e aprender através das ondas do rádio (MOSTARO, 2014, p.7-9).

Emocionar, ditar comportamentos, criar mitos, reis, rainhas e informar, durante as décadas de ouro do rádio os artistas desse veículo eram as pessoas mais importantes do país. Praticamente todos os lares brasileiros tinham um rádio no local mais importante da casa. (MOSTARO, 2014, p.6)

Em 1937, foi instaurado o Estado Novo e, no regime ditatorial, Vargas precisava ainda mais unir o país em torno de suas ideias. No período, foi então criado o programa “Hora do Brasil”, noticiário oficial usado pelo presidente para falar direto à nação. O que era dito na rádio tinha uma credibilidade e um poder de persuasão tão grande que as pessoas só acreditavam que um fato era verídico se fosse relatado pelo “Repórter Esso⁹”, programa de notícias campeão de audiência transmitido pela Rádio Nacional (MOSTARO, 2014, p.8). “O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos.” (CALABRE apud MOSTARO, 2014, p.7).

Mas não só de política e de notícias se fez a “Era de Ouro do Rádio”. O veículo consagrou programas de auditório como o de Abelardo Barbosa, o Chacrinha; tocou programas musicais com temas folclóricos e regionais do Brasil; revelou nomes como Luiz Gonzaga, Chico Anísio e Roberto Carlos; coroou rainhas do rádio como Emilinha Borba e Marlene; produziu radionovelas que mais tarde originariam as telenovelas

⁹ Iniciado nos Estados Unidos, em 1935, o Repórter Esso chegou a 15 países se tornando referência de informação. No Brasil, foi transmitido pela primeira vez em 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Durante os quase 30 anos que ficou no ar, a síntese noticiosa de cinco minutos conquistou a audiência brasileira dando origem ao jargão: “Se não deu no Esso, não aconteceu”. Com o noticioso foi implantado o lide; o texto sucinto, direto e vibrante; a pontualidade; e a noção do tempo exato de cada notícia.

(MOSTARO, 2014, p.10-11). Porém, na década de 1960, mas precisamente em 1964, o veículo mais popular do país perdeu suas forças. Muito censurado pelo governo militar e, pode-se dizer, nocauteado pelo aumento na venda de televisores, o rádio perdeu consideravelmente sua audiência para a TV (MOSTARO, 2014, p.14). Mas, reforçando a relação do rádio com o futebol, já destacada no presente trabalho, uma das poucas atrações radiofônicas que conseguiu manter a audiência foram as transmissões esportivas:

Quando o assunto é futebol, o rádio manteve e disputa com a televisão nas transmissões esportivas. O futebol e o rádio se juntaram e um ficou mais divertido, popular e mais emocionante com o outro. Esse namoro que começou no início dos anos 30 se tornou um amor, tão grande, que nem em novelas com final feliz se vê um casamento tão bem-sucedido. (MOSTARO, 2014, p.14)

2.3 A profissionalização do futebol e o radiojornalismo esportivo

Durante a Era Vargas, o futebol foi usado para criar uma ideia de nação. Quando Getúlio assumiu o poder, tinha consciência do potencial político e social do esporte. Ainda nos anos 1920, na Itália, Mussolini já havia percebido que a “onipresença” do futebol era chave para criar a sensação de unidade. Por isso, o italiano “mandou construir estádios em todo o país e tentou usar o esporte como elo nacional, criando uma seleção que seria imbatível nos anos 1930” (GUTERMAN, 2010, p.71).

No Brasil, Vargas sabia que para consolidar sua proposta de governo precisava “ter as rédeas” desse símbolo da sociedade moderna, de tamanha força social e cultural. Diante disso, foram tomadas inúmeras medidas para estatizar o controle do futebol no país, o que, segundo o jornalista e historiador Marcos Guterman acelerou o processo de profissionalização do esporte.

Entretanto, a pressão pela profissionalização começou antes da Era Vargas, em meados dos anos 1920, quando diante das rivalidades e desejo de vitórias, os clubes passaram a buscar os melhores jogadores, independente de classe social, raça ou identificação com as características dos times. Nessa busca por craques eram oferecidas uma série de vantagens financeiras e sociais aos jogadores. O “The Bangu Athletic Club”, formado pelos trabalhadores da fábrica de tecido “Companhia Progresso Industrial”, oferecia aos operários que jogavam no time regalias como tarefas mais leves e jornada de trabalho mais curta (GUTERMAN, 2010, p. 51- 54).

Escancarou-se o “falso amadorismo”. Para atuar nos campeonatos, os jogadores tinham que ter algum emprego. Como não interessava aos clubes abrir mão de certos atletas desempregados, inventaram-se empregos fictícios para eles, apenas para constar. Multiplicavam-se casos de pagamento de prêmios (o hoje chamado “bicho”) por vitória [...] às vezes em dinheiro, às vezes em troca de animais. (GUTERMAN, 2010, p. 54)

O Clube de Regatas Vasco da Gama venceu o campeonato carioca de 1923 com um time formado por negros e trabalhadores, “bem treinados e remunerados”, superando adversários elitistas como Flamengo e Fluminense. Com isso, fez desaparecer qualquer “vantagem de ser de boa família, de ser estudante e de ser branco” (FILHO, 2003, p.126). Na mesma época, o movimento operário lutava por uma legislação que garantisse melhores condições de trabalho e os modernistas se dispunham a elaborar um novo modelo de sociedade. Em meio a greves e revoltas, o futebol passou a ser visto como forma de controle social, a exemplo do que aconteceu na Inglaterra, quando os aristocratas reconheceram que o jogo poderia ser uma maneira de tanto por fim ao tédio, “quanto de canalizar a violência no campo controlado de um esporte popular” (GUTERMAN, 2010, p. 59).

Quando chegou ao poder, Getúlio, com seu todo seu “messianismo político”, tratou de atrair o trabalhador para o seu lado, pregando sempre ideais de coletividade. Porém, apesar da constituição de 1934, criar uma série de Leis Trabalhistas, garantindo o direito do trabalhador, amarrou os sindicatos ao Estado e criminalizou as greves. Dada a lógica de controle social, o futebol, “visto como veículo de aspirações nacionais e do perfil do brasileiro”, precisava de um controle efetivo. (GUTERMAN, 2010, p.72),

De acordo com pesquisador e doutor em História pela UFRJ, Maurício Drumond, a “oficialização dos esportes”, pretendida por Vargas, surgiu como proposta em meados de 1935, mas só se consolidou com o Estado Novo, em 1937. Por outro lado, Marcos Guterman ressalta que, já em 1933, houve a primeira intervenção na legislação esportiva, a partir da qual o amadorismo foi condenado e os jogadores de futebol foram reconhecidos como trabalhadores.

A regulamentação oficial do esporte pode ser datada de 1941 quando foi publicado no Diário Oficial da União o decreto-lei que criava o Conselho Nacional de Desportos (CND), que tinha como função orientar, fiscalizar e incentivar a prática esportiva no país. “O conselho trazia o esporte para órbita do Estado Novo”. (DRUMOND, 2009, p. 236). O decreto estipulava que cada modalidade poderia se

organizar em uma confederação filiada à entidade internacional do seu ramo e cada estado teria sua federação.

Para a jornalista e especialista em tecnologia da informação Edileuza Soares, o rádio e o futebol viveram uma fase semelhante nos anos 1930 no Brasil. “Ambos tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo que caracterizou sua introdução no país” (SOARES, 1994, p.22). Por sua vez, Getúlio precisava controlar tanto as manifestações culturais, quanto o fluxo de informações e encontrou no rádio a ferramenta perfeita na mobilização das massas.

Em 1932 o governo autorizou a veiculação de publicidade no rádio, antes sustentado por contribuintes com condições financeiras de se associar às emissoras. O decreto obrigou as rádios a reformularem sua programação para aumentar a audiência e, conseqüentemente, atrair anunciantes. Além disso, foi uma forma do governo ter um maior controle sobre a radiodifusão, com a criação de dispositivos de fiscalização técnica, distribuição de frequência e concessões.

O rádio esportivo tem os requisitos para atender essas três demandas: é informativo sem se envolver com a política do governo; conquistou o público e, em consequência, os anunciantes; e mantinha, nesses ouvintes, o interesse pelo futebol. (SOARES, 1994, p.27)

O radiojornalismo esportivo foi um dos principais gêneros a se firmar no rádio e até hoje ocupa grande parte das grades das principais emissoras brasileiras (SOARES, 1994, p.13). Segundo Guterman, apesar da popularidade intrínseca tanto ao rádio, quanto ao futebol, foi o casamento entre os dois que fez do rádio “companheiro do trabalhador” e do esporte “um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas descrito pelos narradores” (GUTERMAN, 2010, p.74).

A primeira transmissão integral de um jogo de futebol lance a lance no Brasil foi em 19 de julho de 1931 (SOARES, 1994, p.22). Nicolau Tuma ficou conhecido como “*speaker* metralhadora”, após narrar dez gols na vitória da Seleção Paulista sobre a Paranaense, no VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. O locutor, de apenas 20 anos, pronunciava 250 palavras por minuto, com emoção, riqueza de detalhes, uma perfeita dicção e descrição minuciosa dos lances (MOSTARO, 2014, p.17).

Em certos casos, o jogo era mais emocionante no rádio do que ao vivo [...] A união desses dois fenômenos da história brasileira – o futebol, que mobiliza a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção – gerou enormes possibilidades, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber. (GUTERMAN, 2010, p.75)

Os clubes tinham medo que as transmissões radiofônicas prejudicassem as bilheterias dos estádios. Um jogo simples se tornava um grande espetáculo pelas ondas do rádio. Amador Santos, outro pioneiro nas transmissões ao vivo, foi proibido de ir aos estádios e muitas vezes transmitia os jogos de alguma casa vizinha ao campo com a ajuda de um binóculo (SOARES, 1994, p. 19).

Os locutores esportivos se tornaram porta-vozes da manifestação popular com códigos e bordões de fácil compreensão. A narração era o centro do espetáculo recriando o ambiente do estádio e as jogadas com uma boa dose de entusiasmo e emoção.

Os locutores [...] do rádio não são recomendados para cardíacos: esses mestres do suspense correm mais que os jogadores e mais que a própria bola, e em ritmo de vertigem narram uma partida que pode não ter muita relação com o que se está olhando. Nessa catarata de palavras, passa roçando o travessão o disparo que se vê roçando o mais alto céu, e corre iminente perigo de gol a meta onde uma aranha tece sua teia, de trave em trave, enquanto o goleiro boceja. (GALEANO, 2012, p.22)

Edileuza Soares classifica a narração esportiva em duas escolas: denotativa e conotativa. Na primeira, os locutores se preocupam em dar ao ouvinte uma imagem objetiva, o mais fiel possível ao que se passa em campo, “limitando seu vocabulário ao primeiro significado derivado do relacionamento entre o signo e o objeto [...] o narrador é um fotógrafo do que acontece”. Já os adeptos à escola conotativa usam figuras de linguagem, metáforas, “põe em evidencia significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto”. Exemplo: Na escola denotativa bola é narrada como “bola”, enquanto na conotativa vira “balão”, “balão de couro”, “criança”, “gorduchinha”, “menina”, “pelota”, “nega”, “redondinha” (SOARES, 1994, p.61-62).

O rádio levou o futebol a todos os cantos do país, transmitindo a emoção de dentro de campo para o torcedor. A “metralhadora” de Nicolau Tuma serviu de inspiração para outros narradores, que, por sua vez, também foram deixando suas marcas. Na década de 1940, Tuma lançou Rebello Júnior como seu sucessor. Rebello ficou conhecido como “O Homem do Gol Inconfundível”, pois foi ele quem passou a anunciar os gols com uma longa emissão de voz, como é feito até hoje pelos locutores esportivos (SOARES, 1994, p.64). Geraldo José de Almeida começou no rádio em 1936 e sua marca era o entusiasmo exagerado. Na sua voz, Pelé virou o “Craque Café”, Jairzinho o “Furacão da Copa”, Tostão o “Mineirinho de Ouro” e a seleção brasileira

“Seleção Canarinho” (SOARES, 1994, 68-69). Osmar Santos, por sua vez, trouxe para sua locução expressões como “ripa na chulipa”, “bambeou mas não caiu”, “emendou um canudo”, “lá vem para o tumulto”, “põe lá que é lá que ele gosta”, “bom, bom de bola”, “massageia o ego da galera” (SOARES, 1994, p.72).

“No início da década de 1930 predominavam a improvisação e o amadorismo” (SOARES, 1994, p.17), não havia cabines e o locutor era obrigado a narrar das arquibancadas, junto aos torcedores. Obviamente, muitas vezes o barulho da torcida abafava a voz dos narradores, o que exigia muita criatividade. Ary Barroso soube como ninguém driblar essa dificuldade. “Um dos principais trunfos da “cacique no ar, PRG-3, Rádio Tupi” (MOSTARO, 2014, p.17), o mineiro de Ubá foi o primeiro a utilizar sons musicais como parte integrante da transmissão de futebol. Com seu estilo festivo de narrar os jogos, Ary, ao invés de gritar gol como os outros *speakers*¹⁰, tocava uma gaitinha. Assim os ouvintes sabiam que tinha saído o gol, mesmo que não pudessem ouvir a voz do narrador. Conhecido com “O Homem da Gaitinha”, um dos mais importantes compositores da música popular brasileira¹¹ pode ser considerado precursor das vinhetas sonoras usadas hoje nas transmissões esportivas (SOARES, 1994, p.73). Ary Barroso, anos mais tarde, conta a história da gaitinha, narrando a cena do dia em que a comprou, em um especial da Rádio Tupi¹² sobre seus principais comunicadores:

E lá fui eu com a ideia fixa de encontrar algum som sintético, rápido, que servisse para sinal de gol. Mas o diabo é que eu não sabia o que podia ser. Entrei mais adiante em uma outra casa de brinquedos da Rua da Carioca. Eu mesmo não sei o que quero comprar [...] o que eu quero é um instrumento de sopro que não seja nem flautinha, nem apito, nem sirene e nem sanfona. Sino também não serve. Entendeu? Está bem, que tal uma gaita? Vamos ver [som da gaita] Não, não, não serve. Não é bem isso que eu procuro não. Bem, acabamos de receber aqui um novo sistema de gaitas, não é bem uma gaita, mas nós chamamos de gaitinha. O senhor quer ver? Traz! Não custa experimentar, não é? Olhe, são essas aqui [som da gaita] É, já está mais ou menos. Vejamos a menor [som da gaitinha] É essa! É essa! É essa! É o que procuro. Essa exatamente. Dá licença. Deixa eu tocar um bocadinho [som da gaitinha] Mandei embrulhar logo uma dúzia e saí

¹⁰ Termo em inglês para locutores de rádio, narradores.

¹¹ Ary Barroso (1903-1964) compôs “Aquarela do Brasil”, música que consolidou o estilo samba-exaltação. Aquarela do Brasil foi usada por Walt Disney como tema do personagem Zé Carioca, no desenho animado “Alô amigos”, em 1942. Disponível em: www.e-biografias.net/ary_barroso . Acessado em: 24 de fevereiro de 2016.

¹² Ary Barroso estreou na Rádio Tupi em 1938, onde trabalhou como humorista, narrador, comentarista e ator. Disponível em: educacao.uol.com.br/biografias/ary-barroso.jhtm. Acessado em: 25 de fevereiro de 2016.

dali vibrando de entusiasmo. Encontrara afinal o que eu procurava. Um som triunfal.¹³

Assim como as crônicas, o radiojornalismo esportivo também foi responsável pela criação de mitos e heróis, além de acirrar rivalidades. “Não é à toa que os grandes ídolos nacionais ganharam destaque através da narrativa radiofônica” (MOSTARO, 2014, p.16). No trecho abaixo, Eduardo Galeano descreve como seria, para ele, o encontro do craque com bola:

E um belo dia a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e desse beijo nasce o ídolo do futebol. Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola. Desde que aprende a andar sabe jogar. [...] Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação. A bola o procura, o reconhece, precisa dele [...] e vendo essas coisas nunca vistas, seus adoradores sentem piedade por seus netos ainda não nascidos, que não estão vendo o que acontece. (GALEANO, 2012, p.14).

O Sul-Americano de 1936-37 foi o primeiro campeonato internacional transmitido pelo rádio. A seleção brasileira enfrentava a Argentina, anfitriã, e Ary Barroso narrou o jogo. “A ideia de que o adversário era um inimigo e deveria ser derrotado no campo de batalha surge aqui”, principalmente se o adversário for a Argentina (MOSTARO, 2014, p.17).

Em dado momento, o jogador brasileiro Jaú foi chutado pelo argentino Zozaya e deslocou a clavícula; como não houvesse médico na comissão técnica brasileira, o atleta correu para a lateral do campo e encontrou Ary, que lhe emprestou a gravata para servir de tipóia, e assim Jaú pôde jogar até o fim. Ary sofreu todo tipo de agressão dos argentinos e acrescentou heroísmo à sua movimentada biografia. (GUTERMAN, 2009, P.74)

Foi nesse jogo, que Ary Barroso transformou os *hermanos* nos maiores rivais do Brasil. Além das agressões físicas, os argentinos receberam a seleção brasileira aos gritos de “*macaquitos*”, apelido dado aos soldados brasileiros na Guerra do Paraguai por serem ex-escravos. “Diante da violência argentina – da qual Ary foi testemunha – houve uma explosão de patriotismo”. Os jogadores foram recebidos “como soldados que haviam lutado numa guerra [...] valorosos patriotas diante de um rival violento e desleal” (GUTERMAN, 2010, p.76). Foi nesse Sul-Americano, transmitido lance a lance por Ary Barroso, que acendeu de vez o ufanismo em torno da seleção

¹³ Transmissão Rádio Tupi. Especial Comunicadores. Rádio Tupi, RJ. Janeiro de 1950. Disponível em: arybarroso.com.br. Acessado em: 19 de fevereiro de 2016.

(MOSTARO, 2014, p.17). “A atuação de Ary Barroso indicava que ao se juntar o futebol e rádio, nenhum dos dois jamais seria o mesmo” (MOSTARO, 2014, p.18).

Esta febre se potencializou durante as Copas do Mundo. Após o vexame da Copa de 1934, em que a seleção brasileira teve a participação mais rápida de sua história, apenas 90 minutos, a desorganização deu lugar ao profissionalismo. Em 1938, a seleção brasileira foi disputar a Copa do Mundo na França com um nível de organização bem superior ao de quatro anos antes.

A Copa da França foi a última antes da Segunda Guerra Mundial e, diante dos conflitos políticos e econômicos que assolavam o mundo, o número de equipes participantes foi reduzido. Apenas 15 seleções jogaram na França, sendo 12 delas europeias. O Brasil foi o único representante sul-americano no torneio. De acordo com os pesquisadores Camila Augusta Pereira e Hugo Lovisolo, ambos membros do Laboratório de Esporte e Mídia da UERJ, em 1938 o país levou pela primeira vez uma “seleção de verdade” para disputar uma Copa. O desentendimento entre paulistas e cariocas foi deixado de lado e, enfim, foi formado um time “unido e coeso”, com jogadores de vários estados, apesar da maioria ser do eixo Rio-São Paulo.

O time brasileiro encarou ao todo, 15 dias de viagem de navio para chegar à França. Parte das despesas dos jogadores foi bancada pela “Campanha do Selo”, forma criada pela CBD para fazer a população contribuir para a viagem da seleção [...] Com o slogan “Ajudar o *scratch* é dever de todo brasileiro”, a entidade colocou os selos à venda para o torcedor comprar ao preço de 500 réis. A arrecadação final foi de 50 contos de réis, valor que hoje equivaleria a aproximadamente 100 mil reais. (PEREIRA & LOVISOLO, 2014, p.41)

A seleção brasileira foi o centro das atenções no Mundial. Quando chegou à França todos acreditavam que seria eliminada na primeira partida, mas terminou a competição com um inesperado terceiro lugar, perdendo apenas na semifinal para a forte equipe da Itália, por 2x1. A atuação do Brasil foi surpreendente. Vencendo a Polônia e a, então vice-campeã mundial, Tchecoslováquia, projetou o futebol brasileiro para o mundo, fazendo com que a seleção fosse respeitada como uma potência no esporte (PEREIRA & LOVISOLO, 2014, p. 42-44).

Na França, o Brasil mostrou ao mundo o jeito brasileiro de jogar futebol. Chamado por Gilberto Freyre de “futebol mulato”, o time de Leônidas da Silva e Domingos da Guia exibiu em terras europeias toda sua habilidade, criatividade e gingado. O futebol da mistura de raças impressionou o jornal francês *L'Auto*, que publicou em suas páginas que os brasileiros eram perfeitos artistas com as bolas nos

pés, com movimentos ágeis e uma sutileza notável. A publicação dizia ainda “dribles não são segredos para eles”. Nascia o “futebol-arte”, que “até hoje se admira e reivindica como estilo nacional” (PEREIRA & LOVISOLO, 2014, p.42-47).

Leônidas da Silva, de família pobre, nascido em São Cristóvão, ganhou o apelido de “homem-borracha” dos franceses, por conta do seu gol de bicicleta. Além de ser pioneiro em tal jogada e consagrado por ela, Leônidas foi artilheiro da Copa com sete gols. Sua atuação lhe daria “o direito de disputar o lugar de figura mais popular no Brasil e ídolo no futebol, se houvesse um concurso”. O jogador ganhou notoriedade mundial e ajudou a projetar o estilo brasileiro de jogar futebol, que tinha como principal característica o improviso. Com todo reconhecimento, Leônidas da Silva foi o primeiro jogador a se tornar garoto-propaganda, protagonizando o lançamento do chocolate Diamante Negro, apelido dado a ele pela imprensa internacional (PEREIRA & LOVISOLO, 2014, 42-49).

A Copa de 1938 foi também a primeira a ser transmitida ao vivo no rádio. “Naquela oportunidade estava claro que o esporte em geral se transformara em veículo de afirmação da superioridade nacional” (GUTERMAN, 2010, p.81). O locutor Gagliano Neto¹⁴, da Rádio Clube do Brasil, era o único narrador da América do Sul atuando durante a Copa direto dos estádios franceses. O estilo sóbrio e a facilidade de improvisar de Neto chegavam aos ouvidos dos torcedores brasileiros através de alto-falantes nas praças públicas das principais cidades¹⁵. Foi a primeira vez que uma emissora brasileira esteve presente em um evento que ocorria na Europa.

Pelas ondas do rádio, os brasileiros vibraram e se impressionaram com a atuação da seleção na Copa do Mundo. Quem não tinha rádio em casa, buscava os alto-falantes espalhados nas ruas pelas emissoras que transmitiam os jogos. Segundo Guterman, “criava-se a sensação de experiência coletiva – o ouvinte do jogo no Rio sabia que os torcedores de São Paulo estavam acompanhando o mesmo jogo, no mesmo momento” (GUTERMAN, 2010, p.82). “Fascinado, o país parou para ouvir as irradiações da Copa de 1938” (PEREIRA & LOVISOLO, 2014, p.46).

Diante disso, é unanimidade entre os autores que os anos 1930 são essenciais na relação: futebol e povo brasileiro. Inserido nesse contexto, podemos perceber que o

¹⁴ Leonardo Gagliano Neto (1911-1974) iniciou a carreira na Rádio Cruzeiro do Sul, onde transmitiu o Campeonato Sul-americano de 1936, em Buenos Aires, uma das primeiras transmissões feitas do exterior para o rádio brasileiro. Ingressou na Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro, em 1938, assumindo a direção artística e conseguindo exclusividade da irradiação da Copa do Mundo daquele ano.

¹⁵ Disponível em: <http://www.acerj.com.br/gagliano-neto/>. Acessado em: 31 de janeiro de 2016.

rádio foi um dos protagonistas na popularização do esporte e assumiu papel de destaque na consolidação do futebol como paixão nacional. É possível dizer ainda que essa identificação se deu tanto pelo desenvolvimento do esporte em si, por exemplo, com a profissionalização dos jogadores e campeonatos, quanto pela conjuntura política-cultural da época, em que se buscavam símbolos capazes de unir a nação, como explica Franzini:

Enquanto o meio político-cultural começa a redefinir as concepções acerca do “nacional”, a popularidade do futebol é impulsionada tanto pelo desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa, quanto pela oficialização do profissionalismo dos jogadores, fato este que transforma o jogo em trabalho. O futebol, assim, estabelece-se como um meio de integração e ascensão sócio-econômica para as camadas populares – historicamente excluídas - bem como torna-se um dos elementos que viriam a caracterizar a identidade nacional brasileira. (FRANZINI apud MOSTARO, 2014, p.18)

3 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

Após um longo caminho, o futebol enfim se tornou uma paixão dos brasileiros. Mas, como podemos perceber no capítulo anterior, a relação entre o esporte e a povo brasileiro transpassou e muito o limite das quatro linhas. O futebol assumiu o lugar de símbolo da identidade nacional. Diante disso, este capítulo visa conceituar nação, a partir da ideia de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson. Desta maneira, pretende-se mostrar o potencial do futebol na produção de sentimentos coletivos, principalmente durante as Copas do Mundo, em que o povo brasileiro se une para torcer pelo Brasil, sintetizado na seleção brasileira. Nesse processo, mídia ocupa lugar de destaque.

3.1 Como o conceito de identidade nacional se aplica ao futebol brasileiro?

Como foi exposto anteriormente, no século XX, especialmente nos anos 1930, o Brasil viveu uma intensa busca por símbolos que representassem a identidade nacional do país. Mas, o que seria identidade nacional? Para o pesquisador e cientista político Benedict Anderson, “a condição nacional é o valor de maior legitimamente universal da vida política dos nossos tempos” (ANDERSON, 2008, p.28). O autor usa o termo “condição”, pois acredita que a nacionalidade é um valor modular, em constante transformação.

Tanto a nacionalidade – ou como talvez se prefira dizer, devido aos múltiplos significados desse termo, a condição nacional – quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos. Para bem entendê-los, temos de considerar, com cuidado, suas origens históricas, de que maneira seus significados se transformaram ao longo do tempo e por que dispõe, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda. (ANDERSON, 2008, p.30)

Anderson define nação como uma “comunidade imaginada”, em que os membros “constroem elos, intimidades e até mesmo parentescos, sem, na maioria das vezes, se conhecerem” (ANDERSON, 2008, p.32). Para Anderson, a ideia de comunidade, nestes casos, independente das hierarquias e desigualdades existentes. Apesar disso, a pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz defende que não é simples imaginar tais comunidades. Segundo Moritz, os símbolos apropriados como nacionais são fundamentais na construção do sentimento coletivo e a partir deles o pronome “eu”, dá

lugar ao uso do “nós”, presente nos hinos nacionais e nas falas oficiais (SCHWARCZ, 2008, p.16).

Desta forma, a pesquisadora e antropóloga Simoni Lahud Guedes ressalta que é necessário compreender “as formas pelas quais os sentimentos de pertença a um território, no caso identificado com um Estado, são produzidos, reproduzidos, reinventados e modificados” (GUEDES, 2009, p.453). Nesse caso, Guedes defende que o Estado e a imprensa têm papéis fundamentais na eleição de tais símbolos. Mas, para chegarmos a essa análise, é preciso recuperarmos a origem dos valores de nação.

Anderson acredita que o “amanhecer da era do nacionalismo” remete ao século XVIII, na Europa Ocidental, quando os pensamentos religiosos estavam perdendo forças. A associação com a religião se justifica, já que o pesquisador defende que a análise do nacionalismo deve ser feita tendo como referência os grandes sistemas culturais que o precederam e não sob uma perspectiva politico-ideológica. (ANDERSON, 2008, p.38).

Por meio da língua, que conhecemos ao nascer e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados. (SCHWARCZ, 2008, p. 14)

Cabe observar, que com a produção cada vez maior de textos em línguas nacionais a forma de apreender o mundo passou por alterações significativas. O desenvolvimento da imprensa e do romance proporcionou “meios técnicos” capazes de gerar novas representações para cada tipo de “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008, p.47). A forma como eram escritos os romances trouxe para a sociedade uma nova concepção de tempo: a ideia de simultaneidade¹⁶. No romance vários núcleos isolados participam da trama ao mesmo tempo e apenas o leitor sabe dos vínculos entre eles. Com isso, cria-se a sensação de um mundo imaginado, em que os personagens não se conhecem, apesar de terem relações ente si (ANDERSON, 2008, p.52). Para Anderson, essa dinâmica dos romances é a mesma observada nas “comunidades imaginadas”, como exemplifica no trecho abaixo:

Um americano nunca vai conhecer, e nem sequer saber o nome, da imensa maioria de seus 240 milhões de compatriotas. Ele não tem ideia do que estão fazendo a cada momento. Mas tem plena confiança

¹⁶ A simultaneidade é uma das principais características textuais da descrição presente tanto no romance, quanto no jornalismo. Patrícia Ceolin do Nascimento, no livro “Técnicas de Redação em Jornalismo”, define simultaneidade como um “congelamento temporal”, fornecendo um olhar “congelado da cena, como se o tempo, naquele momento, parasse”. Para isso, não se relata mudanças de situação, mas sim propriedades dos objetos descritos. (NASCIMENTO, 2009, p.41)

na atividade constante, anônima e simultânea deles. (ANDERSON, 2008, p.57)

Assim como o romance, é possível dizer que a imprensa teve grande relevância no desenvolvimento da “condição de nação”. Foi ela, a responsável por reunir a imensidão de idioletos falados em cada região, em línguas impressas, capazes de serem compreendidas e, com isso, levar conhecimento a um grupo cada vez maior de leitores. Anderson explica que as línguas impressas foram cruciais para a noção de consciência nacional por criarem campos unificados de comunicação (ANDERSON, 2008, p.79).

Os falantes da enorme diversidade de variantes francesas, inglesas e espanholas, que achariam difícil ou mesmo impossível se entender oralmente, puderam se entender através do papel e da letra impressa. Com isso, foram tomando consciência gradual das centenas de milhares, e até milhões, de pessoas dentro daquele campo linguístico particular, e ao mesmo tempo percebendo que apenas estas centenas de milhares, ou milhões, pertenciam a tal campo¹⁷. (ANDERSON, 2008, p.80)

Além da unificação linguística, a imprensa também foi importante nas novas formas de concepção temporal, baseadas na simultaneidade e continuidade. Para a professora e pesquisadora Patrícia Ceolin do Nascimento, na narrativa jornalística, o tempo é considerado um elemento estrutural. Pode ser cronológico, quando predomina o sentido progressivo das ações, com começo, meio e fim, ou psicológico, quando o foco da narrativa não está no ordenamento das ações a partir de uma linha do tempo, mas sim do fluxo de consciência dos personagens, memórias e imaginações. O tempo designa quando o conflito ocorreu e qual foi a duração (NASCIMENTO, 2009, p.49).

Quem comprava os jornais para ler, ou conferia as notícias do dia nas bancas, tinha a consciência de que a mesma notícia¹⁸ estava sendo lida por várias pessoas, que assim como ela, tinham acesso àquele impresso. Anderson compara o ato de ler jornais, às orações matinais, por exemplo. Ambas as ações são classificadas por ele como “cerimônias de massa”, nas quais cada participante tem clara consciência de que o mesmo ritual está sendo repetido por milhares de pessoas, “cuja existência é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida” (ANDERSON, 2008, p.68). Para o autor, “esses companheiros de leitura, aos quais estavam ligados através da

¹⁷ Pierre Bourdieu define campo como um “microcosmo” ou “espaço social estruturado”, com leis próprias, definido pelo seu poder-simbólico e “por sua posição no mundo global”. São universos relativamente autônomos de relações sociais. Um campo de forças onde há dominantes e dominados, com relações constantes e permanentes de desigualdade. Relações objetivas entre pessoas que podem jamais se encontrar. (BOURDIEU, 1997, p.55-57)

¹⁸ De acordo com Erbolato, a notícia deve ser “recente, inédita, verdadeira e de interesse público”. (ERBOLATO apud NASCIMENTO, 2009, p.83)

letra impressa, constituíram, na sua invisibilidade visível, secular e particular, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada” (ANDERSON, 2008, p.80).

Por todos os motivos expostos, Benedict Anderson relaciona a origem da nação moderna à “convergência do capitalismo e da tecnologia impressa sobre a fatal divergência da linguagem humana”, o que, segundo o autor, criou a possibilidade da construção de uma nova forma de “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008, p.82). Ou seja, o que teria tornado possível imaginar essas comunidades seria a integração de um modo de produção capitalista; com uma tecnologia de comunicação cada vez mais veloz; a imprensa, com grande capacidade de reprodutibilidade e disseminação; e a ascensão dos diversos vernáculos à condição de línguas oficiais. (ANDERSON, 2008, p.78).

Diante da importância da imprensa na formação das “comunidades imaginadas”, os pesquisadores Álvaro do Cabo e Ronaldo Helal acreditam que a mídia tem papel decisivo na construção da memória coletiva e tal memória “tem uma relação direta com a identidade” (LE GOFF apud CABO & HELAL, 2014, p.13). Sabe-se que as páginas dos jornais não conseguem contemplar todos os fatos ocorridos e, desta maneira, segundo Anderson, o vínculo entre as matérias também é “imaginado”, já que os fatos ocorrem de forma independente e arbitrariamente são incluídos e justapostos nas páginas dos impressos (ANDERSON, 2008, p.65).

O pesquisador Sérgio Souto entende que o jornalista é o responsável por selecionar os fatos a serem noticiados e aqueles que serão omitidos. Souto argumenta ainda que a imprensa é quem pauta os temas e assuntos a serem discutidos por determinada comunidade e os que serão relegados ao esquecimento¹⁹, como destacado no seguinte trecho:

Entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais constituem-se como um dos senhores da memória da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, seu poder. É preciso considerar ainda que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa, e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. (SOUTO apud CABO & HELAL, 2014, p. 14)

¹⁹ “A capacidade dos media em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu importante papel na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos *mass* mídia.” (McCOMBS & SHAW apud TRAQUINA, 2001, p.14)

A afirmação de Souto remete à Teoria da ação pessoal ou do *gatekeeper*, aplicada pela primeira vez ao jornalismo por David Manning White. Segundo a teoria, o processo de produção de informação é concebido como uma série de escolhas pessoais do próprio jornalista, que atua como um porteiro, decidindo de forma subjetiva se tal notícia será ou não publicada. “Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo portão; se não for, sua progressão é impedida, o que praticamente significa sua morte” (TRAQUINA, 2004, p. 152). Atualmente tal teoria do jornalismo é muito questionada por questões organizacionais e rotinas produtivas inerentes ao dia a dia das redações.

Dentro da ideia de “comunidade imaginada”, defendida por Anderson, vários símbolos são capazes de produzir sentimentos coletivos gerando “uma profunda camaradagem horizontal” entre indivíduos que nem ao menos se conhecem, mas compartilham de um sentimento comum, fraterno (ANDERSON, 2008, p.34). Essa situação, descrita por Anderson, pode ser percebida claramente nos esportes, em que torcedores se unem em defesa do time de coração, compartilham sentimentos, emoções, até mesmo inimigos e se sentem íntimos, quase como membros de uma mesma família, sem nem ao menos se conhecerem. A pesquisadora Simoni Guedes, defende que, recentemente, “os esportes têm sido uma forma privilegiada de criar e expressar estes sentimentos coletivos, operando em níveis muito diversos, entre eles o nacional” e que ao lado de outras práticas sociais acabam consagrados como ícones da identidade (GUEDES, 2009, p.453).

Guedes ressalta que a capacidade dos esportes de unir a nação foi percebida e explorada mundialmente como estratégia política de produção de identidade. Entretanto, a autora acredita que a apropriação dos esportes como sentimento coletivo advém de um “processo multidimensional, com interveniência de vários atores sociais que interagem, produzindo efeitos, muitas vezes inesperados e desconhecidos” (GUEDES, 2009, p.453). No Brasil, por exemplo, o futebol se popularizou de modo inesperado e alcançou dimensões inicialmente inimagináveis, como observamos no primeiro capítulo deste trabalho.

Como podemos verificar em diversos autores, a estratégia política do governo de Vargas teve papel fundamental na difusão do futebol. Mascarenhas cita que a propaganda “estadonovista”, por exemplo, contribuiu fortemente para tal esporte alcançar tamanha importância sociocultural, econômica e, sobretudo, política (MASCARENHAS, 2014, p.135). Por outro lado, uma forma de justificar a rápida apropriação do futebol como símbolo nacional, está na capacidade do povo brasileiro de

produzir alteridade a partir de práticas estrangeiras e provenientes de classes dominantes (GUEDES, 2009, p.455).

O futebol, como já vimos, foi introduzido no século XIX por jovens ingleses “bem-nascidos”, mas logo foi nacionalizado, assim como o samba, o candomblé, a umbanda e a feijoada, por exemplo (GUEDES, 2009, p.454). Helal e Cabo argumentam que o fato do futebol ter se estendido por todas as classes sociais, sendo as equipes integradas por membros de todas essas classes, foi decisivo na construção do esporte como identidade nacional (CABO & HELAL, 2014, p.27). O pesquisador Marcel Diego Tonini, compartilha da mesma ideia e defende que “a simples presença de alguns poucos negros na seleção brasileira e em times populares já indicava um caminho sem volta para um esporte que a priori se pretendia de elite” (TONINI, 2014, p.111).

“A apropriação brasileira do futebol pelas alcunhas de ‘football mulato’ ou ‘futebol-arte’ [...] são elaborações de um tema extremamente recorrente sobre o Brasil e os brasileiros, foco de disputas e interpretações contraditórias: a mestiçagem” (GUEDES, 2009, p.455). Essa apropriação, segundo Guedes, vai ocorrer justamente nos domínios sociais menos penetrados pela estruturação social, as chamadas “zonas livres” como explica a autora no trecho abaixo:

É a originalidade destas práticas socioculturais – samba, futebol, candomblé, feijoada -, possibilitada por se situarem em domínios considerados menos importantes da sociedade, que leva a sua eleição como símbolos nacionais [...] Acrescenta-se que nas sociedades modernas, o esporte, os jogos e a dança são lugares privilegiados para análise da liberdade e da criatividade culturais. (GUEDES, 2009, p. 456)

O futebol, diferente de outros esportes como o atletismo, não tem uma única fórmula para ser jogado. Com isso, ficam brechas para diferentes estilos de jogo, que, segundo Guedes, acabam espelhando o modo de viver daqueles que o praticam (GUEDES, 2009, p.458). Apesar de um time jamais conseguir manter o mesmo estilo em todas as partidas, criam-se estereótipos a partir dos quais cada equipe passa a ser analisada e criticada. O chamado “estilo brasileiro” ou “futebol-arte” é definido como aquele que privilegia a habilidade individual e que cria “um jogo bonito de se ver” (DAMATTA apud GUEDES, 2009, p.459).

A imprensa esportiva tem papel fundamental na consolidação desse estilo brasileiro de jogo (CABO & HELAL, 2014, p.15). A partir da cobertura jornalística das partidas se constroem as memórias futuras das vitórias, das derrotas e dos próprios personagens dos jogos. Cabo e Helal destacam que a preparação física dos jogadores,

por exemplo, costuma ficar de fora das páginas dos jornais, que atribuem o mérito quase exclusivamente “à plasticidade das jogadas do futebol-arte brasileiro” (CABO & HELAL, 2014, p.17). Michael Pollack desenvolveu o conceito de “enquadramento da memória” que se adequa na análise do estilo de jogo brasileiro, na medida em que ao escolher o ângulo da partida a ser reportado, a imprensa influencia diretamente as representações identitárias (POLLACK apud CABO & HELAL, 2014, p.18).

A profissionalização do futebol possibilitou a transformação do jogo em um espetáculo para multidões e a imprensa esportiva colaborou na formação de um público consumidor, que cada vez mais lotava as arquibancadas. É justamente com o apoio da mídia que o futebol passou a ser eleito como símbolo da identidade nacional brasileira. (TONINI, 2014, p.111). Dessa forma, voltamos à questão de como estas concepções de identidade foram difundidas na população. Cabo e Helal fazem a seguinte abordagem:

A construção, pela mídia, de representações coletivas que se ocupam, sobretudo, com os propagados “estilos de jogo” de cada nação cria mitos que transcendem gerações e se afirmam como verdades filosóficas absolutas que necessitam, cada vez mais, ser questionadas e refletidas. (CABO & HELAL, 2014, p.32)

O historiador Mauricio Drummond identifica que o esporte foi essencial na formação do vínculo entre população e nação (DRUMMOND apud CABO & HELAL, 2014, p.31). No mesmo caminho, Guedes afirma que o “estilo nacional brasileiro” de jogar futebol “mantém estreita relação com as representações sobre o povo brasileiro” (GUEDES, 2009, p. 459). Debates do campo social eram refletidos nas quatro linhas, como o potencial e os limites da mestiçagem. O jornalista Mário Filho foi um dos protagonistas nesse debate, como podemos observar no trecho escrito por ele:

Bastava abrir um jornal. Na página de esportes, ou melhor, nas páginas de esportes, porque uma página só não chegava, não apareciam mais clichês do “arqueiro das mãos de seda”, e sim “Tatibitate”, desajeitado, os braços de macaco, as mãos penduradas abaixo do joelho. Culpa de quem? Do “arqueiro das mãos de seda”, de outros iguais a ele. Os melhores jogadores brancos jogando nas preliminares, os mulatos, os pretos, aproveitando, ganhando fama. (FILHO, 1964, p.204)

Mário Filho, em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, conta como os jogadores negros conquistaram espaço no futebol e influenciaram na concepção do estilo de jogo conhecido como “futebol-arte”. Filho relata que, em 1933, o Bangu foi campeão carioca com oito mulatos e pretos no time, vencendo o Fluminense formado

apenas por jogadores brancos. “Os pretos lá de cima” venceram os “brancos cá de baixo” (FILHO, 1964, p.202).

Nesta mesma época, a imprensa começou a reverenciar os primeiros craques negros, como Fausto, Domingos da Guia, Leônidas e Friedenreich. “Caricaturistas iam para o estádio do Centenário surpreender atitudes de Domingos [...] um filme em caricatura” (FILHO, 1964, p.204). Quando Da Guia não entrava em campo, os estádios ficavam vazios. Mas, ninguém conseguiu superar Leônidas em popularidade. Segundo Mário Filho, enquanto Domingos era frio, sério, planejava as jogadas e os dribles, do outro lado o torcedor tentava entender, quase sempre sem sucesso, as jogadas que Leônidas criava. Era sempre algo novo, inesperado. A mesma jogada se desenhava na cabeça de cada torcedor de um jeito completamente diferente. Ficava por conta da imaginação. (FILHO, 1954, p. 214).

Dentro da visão de jogo defendida por Mário Filho, “Domingos gingava o corpo, mas não se desmanchando todo, como Leônidas” (FILHO, 1964, p.216). O “Diamante Negro”²⁰ inventava jogadas, dava bicicletas, fazia gols até amarrando as chuteiras. Leônidas gostava de aparecer, frequentava bares populares na Av. Rio Branco, dava autógrafos, aceitava fazer qualquer propaganda por alguns contos de réis e, para Filho, ficava mais próximo dos torcedores, por isso o nome de Leônidas era o mais aclamado nos estádios e nas ruas. Mário Filho dizia que o torcedor gostava daquilo, talvez porque o estilo de Leônidas, tanto dentro, quanto fora das quatro linhas, fosse mais brasileiro, “estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos” (FILHO, 1964, p.216).

Um “charles”, uma letra, uma bicicleta, jogadas jovens, alegres, fantasias de balé [...] A torcida levando para geral, para as arquibancadas, cuícas, pandeiros e tamborins, enchendo o estádio de sons de samba. Os jogadores não errando o passo, o ritmo do futebol sendo no “vai-mas-não-vai” de Romeu. (FILHO, 1964, 217)

Gilberto Freyre classificou o futebol brasileiro como dionísico. Em seu livro “Sociologia” ele faz a seguinte comparação: “no futebol como na política o ‘mulatismo’ brasileiro se fez marcar por um gosto por flexão, de surpresa, de floreios, que lembra passos de dança e capoeiragem” (FREYRE apud FILHO, 1964, p. 217). Tomando como exemplo esses dois autores, Mário Filho e Gilberto Freyre, Guedes afirma que é

²⁰ Apelido dado a Leônidas da Silva pelo jornalista francês Raymond Thourmagem, da revista Paris Match. Depois do sucesso de Leônidas na Copa do Mundo de 1938, a fábrica Lacta resolveu rebatizar um de seus produtos mais badalados em uma homenagem ao atacante. O primeiro chocolate crocante do Brasil passou a se chamar “Diamante Negro”. Disponível em: educacao.uol.com.br/biografias/leonidas-da-silva.htm. Acessado em: 5 de fevereiro de 2016.

possível associar o “estilo de jogo brasileiro” à formação étnica do povo (GUEDES, 2009, p.460).

Nos anos 1930, segundo Mário Filho, se discutia quem era mais carioca: Flamengo ou Fluminense. Era praticamente uma disputa de qual etnia, qual classe social representava melhor o Brasil. O Flamengo tinha Leônidas, negro, carioca. O Fluminense tinha Romeu Pelicari, branco, paulista. Percebendo o valor da mestiçagem, o Flamengo, que até então não era um clube popular, mas pretendia ser, optou por abrir “a porta da Gávea para os pretos”, já escolhidos pelo povo como ídolos (FILHO, 1964, p.210). “A cor ajudando Leônidas, tornando-o mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro [...] O que seria bairrismo do carioca se transformaria em patriotismo” (FILHO, 1964, p.209).

Toda essa associação entre jeito de jogar bola e as características corporais e culturais do povo brasileiro fez do futebol ícone da identidade nacional. Recuperando os conceitos de Benedict Anderson, o futebol foi capaz de gerar no Brasil uma ideia de “comunidade imaginada”. A originalidade da maneira de jogar dos brasileiros, junto à integração social proporcionada pelo esporte, foi capaz de fazer o povo se identificar com o “estilo de jogo” apresentado. Os brasileiros se apropriaram de um produto estrangeiro e o tornaram diferente, com características próprias, capaz de carregar traços do próprio povo.

A cada jogo, a cada campeonato, os torcedores criam entre si e com os jogadores elos e intimidades. Uns têm plena consciência da existência dos outros. Assistir ao jogo poderia ser enquadrado por Anderson, junto das orações matinais e leitura dos jornais, como “cerimônia de massa”. Um time tem torcedores de várias classes sociais, culturas, níveis de escolaridade, raças, mas nas arquibancadas, dentro dos estádios, nos bares ou na frente da televisão, esta desigualdade é deixada de lado e o “eu” vira “nós”. Todos compartilham, naquele momento, dos mesmos heróis e dos mesmos vilões. Quando o time ganha, todos ganham. Quando o time perde, todos perdem.

Assim como descreve Anderson, após a análise feita neste capítulo, podemos observar também que tanto o sistema de produção capitalista, quanto a imprensa, tiveram papel fundamental na consolidação do esporte como símbolo da identidade nacional brasileira.

3.2 Copas do Mundo: auge da homologia entre seleção e povo brasileiro

Para a pesquisadora Simoni Guedes, a partir da homologia estabelecida entre o “estilo de jogo” e “povo brasileiro”, tornaram-se comuns as interpretações em relação ao Brasil e aos brasileiros tendo como base explicações com origem no futebol (GUEDES, 2009, p.461). Ainda segundo a autora, foi a partir dessa “operação simbólica” que a seleção brasileira se transformou “em metáfora da nação brasileira” (GUEDES, 2009, p.461).

Com a consagração do futebol como importante símbolo nacional, as Copas do Mundo, desde a primeira edição, surgiram como eventos geradores de “tradições inventadas políticas”, com a construção de estágios grandiosos, por exemplo, e de “tradições sociais”, com a consagração dos “países de camisa” e dos estilos de jogo (CABO & HELAL, 2014, p.30). Roberto Da Matta classifica as Copas do Mundo como momento de celebração máxima da associação entre “seleção brasileira de futebol” e “povo brasileiro” (DAMATTA apud GUEDES, 2009, p.461).

A Copa do Mundo foi criada a partir das divergências entre o COI (Comitê Olímpico Internacional) e a Fifa (Federação Internacional de Futebol) sobre o amadorismo e profissionalismo dos esportes (GIGLIO & RUBIO, 2014, p.17). Segundo os pesquisadores Sérgio Settani Giglio e Katia Rubio, é possível que já naquele momento o então presidente da Fifa, Jules Rimet, tenha percebido o potencial competitivo do futebol, que já aparecia como principal atração nos jogos olímpicos, e visado sua autonomia em relação às demais modalidades (GIGLIO & RUBIO, 2014, p.18).

Além das posições divergentes, as disputas entre o COI e a Fifa envolviam o interesse em ter o controle do futebol (GIGLIO & RUBIO, 2014, p.26). O COI não aceitava que jogadores recebessem salários e compensações por se afastarem de seus times e participarem dos jogos olímpicos. Defendia a preservação do amadorismo. Por conta disso, houve um rompimento entre as duas instituições. Após várias tentativas, por parte do COI, de excluir o futebol das olimpíadas, a Fifa decidiu, em outubro de 1928, criar seu próprio campeonato mundial (GIGLIO & RUBIO, 2014, p.24).

O campeonato mundial de futebol da Fifa foi disputado pela primeira vez em 1930, aberto para amadores e profissionais. A competição deveria ocorrer de quatro em quatro anos, sendo dois anos depois dos jogos olímpicos. Segundo Giglio e Rubio, nos primeiros anos da competição muitas seleções deixaram de participar da Copa do

Mundo, devido às distâncias e dificuldades de locomoção. Na visão dos autores, só depois da Segunda Guerra Mundial, é que a Copa da Fifa se consolidou como “grande evento das seleções de futebol”, tomando o lugar até então ocupado pelos Jogos Olímpicos (GIGLIO & RUBIO, 2014, p.25).

No Brasil, segundo Guedes, a popularização da Copa do Mundo veio à tona em 1938, quando a seleção brasileira, com Leônidas da Silva e Domingos Da Guia, atraiu os holofotes do mundo, durante o torneio realizado na França. Mas, ainda de acordo com Guedes, o evento assumiu dimensões definitivas na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil (GUEDES, 2009, p.461). “Desde então, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de congregação máximo: as Copas do Mundo de Futebol” (GUEDES, 2009, p.462).

Nos períodos de Copa do Mundo, os governos decretam ponto facultativo, as pessoas saem nas ruas com os rostos pintados, levando cornetas e vestindo uniformes verde e amarelo. Se para torcer pelos clubes, desconhecidos viram grandes amigos e lotam arquibancadas para cantar, vibrar e empurrar o time, e ao mesmo tempo, secar, vaiar e xingar o inimigo, quando se trata da seleção brasileira torcedores de Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo esquecem a rivalidade e se unem em uma só torcida: pelo Brasil. “De quatro em quatro anos, seguindo o calendário imposto pela Fifa, a seleção brasileiro de futebol [...] tem encarnado o estado Brasileiro” (GUEDES, 2009, 462).

Guedes considera que a metonímia entre “seleção” e “povo brasileiro” vai depender, e muito, do momento vivido pelo selecionado, como o desempenho dos jogadores ao longo dos amistosos e partidas eliminatórias. Segundo Guedes, o “apogeu” desse sentimento de pertença ocorre com a “vitória final e a conquista do campeonato”, experiência vivenciada pela seleção brasileira por cinco vezes: 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 (GUEDES, 2009, p. 464).

É possível dizer que o Brasil para nos períodos de Copa. Engenheiros, taxistas, operários, empresários viram simplesmente torcedores brasileiros. “Nesses períodos, as imensas diferenças sociais e as distinções culturais, que, nos períodos “normais”, estruturam a sociedade, são secundarizadas e abstraídas”, o foco fica no pertencimento à nação (GUEDES, 2009, p.463). Como explica Anderson, nações são “comunidades imaginadas” que, independente das hierarquias e desigualdades existentes, estabelecem relações de “camaradagem horizontal” que “fazem sentido para alma” (ANDERSON, 2008, p.12-13).

Como dizia Durkheim, as sociedades passam por processos contínuos de reinvenção do sentimento de pertencimento (DURKHEIM apud GUEDES, 2009, p.462). Os esportes são, na modernidade, peças fundamentais na produção de identidades nacionais, mas “em poucas sociedades uma competição esportiva específica assumiu as dimensões que a Copa do Mundo de Futebol assumiu no Brasil na última metade do século XX” (GUEDES, 2009, p.462). Por conta disso, o pesquisador José Carlos Marques ressalta que a importância do futebol no país transcende a mera esfera do entretenimento, sendo incluída “no meio da ordem social” (MARQUES, 2014, p.85). Desta maneira, a Copa do Mundo e o futebol ocuparam o lugar de fonte de identidade nacional, como relata DaMatta no trecho abaixo:

Se, de fato, carnaval, religiosidade e o futebol são tão básicos no Brasil, tudo indica que, diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instituições centrais da ordem social, como as leis, a Constituição, o sistema universitário, a ordem financeira etc., mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim são a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato com o permanente de seu mundo social. (DAMATTA apud MARQUES, 2014, p.86)

Pelo campeonato de futebol da Fifa e o próprio esporte em si atingirem todas as dimensões já citadas, o antropólogo e pesquisador Edson Gastaldo considera a Copa do Mundo como um “fato social total”²¹, situação na qual se expressam todos os principais vetores que configuram a sociedade. Com isso, ele quer dizer que todos os elementos que fazem parte da vida social da nação estão presentes e se manifestam nas Copas do Mundo, sejam eles de natureza econômica, cultural, política ou religiosa, sem haver nenhuma hierarquia prévia entre tais elementos²².

Os debates que expõe como a multifocalidade do futebol se plasma no Brasil às vésperas de sediar a Copa do Mundo se manifestam, por exemplo, em discussões sobre modelos de gestão administrativa – que demandam grande subsídio do Estado sem que este tenha garantias razoáveis de retorno diante desse investimento; ou quanto a legislação de um país deve ser alterada para atender fins privados [...] O futebol, ao mobilizar um grande contingente de torcedores, expectadores e profissionais [...] interfere também no cotidiano e na vida dos mais variados atores que compõe o espaço público urbano. (NASCIMENTO, 2014, p.38)

²¹ Conceito desenvolvido pelo sociólogo Marcel Mauss

²² Edson Gastaldo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais, UERJ, 26 de setembro de 2014.

DaMatta acredita que durante o período da competição se vive um “tempo diferenciado”, experimenta-se uma realidade oposta a da vida cotidiana (DAMATTA apud GUEDES, 2009, p.464). Essa suspensão temporal ou realidade utópica é o que muitas vezes classifica o futebol, em uma “avaliação apocalíptica”, como ópio do povo (CABO & HELAL, 2014, p.32). Apesar disso, Guedes argumenta que se trata de um período “claramente delimitado”, com tempo para começar e terminar, o que faz com que não haja uma alienação da realidade e sim se viva um “tempo próprio”, com uma “história própria”, constituindo, desta forma, uma “suspensão simbólica do tempo histórico” (GUEDES, 2009, p.464).

Entretanto, o surgimento e ressurgimento da “comunidade imaginada Brasil”, reavivando sentimentos de pertencimento comum e delimitando alteridades, não se dá, simplesmente, de forma espontânea (GUEDES, 2009, p.463). As comunidades para serem imaginadas dependem de uma série de fatores, que influenciam diretamente nessa construção. E como Anderson ressalta, o sistema capitalista e a imprensa tem papel crucial na produção de tais comunidades (ANDERSON, 2008, p. 79-81).

Com a influência dos meios de comunicação desde as primeiras décadas do século XX, e descarte, as teorias apocalípticas do futebol como ópio do povo [...] as Copas do Mundo transformaram-se em megaeventos ritualísticos cujo espetáculo é assistido por bilhões de pessoas, mobilizando recursos econômicos e políticos que afetam os “jogos” identitários mesmo em tempos de padronização cultural²³ e questionamento dos Estados nacionais. (CABO & HELAL, 2014, p.32)

Gastaldo acredita que por conta da Copa do Mundo ser um “fato social total” ela tem a capacidade de criar uma unidade midiática quase inimaginável nos dias atuais. Para o pesquisador isso acontece graças à “sacralidade” entorno do evento, que reproduz em tempos laicos sentimentos, que ele considera ancestrais, como, por exemplo, a ideia de “todos somos um só”²⁴. Tal comparação nos remete novamente a Benedict Anderson, que sustenta que as “comunidades imaginadas” têm origem nas “comunidades sacras” e nas dinastias (ANDERSON, 2008, p.69).

Edson Gastaldo relata que a Copa do Mundo como megaevento é capaz de produzir grandes audiências e gerar grandes negócios. Por isso, interessa aos principais

²³ Segundo Néstor Canclini, em tempos de globalização e internacionalização a oposição entre o próprio e o alheio não parece mais conservar muito sentido. (CANCLINI, 2010, p.40)

²⁴ Edson Gastaldo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidade Nacional. 26 de setembro de 2014.

monopólios midiáticos e também aos governos sustentar toda a ritualização gerada em torno do evento, que por ser datado, ou seja, acontecer de quatro em quatro anos, vira tradição. O antropólogo afirma ainda que, no Brasil, a Copa do Mundo é totalmente midiática para a maior parte da população, que tem acesso aos jogos apenas pelo rádio, pela TV ou pela internet²⁵.

Para o antropólogo e pesquisador argentino Néstor García Canclini, a capacidade da mídia de influenciar na invenção de tradições e construção de símbolos nacionais, é resultado da descrença em instituições, como Igreja ou Estado. De acordo com o autor, a degradação da política faz com que respostas para perguntas “próprias dos cidadãos” sejam obtidas através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa. Como por exemplo: a que lugar pertencço? Quais são os meus direitos? Como posso me informar? Quem representa meus interesses?” (CANCLINI, 2010, p.37). Com isso, segundo Canclini, a tendência da sociedade é se afastar da época em que as identidades se definiam por “essências a-histórica”, como fica claro no trecho abaixo:

As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades – e do que isso gera na ampliação de desejos e expectativas – tornam instáveis as identidades fixadas [...] mostram outro modo de estabelecer as identidades e construir nossa diferença. (CANCLINI, 2010, p.39)

3.3 Nas vitórias e nas derrotas, somos “todos um só”?

“Somos porque ganhamos. Se perdemos deixamos de ser” (GALEANO, 2012, p.192). A fala de Eduardo Galeano sugere a dificuldade dos torcedores em lidar com as derrotas. Ao tratarmos de seleção, o tema é ainda mais grave, já que estamos lidando com um símbolo da identidade nacional. Uma derrota do selecionado é compreendida como uma derrota do país. Galeano cita que até em países desenvolvidos a eliminação das seleções nas Copas do Mundo ganha tons catastróficos. Na Inglaterra, por exemplo, a eliminação precoce na Copa de 1994 encabeçou as primeiras páginas dos jornais ingleses como “O FIM DO MUNDO” (GALEANO, 2010 p.193).

Segundo Guedes, enquanto o insucesso nos outros esportes costuma ser ignorado, no futebol, especialmente no Brasil, as derrotas demandam explicações “que

²⁵ Edson Gastaldo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidade Nacional. 26 de setembro de 2014.

ultrapassam em muito questões técnicas e táticas” (GUEDES, 2009, p.465). Para o pesquisador Maurício Drumond, as derrotas da seleção brasileira carregam um sentimento de tragédia nacional: “quem perdeu não foi a seleção e sim o Brasil”²⁶. Ao mesmo tempo, Guedes ressalta que as derrotas do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo “interrompem abruptamente o estado de *communitas*²⁷, reintroduzindo subitamente tudo o que estava secundarizado”, como as desigualdades e a fragmentação do “povo brasileiro”(GUEDES, 2009, p.464-465).

O pesquisador e professor Paulo Henrique do Nascimento afirma que é evidente a dificuldade com a qual os torcedores brasileiros lidam com derrotas, especialmente em Copas do Mundo. “Nação com mais títulos conquistados, o Brasil se consolidou como país do futebol inclusive por suas participações²⁸ no torneio”, porém, os cinco campeonatos²⁹, apesar de cultivarem um sentimento de superioridade em relação aos demais países, não foram suficientes para “eliminar do imaginário social brasileiro o lamento pelas derrotas em Copas” (NASCIMENTO, 2014, p.37).

Guedes explica que, na busca por incansáveis justificativas para perda, cada conjuntura histórica fornece elementos para interpretações do que é entendido como “fracasso nacional” (GUEDES, 2009, p.465). E no momento da derrota, apesar da metáfora estabelecida entre “seleção brasileira” e “Brasil”, alguns personagens são eleitos, “justa ou injustamente”, como responsáveis pelo fracasso (MARQUES, 2014, p.90). Segundo Maurício Drumond, “na teatralização do esporte você simplifica para justificar” e nessa hora é mais fácil achar um culpado, do que culpar uma nação³⁰.

Nascimento argumenta que um dos motivos dessa busca interminável por justificar derrotas é a dificuldade do povo brasileiro em admitir a capacidade do adversário vencer. “Parece inadmissível constatar que a vitória do adversário pode ter vindo, inclusive, porque o oponente se preparou tanto quanto, e naquele dia, naquele jogo, naquela disputa de pênaltis, mostrou-se superior” (NASCIMENTO, 2014, p.43).

²⁶ Maurício Drumond. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. UERJ, 26 de setembro de 2014.

²⁷ Comunidades imaginadas de Benedict Anderson.

²⁸ O Brasil é o único país que disputou as 20 edições da Copa do Mundo de Futebol realizadas até hoje. A seleção brasileira venceu ao todo 70 partidas e lidera o ranking da Fifa de seleção com mais vitórias no mundial, seguida pela Itália (45) e Argentina(42). Disponível em: www.fifa.com. Acessado em: 10 de fevereiro de 2016.

²⁹ Suécia 1958; Chile 1962; México 1970; Estados Unidos 1994; Coréia/Japão 2002. Disponível em: www.fifa.com. Acessado em: 10 de fevereiro de 2016.

³⁰ Maurício Drumond. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. UERJ, 26 de setembro de 2014.

Em 1934, o Brasil não foi bem na Copa do Mundo por conta das divergências entre a CBD e a FBF³¹. Em 1938, os jogadores estavam preparados, mas foram prejudicados pela arbitragem. 1954 não podemos levar em conta, porque estávamos de “ressaca do Maracanazo”³². Em 1966, vários fatores levaram a derrota, como as brigas da comissão técnica com a CBD, violência excessiva dentro de campo e suspeitas de compra da Copa pelos ingleses. Em 1974, a culpa foi do despreparo do técnico Zagallo. Em 1978, o “burocratismo militar sublimado pelo técnico Cláudio Coutinho”. A derrota de 1982 foi considerada inacreditável, até porque a seleção de Telê Santana era a representação do “jogo bonito”, apaixonando brasileiros e encantando espanhóis. Na ocasião, a vitória da Itália foi creditada parte ao passe errado de Cerezo e, principalmente, à atuação fatídica de Paolo Rossi. Em 1986, a seleção teria sido campeã se não fosse o pênalti desperdiçado por Zico. Em 1990, Sebastião Lazaroni e a “falta de maleabilidade de Era Dunga” foram os motivos da eliminação. Em 2006, o corpo mole de Ronaldinho Gaúcho e “o arrumar das meias do lateral-esquerdo Roberto Carlos” impediram a conquista do campeonato (MARQUES, 2014, p.91).

Depois da primeira conquista de Copa do Mundo em 1958, o Brasil consolidou-se como potência futebolística e conquistou mais quatro títulos [...] O terceiro triunfo, conquistado em 1970, trouxe também à nação brasileira um sentimento de soberania nesta plataforma internacional que se tornava o futebol disputado pelas seleções nacionais. Como não poderia deixar de ser, também de derrotas compôs-se a história da participação brasileira em Copas do Mundo. [...] Equipes que eram tidas como imbatíveis foram superadas; jogadores considerados geniais mostraram sua fragilidade demasiado humana; novos bodes expiatórios surgiram. (NASCIMENTO, 2014, p.43)

José Carlos Marques classifica as participações brasileiras nas Copas sob duas noções antagônicas: a da vitória e a da derrota. Segundo o autor, ambas “formam, há tempos, um movimento pendular que explica em boa medida o universo simbólico que envolve o futebol em torno da invenção de uma série de tradições³³” (MARQUES, 2014, p.87). O pesquisador Bernardo Buarque de Holanda acredita que tal movimento pendular, capaz de levar da arrogância ao sentimento de que “não valem nada”, de

³¹ Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e Federação Brasileira de Futebol (FBF).

³² Maurício Drumont. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. UERJ, 26 de setembro de 2014.

³³ Marques usa o conceito de tradição de Eric Hobsbawm: “novos e velhos ambientes sociais radicalmente modificados com a Revolução Industrial, os quais passam a exigir novos instrumentos que pudessem manter as identidades de grupos sociais há muito hierarquizados” (MARQUES, 2014, p.99)

forma tão rápida, pode ser considerado até mesmo infantil³⁴. Para Marques, o extremo negativo do pêndulo foi a derrota da Copa de 1950, em que a seleção brasileira perdeu para o Uruguai no Maracanã.

Trata-se de um momento ímpar da nossa história futebolística, no qual se estabelece um dos polos extremos desse processo pendular que oscila entre a negação completa de nossa equipe e a sublimação heroica de nossos jogadores. Este último terá início justamente no Mundial de 1958. (MARQUES, 2014, p.90)

Após a vitória do Uruguai, não faltaram “culpados” pelo vice-campeonato. Em momento algum foram levados em conta os possíveis méritos do time uruguaio, apenas a falta de mérito da seleção brasileira (NASCIMENTO, 2014, p.42). A Copa de 1950 é tema do próximo capítulo deste trabalho, no qual poderemos analisa-la com mais profundidade. O que pretendemos discutir neste momento é o tal movimento pendular.

O trauma de 1950 e o “complexo de vira-latas”³⁵ foram superados com o campeonato de 1958, na Suécia. O Brasil venceu os donos da casa por 5 a 2 na final. Segundo Nascimento, a vitória fez com que “os adjetivos pejorativos acerca do ser brasileiro” logo dessem lugar à exaltação (NASCIMENTO, 2014, p.42). Para Marques, a mestiçagem, tão criticada em 1950, foi considerada o diferencial para o sucesso da seleção em 1958, que havia entrado em campo com quatro jogadores negros e mulatos: Djalma Santos, Garrincha, Vavá e Pelé (MARQUES, 2014, p.92). Criou-se também, no Mundial de 1958, na Suécia, “uma série de tradições a respeito da supremacia do futebol brasileiro”, baseadas na habilidade dos jogadores e plasticidade das jogadas (MARQUES, 2014, p.97).

Porém, como já analisamos anteriormente, todos esses fenômenos, emoções e interpretações que parecem surgir naturalmente, na verdade são estimulados por uma série de “imperativos econômicos, que faturam com os sentimentos que são trazidos à tona para a população brasileira em épocas de Copa do Mundo” (GASTALDO apud NASCIMENTO, 2014, p.44). A mídia tem papel fundamental na produção desses sentimentos coletivos. Os discursos de exacerbada autoestima, os times invencíveis e os heróis mitológicos produzem uma série de memórias, que “marcam e demarcam as lembranças das pessoas, transformando assim o futebol em um intenso marcador de tempo” (NASCIMENTO, 2014, p.45).

³⁴ Bernardo Buarque de Holanda. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. UERJ, 26 de setembro de 2014.

³⁵ Inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face ao resto do mundo (MARQUES apud RODRIGUES, 1993, p.52).

Este movimento fica evidente na narração dos jogos da seleção brasileira, situação na qual a exaltação do time verde e amarelo é grande, grande como são as desqualificações aos adversários. A diferença no grito de “gol” dos locutores é apenas um exemplo de que, mais do que narrar um jogo, ali o principal objetivo é instigar o orgulho da população brasileira. (NASCIMENTO, 2014, p. 44)

Guedes defende que o “sucesso, regular ou esporádico” é, imediatamente, incorporado como sucesso coletivo, “contribuindo para a construção de uma autoimagem do Brasil e dos brasileiros” (GUEDES, 2009, p.465). Em 2002, por exemplo, quando o capitão Cafu ergue a taça vestindo a camisa com a inscrição “100% Jardim Irene”³⁶, “conecta o topo do mundo ao seu local de origem” (GUEDES, 2009, p.466). Apesar do caráter pessoal da frase, para Guedes podemos interpretá-la como uma manifestação coletiva de que, apesar de contratados por times europeus, de receberem salários altíssimos e viverem no exterior, os jogadores venceram a Copa pelo Brasil. (GUEDES, 2009, p.476).

Uma característica das vitórias que contribui para a reconstrução da identidade nacional durante as Copas do Mundo é o surgimento de ídolos e heróis (GUEDES, 2009, p. 473). Segundo o pesquisador Victor de Leonardo Figols, no futebol o ídolo é o protagonista do espetáculo esportivo, “cuja presença é imprescindível”. Já o herói tem a imagem vinculada a “feitos notáveis”, sendo capaz de superar todas as dificuldades (FIGOLS, 2014, p.98). Para o sociólogo Ronaldo Helal, a trajetória do herói do futebol se aproxima dos heróis clássicos³⁷, ligada à luta, à disputa e ao sucesso em virtude do fracasso do oponente (HELAL apud VIEIRA, 2007, p.82).

Figols sustenta que o futebol “como fenômeno de massa necessita dessas duas figuras – ídolo e herói – para se sustentar, em grande parte porque o público se identifica com elas” (FIGOLS, 2014, p.98). O autor defende ainda que o surgimento de ambos é atribuído à torcida e à mídia, “mais especificamente à imprensa esportiva”. No caso do jogador Ronaldo, por exemplo, sua carreira no futebol foi bastante explorada pela mídia. Em 1994, carregou o status de ídolo e “foi visto como herói após as Copas de 1998, 2002 e 2006” (FIGOLS, 2014, p.98).

³⁶ Bairro de São Paulo onde Cafu passou sua infância.

³⁷ Herói é uma figura arquetípica que reúne em si os atributos necessários para superar de forma excepcional um determinado problema de dimensão épica. O heroísmo é um fato profundamente arraigado no imaginário e na moralidade popular. Feitos de coragem e superação inspiram modelos e exemplos em diversos povos e diferentes culturas. Situações de guerra, de conflito e de competição são ideais para se realizar feitos considerados heroicos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3i>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2016.

Idolatrado em todos os clubes que jogou, Ronaldo foi alçado ao patamar de herói depois dos problemas de saúde que enfrentou em 1998. O episódio conhecido como “drama de Ronaldinho”, em que o jogador passou mal poucas horas antes do jogo e mesmo assim foi escalado para jogar, foi eleito pela imprensa como um dos motivos da derrota da seleção brasileira para a França, por 3 a 0. Porém, o jogador não foi considerado vilão. Os grandes culpados foram as empresas e a CBF, que teriam obrigado o jogador a entrar em campo por conta de contratos (FIGOLS, 2014, p.8). Inclusive, a consternação da população brasileira diante do resultado da Copa de 1998, na França, levou a instauração de uma CPI para investigar as relações entre a Confederação Brasileira de Futebol e a empresa americana Nike (NASCIMENTO, 2014, p.39).

Em 2002, Ronaldo chegou desacreditado à Copa, após ter feito uma cirurgia no joelho, e foi considerado peça chave para seleção conquistar o pentacampeonato. Em 2006, mesmo acima do peso, Ronaldo, que recebeu o apelido de fenômeno, se tornou o maior artilheiro de todas as edições do evento. Com todas as dificuldades, altos e baixos, o jogador passou a ser aclamado como herói: “aquele que transcende a sua própria condição e supera os obstáculos aparentemente intransponíveis, com força, coragem e sabedoria” (FIGOLS, 2014, p. 98-99).

Podemos concluir que o futebol no Brasil consegue ser um mecanismo que deixa profundas marcas no imaginário popular, “tanto na espetacularidade da vitória, como na dramaticidade da derrota” (MARQUES, 2014, p.91). De quatro em quatro anos, quando está para se iniciar uma nova edição do mundial, “as vitórias são recuperadas para inspirar, e as derrotas, para servirem de lição” (NASCIMENTO, 2014, 45). Mesmo diante desse movimento pendular de glórias e traumas, que atingiu novamente o ponto mais baixo na derrota da seleção para Alemanha, por 7 a 1, na Copa do Mundo de 2014, podemos considerar que o futebol permanece sendo “um veículo insuperável para construção e reconstrução da identidade social brasileira, figurando nas Copas do Mundo de futebol, rituais nacionais, períodos nos quais se reinventa o Brasil como comunidade imaginada” (GUEDES, 2009, p.481).

4 COMPARAÇÃO DAS DERROTAS DE 1950 E 2014

Tomando o futebol como símbolo da identidade nacional, capaz de produzir uma “comunidade imaginada”, este capítulo pretende fazer uma análise comparativa da reação do povo brasileiro às derrotas nas duas Copas de Mundo disputadas no país. Para isso, precisamos entender o contexto político econômico nas épocas em que as competições ocorreram e o momento do futebol brasileiro a nível mundial.

É importante também termos em mente como cada derrota se desenhou dentro de campo e repercutiu nas arquibancadas. Para tal análise tomamos como base as transmissões das partidas no rádio, utilizando arquivos da Rádio Nacional, Rádio Tupi, Rádio Globo e Rádio Transamérica. Entrevistas com jornalistas e analistas do futebol também ajudam a entender a diferença entre as duas derrotas, que de formas distintas, entraram para história do país e do futebol brasileiro. Mas, será que com todas as mudanças que o futebol veio passando nesse intervalo de tempo, podemos continuar considerando o esporte como ícone da identidade nacional?

4.1 Copa de 1950: o silêncio de um país

“A derrota de 1950 é única [...] é mítica. E dificilmente perderá ter seu caráter aurático”. Foi assim que a pesquisadora Leda Costa caracterizou a derrota da seleção brasileira para o Uruguai na primeira Copa do Mundo realizada no Brasil. Para a autora, muitas derrotas se sucederam, piores até do que a de 1950, se considerarmos placar ou atuação da seleção. Mas, o sentimento que tomou conta do Brasil aquele dia, “extrapolou e muito as quatro linhas do campo, sendo compreendida como uma derrota da nação” (COSTA, 2014, p.4).

Getúlio Vargas conseguiu, em seu governo, criar no povo brasileiro a ideia de nação, de unidade nacional, como já abordamos no presente trabalho. Segundo o pesquisador Francisco Brinati, “o entusiasmo pelo futebol combinava o nacionalismo e o orgulho cívico tão defendidos pelo Estado Novo” (BRINATI, 2014, p.6). Getúlio investiu no esporte e após a boa imagem que a seleção brasileira deixou na Copa de 1938 na França, o sonho do título mundial ficou cada vez mais real. E por que não conquistá-lo em casa?

Vargas tinha a consciência de que realizar uma Copa do Mundo daria ao Brasil uma projeção internacional, “tal como a Itália fascista, com a Copa de 1934, e a Alemanha nazista, que realizou em 1936 a maior Olimpíada jamais vista até então”. Segundo Gilmar Mascarenhas, a Copa, no panorama geopolítico mundial, funcionava de “vitrine das nações mais poderosas” (MASCARENHAS, 2014, p.106). Mas o sonho do Brasil sediar a Copa do Mundo foi adiado por conta da Segunda Guerra Mundial e, de acordo com Marcus Guterman, acabou não acontecendo no governo de Getúlio. (GUTERMAN, 2010, p.87).

Apesar do fim do Estado Novo, em 1945, e o início do governo democrático com a eleição de Eurico Gaspar Dutra, os projetos desenvolvimentistas de modernização e industrialização, iniciados por Getúlio, tiveram continuidade. Segundo Gilmar Mascarenhas, o Brasil vivia a perspectiva de se alinhar às grandes nações “operosas e civilizadas” (MASCARENHAS, 2014, p.125).

A Copa de 1950 vinha assim num momento em que havia no Brasil o desejo de mostrar orgulho e desenvolvimento, uma forma de provar que o país não era somente um lugar musical, luxuriante e improdutivo. (GUTERMAN, 2010, p.91)

Para Guterman, estava clara a intenção de Dutra em colocar o Brasil entre os grandes e mostrar ao mundo a capacidade de organização brasileira em um evento que atrairia a atenção de todos. E o triunfo brasileiro dentro de campo seria uma forma de resposta “àqueles que nos julgavam meros amadores primitivos” (GUTERMAN, 2010, p.90). Para Leda Costa, a Copa do mundo no Brasil “colocava em xeque, não apenas o futebol brasileiro, mas o próprio país” (COSTA, 2014, p.6).

Em 1946, o Brasil foi escolhido para sediar a Copa de 1950, primeira no pós-guerra. Um ano depois, o Rio de Janeiro abriu licitação para escolher o projeto de construção do Maracanã (GUTERMAN, 2010, p.92), considerado por Mascarenhas, “o grande legado físico de 1950” (MASCARENHAS, 2014, p.125). Um dos motivos de construir o Maracanã, segundo Mascarenhas, seria a rivalidade entre cariocas e paulistas. São Paulo já tinha um estádio público, o Pacaembu, construído em 1940, em que não havia apenas o campo de futebol, mas instalações para outras modalidades (MASCARENHAS, 2014, p.123). Ary Barroso foi um entusiasta do estádio e protagonizou o debate na Câmara dos deputados pela construção. A previsão era que o Maracanã tivesse 150 mil lugares. Depois de uma pesquisa de opinião, encomendada por Ary, ficou decidido que o estádio seria construído na área do antigo Derby Club.

79,2% da população aprovou a construção do Maracanã, batizado com o nome do então prefeito do Rio, Mendes de Moraes. (GUTERMAN, 2010, p.92).

A Copa ia se mostrando capaz de afirmar o Brasil como potência não só no futebol, mas também na engenharia civil e na economia (MASCARENHAS, 2014, p.132). Ao mesmo tempo, a seleção brasileira se mostrava favorita ao título, tanto pelo sucesso na Copa de 1938, quanto por ser o país-sede da competição (NASCIMENTO, 2014, p.41). Mendes de Moraes chegou a declarar que os jogadores tinham obrigação de vencer o torneio, depois dos imensos esforços públicos para que o evento acontecesse (GUTERMAN, 2010, p.92).

Sete países americanos e seis nações europeias, “recém ressurgidas dos escombros”, participaram do campeonato da Fifa daquele ano (GALEANO, 2012, p.90). O Brasil estreou na Copa no dia 24 de junho de 1950, diante de mais de 80 mil torcedores, no Maracanã, vencendo o México por 4 a 0. Quatro dias depois, no Pacaembu, a seleção empatou em 2 a 2 com a Suíça, levando o gol de empate aos 43 minutos do segundo tempo, “para decepção de 43 mil torcedores” (GUTERMAN, 2010, p.95). O Brasil precisava vencer a Iugoslávia para se classificar. Os pesquisadores Ronaldo Helal e Álvaro do Cabo destacam que pouco se comentou que os brasileiros poderiam ter sido eliminados na primeira fase da competição (CABO & HELAL, 2014, p.59). Mas, muito motivada, a seleção brasileira venceu por 2 a 0, retomando a confiança dos torcedores (GUTERMAN, 2010, p.95).

“A Copa contagiava a cidade. Os jornais anunciavam festa veneziana, ou seja, desfile de barco pela Baía de Guanabara [...] em homenagem às delegações presentes” (CABO & HELAL, 2014, p.63). As goleadas nas semifinais sobre Suécia, por 7 a 1, e Espanha, por 6 a 1³⁸, embalaram ainda mais o país. As repartições públicas funcionavam em meio expediente e a seleção era o assunto em todos os lugares (CABO & HELAL, 2014, p.64). Só restava um jogo para o Brasil se tornar campeão mundial: a final contra o Uruguai. “Pela primeira vez, a conquista do mais importante campeonato de futebol deixava de ser um sonho distante e se tornava cada vez algo não apenas possível, mas até mesmo certo” (COSTA, 2014, p. 5).

Segundo o escritor uruguaio, Eduardo Galeano, “o Brasil era uma barbada”. O país estava em festa. A seleção brasileira vinha “esmagando todos os seus rivais de

³⁸ A partida é lembrada pelas 150 mil pessoas presentes no Maracanã terem entoado o sucesso, “Touradas em Madri”, de Braquinha (GUTERMAN, 2010, p.95), acenando lenços brancos (CABO & HELAL, 2014, p.65).

goleada em goleada”, os jogadores brasileiros receberam de véspera “relógios de ouro gravados no dorso: aos campeões do mundo” (GALEANO, 2012, p.90). A campanha com bons jogos levou a uma euforia e “a um clima de já ganhou antecipado” por parte da imprensa e dos torcedores (BRINATI, 2014, p.7). O Brasil jogaria pelo empate. Os jornais, impressos de véspera, já colocavam fotos dos jogadores da seleção sob a manchete de campeões mundiais (GUTERMAN, 2010, p.95).

Na véspera, ao invés de se concentrarem no Joá, como de costume, os jogadores brasileiros foram levados a São Januário, onde sofreram assédio de torcedores e cartolas, “ávidos por faturar em cima do sucesso garantido da seleção” (GUTERMAN, 2010, p.95). Há relatos de jogadores que não conseguiram nem almoçar, naquele dia, atrapalhados por políticos, como Ademar de Barros, que seria candidato à presidência da República em 1955³⁹.

Cabo e Helal ressaltam que os torcedores brasileiros se esqueceram dos méritos do adversário. Cabeça de chave do grupo quatro, o Uruguai teve que enfrentar apenas uma seleção na fase eliminatória e venceu a Bolívia por uma goleada de 8 a 0. Na fase final, os uruguaios enfrentaram dificuldades para passar pela Espanha e Suécia. A seleção celeste arrancou um empate com os espanhóis no final da partida e virou contra os suecos nos últimos quinze minutos, virada que os classificou para a final. Apesar da melhor campanha brasileira, “os uruguaios estavam vivos” e para os torcedores da nação vizinha a vitória sobre o Brasil era possível, pois, apesar das dificuldades técnicas e táticas, os jogadores uruguaios contavam com atributos físicos e morais, miticamente ligados a chamada “garra *charrúa*” e a camisa celeste, que deram ao Uruguai às conquistas dos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, principal campeonato mundial de futebol à época, e da Copa do Mundo FIFA de 1930⁴⁰ (CABO & HELAL, 2014, p.66-72).

Mas, diante de tamanho espetáculo patriótico e dificuldade dos torcedores brasileiros lidarem com o mérito do oponente (NASCIMENTO, 2014, p.40), “vislumbrava-se [...] a apoteose triunfal” (CABO & HELAL, 2014, p.67). Enfim, chegou o dia do último jogo do quadrangular final, que definiria a seleção campeã do mundo em 1950. “Os números variam de 173 mil a 199 mil torcedores na decisão, de qualquer maneira o maior público da história das Copas” (GUTERMAN, 2010, p.95).

³⁹ Copa de 1950. Documentário Viva o Rádio. Rio de Janeiro: Rádio Globo, 27 dezembro de 2011. Programa de rádio. Disponível em www.radioglobo.globoradio.globo.com/viva-o-radio/2011/12/27/VIVA-O-RADIO-COPA-DE-1950.htm. Acessado em 15 de fevereiro de 2016.

⁴⁰ 1924 e 1928 enquanto o principal Campeonato de futebol eram os Jogos Olímpicos.

A seleção brasileira contava com 22 jogadores convocados: os goleiros Barbosa e Castilho; os zagueiros Augusto, Nilton Santos, Juvenal e Nena; os médios Bauer, Eli, Danillo, Rui, Bigode e Noronha; e os atacantes Friaça; Alfredo; Zizinho; Maneca; Baltazar; Adãozinho, Jair Rosa; Ademir Menezes; Chico; e Rodrigues. Todos comandados pelo técnico Flávio Costa⁴¹. Do outro lado, a seleção Uruguaia tinha como time principal: Máspoli; Matias González e Tejera; Gambetta, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Míguez, Schiaffino e Vidal ou Morán; sob comando do técnico Juan Lopez⁴².

A Copa de 1950 foi a segunda transmitida pelo rádio brasileiro⁴³, que ainda vivia sua Era de Ouro no país. Como vimos no primeiro capítulo, o rádio teve papel fundamental na construção de uma unidade nacional no Brasil e também na popularização do futebol, fazendo o esporte virar a verdadeira paixão nacional. Retomando Benedict Anderson, o rádio foi capaz de criar verdadeiras “comunidades imaginadas”. Ouvindo um programa de auditório ou uma partida de futebol, o ouvinte tinha total consciência das milhares de famílias que estavam reunidas em torno de seus aparelhos receptores, compartilhando das mesmas informações e emoções. Isso se deve, em grande parte, ao caráter intimista e emotivo do rádio, capaz de mexer com o imaginário do ouvinte (MOSTARO, 2014, p.9). Desta forma, o rádio também foi responsável por fazer do Mundial da Fifa um megaevento, capaz de parar o Brasil (MOSTARO, 2014, p.19).

Para o pesquisador Filipe Mostaro, a transmissão lance a lance de uma competição como a Copa do Mundo é o momento mais importante do radiojornalismo esportivo. “Nela mesclam-se planejamento e improviso”, no trabalho conjunto entre narradores, comentaristas, repórteres, plantonistas e demais profissionais envolvidos na transmissão (MOSTARO, 2014, p.52). A TV ainda não tinha chegado ao Brasil no período da Copa⁴⁴, logo a transmissão dos jogos foram feitas exclusivamente pelo rádio,

⁴¹ Disponível em: www.bolanaarea.com/copa_do_mundo_1950_almanaque.htm. Acessado em: 16 de fevereiro de 2016.

⁴² Disponível em: www.imortaisdofutebol.com/212/10/02/selecoes-imortais-uruguai-1950/. Acessado em: 16 de fevereiro de 2016.

⁴³ A primeira Copa transmitida ao vivo pelo rádio foi a de 1938, quando Gagliano Neto fez a transmissão dos jogos diretamente dos estádios franceses. Disponível em www.radioglobo.globo.com/sobre-a-radio/2010/01/13/66-ANOS-DE-HISTORIA.htm. Acessado em 16 de fevereiro de 2016.

⁴⁴ A TV só chegou no Brasil em 18 de setembro de 1950. A primeira Copa transmitida pela televisão foi a de 1954 e apenas em 1970, foi realizada a primeira transmissão ao vivo dos jogos da Copa do Mundo para o Brasil. Disponível em: www.memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copas-do-mundo.htm. Acessado em: 16 de fevereiro de 2016.

com toda a emoção característica dos narradores, capazes de “mexer com a sensorialidade do ouvinte e fornecer a ele uma visão do que acontece” (MOSTARO, 2014, p.58). O que deu ainda mais emoção à partida final contra o Uruguai.

Maracanã, 16 de julho de 1950. O Brasil entra em campo. Em jogo? O título mundial. A Rádio Nacional transmitiu a partida para todo o país e deu assistência técnica as emissoras estrangeiras presentes no estádio, a fim de colocar o mundo “a par do maior acontecimento esportivo realizado no país”⁴⁵. Antes dos locutores Antônio Cordeiro e Jorge Curi tomarem a palavra, entoou no rádio o hino nacional brasileiro, cantado pelas quase 200 mil pessoas presentes no Maracanã. Impossível não se emocionar. Foram três minutos de hino capazes de transportar quem escutava para dentro do “Estádio Mendes de Moraes”. Antônio Cordeiro abriu a transmissão da seguinte maneira:

Acaba de ser cantado pela multidão o hino nacional brasileiro, repetindo o magnífico espetáculo de civismo que já tivéramos oportunidade de presenciar também na última quinta-feira aqui no estádio Mendes de Moraes, por ocasião da peleja entre o Brasil e a Espanha. Aqui estando, esse auditório magnífico de 180 mil pessoas voltou a dar uma demonstração patriótica vinculada ao mesmo tempo a essa manifestação esportiva e que sem dúvida ficará gravada na história do campeonato do mundo como um dos espetáculos mais brilhantes ao qual tivemos oportunidade de presenciar.⁴⁶

Cordeiro e Curi dividiam a narração dos jogos na Rádio Nacional. Cada um ficava de um lado do campo, como era comum na época. Cesar Alencar atuou como repórter de campo. Este foi o trio que cobriu, no Maracanã, a final histórica pela principal rádio pública do país à época⁴⁷. “Na entrada do time em campo, maus presságios começaram a aparecer. A bandeira brasileira estava de ponta-cabeça e assim mesmo foi hasteada”⁴⁸. O jogo começou e foi o Brasil foi quem saiu com a bola e deu as primeiras chegadas ao ataque. Mas, “a linha ofensiva da seleção – capitaneada pelo artilheiro Ademir Menezes, o Queixada – parou nos zagueiros uruguaios” (GUTERMAN, 2010, p.96). O primeiro tempo terminou em 0 a 0. “A torcida diminuiu

⁴⁵ Divulgado em: www.agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-06/radio-nacional-rede-inedita-de-radios-publicas-para-transmissao-da-copa. Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

⁴⁶ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional. 16 de julho de 1950.

⁴⁷ Disponível em: www.agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-06/radio-nacional-rede-inedita-de-radios-publicas-para-transmissao-da-copa. Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

⁴⁸ Disponível em: www.imortaisdofutebol.com/2013/04/30/jogos-eternos-brasil-1x2-uruguai-1950/. Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

um pouco seu ímpeto”, pois esperava uma goleada da seleção brasileira, mas o empate era bom para o Brasil (GUTEMAN, 2010, p.96).

“Já está em campo o quadro brasileiro”⁴⁹, anunciou Jorge Curi. Logo no início do segundo tempo, Friaça abriu o placar para o Brasil e Curi narrou:

Zizinho recupera mandando de novo os brasileiros para o ataque com Ademir, servido na entrada da área. Empurrou para Friaça. Atenção, entrou na área, atirou [pausa] GOAL! [pausa, som da torcida] GOOL brasileiro. Friaça. GOOL brasileiro. Friaça. Estão reclamando. Estão reclamando os uruguaios de impedimento de Friaça [pausa] Não houve impedimento. Não houve impedimento. Obdulio Varella vai agora chorar lá com o bandeirinha [...] Gool de Friaça. Há um minuto do segundo tempo.⁵⁰

“Quando o brasileiro Friaça converteu o primeiro gol, um estrondo de duzentos mil gritos e muitos foguetes sacudiu o monumental estádio”, relatou Eduardo Galeano (GALEANO, 2012, p.91). A comemoração da torcida era tamanha que quase impossibilitava o ouvinte de escutar a narração de Curi. “A festa pelo título mundial começava, mas os uruguaios não se sentiram convidados para a comemoração”. Guterman conta que o experiente capitão uruguaio, Obdulio Varella pegou a bola, levou para o meio de campo e gritou para seus companheiros: “Chegou a hora de vencer”. (GUTERMAN, 2010, p.96)

Aos 22 minutos, Schiaffino empatou o jogo para os uruguaios e Antônio Cordeiro narrou na Rádio Nacional:

Avança Julio Perez. Continua progredindo. Atraí o Danilo, perdeu para o centro-medio. Recuperou Julio Perez, bateu Jair, entregou a Obdulio. Obdulio abriu na ponta direita para Ghiggia. A pelota chegou ao seu destino. Bigode tenta para-lo. Falhou. Bola para Ghiggia. Centrou à boca do gol. Emendou a Schiaffino. Gool do Uruguai [pausa, comemoração discreta da torcida uruguia] Goal de Schiaffino⁵¹.

“Começava a ser criado um dos vilões da derrota” (GUTERMAN, 2010, p.96). Bigode foi acusado pelos narradores da Rádio Nacional de falhar na jogada que culminou no gol uruguaio. O empate ainda consagrava os brasileiros campeões, mas já se percebia certa tensão nas arquibancadas. Doze minutos depois, Ghiggia em um “tiro cruzado” deu o campeonato ao Uruguai (GALEANO, 2012, p. 91). Barbosa, pensando

⁴⁹ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

⁵⁰ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

⁵¹ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

que Ghiggia iria cruzar para Schiaffino, se adiantou, mas o jogador uruguaio “manteve a corrida e chutou direto para o gol” (GUTERMAN, 2010, p.96). Gol do Uruguai:

Ghiggia devolveu a Julio Perez que vai em profundidade ao ponteiro direito. Corre Ghiggia. Aproxima-se do gol do Brasil e atira [voz tensa, quase aos gritos] Gol. [pausa longa] Gool do Uruguai. Ghiggia. [pausa] Segundo gol do Uruguai.⁵²

A citação acima é um trecho da narração, quase que frustrada, de Antônio Cordeiro do segundo gol da seleção uruguaia. Gol, que segundo Paulo Perdigão, era inacreditável. “Bola cuja trajetória formava um ângulo com a linha de fundo de cerca de 20 a 25 graus. Condições estas pouco favoráveis a um chute direto, o que fazia parecer impossível que a bola entrasse. Mas ela entrou” (PERDIGÃO apud COSTA, 2014, p.6). O Maracanã silenciou. “A torcida emudeceu” (GUTERMAN, 2010, p.96).

O lance de Ghiggia também foi narrado por Luiz Mendes, na Rádio Globo. A emoção do locutor era tanta, que, com a voz embargada, deu nove anúncios de gol. Cada grito teve uma inflexão diferente. Ganhou tons de espanto, dúvida, consternação, conformismo, tristeza e desânimo.⁵³ Abaixo, um trecho da transmissão do segundo gol do Uruguai, por Luiz Mendes, na Rádio Globo:

Ghiggia na corrida, vai passando livre, atira, gol do Uruguai. Foi gol? Foi gol? [pausa] Gool do Uruguai [pausa] Gol do Uruguai, Ghiggia. Gool do Uruguai Ghiggia [respiração ofegante] Gol do Uruguai, Ghiggia [pausa, tosse] Gol do Uruguai [pausa]. Não é possível. [pausa] Gol do Uruguai, Ghiggia⁵⁴.

“O silêncio no Maracanã, naquele dia 16 de julho de 1950, entrou para história do futebol mundial” (GUTERMAN, 2010, p.96). Os jogadores brasileiros choravam copiosamente e o Brasil chorava com eles. Antônio Cordeiro, ao anunciar o término do jogo e o campeonato do Uruguai, descreveu: “desolação natural da torcida aqui no estádio Maracanã”. Disse ainda: “Na realidade foi uma peleja brilhantemente disputada e onde a seleção brasileira, em nenhum momento, correspondeu à expectativa dos aficionados”⁵⁵. Dentro de campo, César de Alencar reportou o seguinte cenário:

Muito bem Cordeiro. Embora nos falem ânimo e entusiasmo diante da desolação que vemos nos jogadores brasileiros, vamos chegando perto de Danilo, que chora copiosamente no centro do gramado, mal

⁵² Transmissão do jogo Brasil e Uruguai de 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

⁵³ Disponível em: radioglobo.globoradio.globo.com/sobre-a-radio/2010/01/13/66-ANOS-DE-HISTORIA.htm. Acessado em: 15 de fevereiro de 2016.

⁵⁴ Transmissão do segundo gol do Uruguai na final da Copa de 1950. Rio de Janeiro: Rádio Globo, 16 de julho de 1950.

⁵⁵ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

se conformando com esse resultado que ninguém esperava. Danilo chora copiosamente aqui no centro do campo. Os outros jogadores brasileiros já foram todos para dentro do vestiário. Não há mais nenhum jogador brasileiro aqui [...] Continue Cordeiro, nós não temos palavras, por favor⁵⁶.

Segundo a pesquisadora Leda Costa, a derrota de 1950 se transformou em uma tragédia constantemente lembrada (COSTA, 2014, p.7). Para Edson Gastaldo, mede-se o carinho, a paixão, a ligação com a seleção pelo luto da derrota. Ele exemplifica dizendo que “tem viúva até hoje” da derrota de 1950⁵⁷. Marcos Guterman sustenta que o país que começava a se orgulhar de seus feitos, “viu-se de repente derrotado, no momento mesmo em que todas as circunstâncias lhe pareciam favoráveis, como se o destino não quisesse que o Brasil fosse grande” (GUTERMAN, 2010, p.99).

Os autores concordam que os jogadores da seleção brasileira de 1950, ficaram marcados pela derrota para o Uruguai, batizada pela mídia de Maracanazo (BRINATI, 2014, p.7). Como verificamos no capítulo anterior, é comum nas derrotas da seleção brasileira surgirem grandes vilões, responsabilizados pelo fracasso. Após o resultado negativo contra o Uruguai, “não faltaram bodes expiatórios ao vice-campeonato brasileiro” (NASCIMENTO, 2014, p.41), como lista Paulo Nascimento:

O exagero da imprensa ao apontar como dado um resultado a ser conquistado, o lugar que serviu de concentração ao time às vésperas da final, a cor do uniforme, o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai. (NASCIMENTO, 2014, p.41)

Apesar dos vários motivos que foram atrelados à derrota de 1950, é consenso entre os autores que os mais culpabilizados foram os negros: Juvenal, Bigode e Barbosa. “A derrota não era apenas da seleção, mas aparentemente também de um projeto de país, de um sentido de comunidade que se estava construindo, tendo o futebol como símbolo e a mulatice freyreana como representação” (GUTERMAN, 2010, p.100). O potencial da mestiçagem começou a ser questionado.

Eduardo Galeano relembra que Barbosa foi eleito, antes da final, como o melhor goleiro do campeonato e, segundo escritor, era, “sem dúvidas”, o melhor goleiro do Brasil (GALEANO, 2012, p.93). Barbosa foi seis vezes campeão carioca pelo Vasco e conquistou a Copa América de 1949 pela seleção. Até a derrota na final, a campanha do

⁵⁶ Transmissão do jogo Brasil e Uruguai 1950. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, 16 de julho de 1950.

⁵⁷ Edson Gastaldo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. Uerj, 26 de setembro de 2014.

Brasil e as atuações de Barbosa eram impecáveis⁵⁸. Mas nada disso foi suficiente para poupá-lo. A imagem do goleiro jamais conseguiu se desvincular da derrota de 1950 (COSTA, 2014, p.7).

O pesquisador José Carlos Marques conta que as farpas lançadas sobre Barbosa foram tantas que, anos antes de falecer, o goleiro declarou em depoimento que “no Brasil, a maior pena que existe é de trinta anos, por homicídio” e que ele já estava cumprindo mais de quarenta por um erro, que diz não ter cometido (MARQUES, 2014, p.90). Em 1993, aos 72 anos, Barbosa passou pelo constrangimento de ser barrado na concentração da seleção brasileira, na Granja Comary. O Brasil enfrentaria o Uruguai, no Maracanã, em jogo decisivo das Eliminatórias para a Copa de 1994. A comissão técnica, comandada por Carlos Alberto Parreira, impediu Barbosa de entrar para conversar com o goleiro Taffarel, a fim de evitar qualquer relação do jogo com o fracasso de 1950. Só nos anos 2000 foi que o suposto erro de Barbosa tornou-se cada vez menos evidente e homenagens foram prestadas ao goleiro injustiçado⁵⁹.

Outro motivo ao qual foi relacionada à derrota de 1950 foi o “complexo de vira-latas” dos brasileiros, citado de forma recorrente nas crônicas de Nelson Rodrigues. O cronista definiu o “complexo de vira-latas” como “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” em todos os setores e, sobretudo, no futebol (RODRIGUES apud MARQUES, 2014, p.93).

Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES apud NASCIMENTO, 2014, p.42)

Para Nelson Rodrigues, o complexo de vira-latas já existia na sociedade brasileira e teria se fortalecido com a derrota de 1950, no que ele chamou de “maior catástrofe nacional, nossa Hiroshima, na qual cada um de nós pagou nossos pecados nas últimas 45 encarnações” (MARQUES, 2014, p.94). Mais tarde, em 1958, o cronista atestaria que, graças ao futebol e ao campeonato mundial conquistado, foi possível superar tal complexo.

⁵⁸ Disponível em: esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,a-pena-perpetua-de-barbosa,1508993. Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

⁵⁹ Disponível em: esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,a-pena-perpetua-de-barbosa,1508993. Acessado em: 17 de fevereiro de 2016.

Em suma, os efeitos e justificativas para o revés do Brasil na Copa de 1950 transcenderam e muito o âmbito do esporte. “Ficou a angustia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã, e também uma desesperança quanto à efetivação de qualquer projeto coletivo” (PERDIGÃO apud MARQUES, 2014, p.91). Com a derrota, segundo Guterman, “entrou em parafuso a certeza de que o Brasil estava apto a pleitear um lugar entre as grandes nações” (GUTERMAN, 2010, p.101). Todos esses fatores fizeram a derrota de 1950 se firmar no imaginário coletivo como tragédia nacional, fazendo dela única, incomparável às demais derrotas da seleção brasileira.

4.2 Copa de 2014: ainda somos o país do futebol?

O contexto da Copa do Mundo de 2014 é completamente diferente do verificado em 1950, tanto no que diz respeito ao momento histórico, político e econômico do país, quanto à conjuntura do futebol brasileiro. Em 2014, o Brasil já era pentacampeão mundial, país com mais títulos em Copas do Mundo, diferente de 1950, quando o país sonhava com seu primeiro título. Para o pesquisador Bernardo Buarque de Holanda, nesse sentido, o efeito simbólico de 1950 é muito maior. Na época, o futebol, recém popularizado, buscava se firmar como orgulho nacional⁶⁰.

Muitos autores defendem que a derrota de 2014 foi menos sentida pela população, por conta dos novos parâmetros em que se organiza e consome o futebol, e também pela grandiosidade do placar que eliminou o Brasil do torneio, colocando em cheque a supremacia da seleção pentacampeã. A questão principal é que “a derrota para Alemanha não foi compreendida como uma derrota do país, mas como um vexame da ordem esportiva” (COSTA, 2014, p.11).

O Brasil foi escolhido sede da vigésima edição da Copa do Mundo da Fifa no dia 30 de outubro de 2007 (BRINATI, 2014, p.8). O governo brasileiro demonstrava, cada vez mais, um empenho por realizar grandes competições esportivas internacionais, que atraíssem os olhos do mundo para o país (MASCARENHAS, 2014, p.2013). Neste ponto, podemos aproximar as duas Copas. Segundo os pesquisadores Ronaldo Helal, Álvaro do Cabo e Carmelo Silva, assim como em 1950, em 2014 o país ainda estava “em busca de seu posicionamento [...] tentando se encaixar de forma mais concreta na

⁶⁰ Bernardo Buarque de Holanda. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. Rio de Janeiro: UERJ, 26 de setembro de 2014.

economia mundial globalizada” (HELAL et al., 2014, p.283). O jornalista e comentarista esportivo Tony Vendramini acredita que, de certa forma, a política do governo PT e do governo Dilma, se aproxima do desenvolvimentismo e populismo adotados no governo Dutra e, anteriormente, no Governo Vargas⁶¹.

. Às vésperas da Copa de 1950, por exemplo, o país vivia uma séria instabilidade político-econômica, pouco lembrada. Segundo Guterman, o Brasil aproveitou “os ventos favoráveis de recuperação mundial” pós-guerra e cresceu a uma taxa média de 8% ao ano entre 1946 e 1950. Porém, o efeito colateral mais evidente foi à inflação, que subiu muito acima dos reajustes salariais (GUTERMAN, 2010, p.89). Mas, as instabilidades políticas de 1950 foram abafadas por governo e imprensa. Como vimos anteriormente: o Brasil estava crescendo e assumindo uma unidade nacional. Jogar uma Copa do Mundo em casa, com a possibilidade de vencê-la e mostrar ao mundo que o Brasil era grande, era praticamente uma unanimidade entre os brasileiros, impulsionados por um sentimento nacionalista.

Em 2014, foi diferente. Ao longo da preparação para o mundial, a Copa passou a ser questionada por alguns setores da sociedade. Suspeitas de desvio de verbas públicas nas obras, mau planejamento e atrasos em melhorias de infraestrutura eram alguns fatores a causar estes questionamentos (BRINATI, 2014, p.9). Segundo Helal, Cabo e Silva, as desavenças em torno da Copa começaram cedo. “Os abusos cometidos pelo comitê organizador do evento” e as críticas aos gastos “considerados exorbitantes” com os estádios fizeram parte de várias controvérsias em torno da realização do campeonato (HELAL et al., 2014, p.287-290).

Em junho e julho de 2013, a pauta “Não vai ter Copa!” foi incorporada às manifestações que começaram a ocorrer em diversas capitais do país contra o reajuste das tarifas dos transportes públicos e à aprovação da PEC 37⁶². Os protestos também exigiam melhorias no sistema de saúde e educação (HELAL et al., 2014, p.290). Gastaldo sustenta que houve uma politização da Copa, muito em função do evento acontecer em ano de eleição presidencial⁶³.

Segundo Camila Augusta Pereira, uma pesquisa, realizada pela empresa Nielsen Sports, sinalizou que o apoio da população à Copa do Mundo de 2014 diminuiu significativamente entre setembro de 2012, 71%, e julho de 2013, 45%. Em 2014, a

⁶¹ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

⁶² Medida que retiraria do Ministério Público a atribuição de investigações criminais.

⁶³ Edson Gastaldo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. Rio de Janeiro: UERJ, 26 de setembro de 2014.

Secretaria de Comunicação do Governo Federal divulgou uma pesquisa, realizada pelo IBOPE no mês da Copa. 39% dos entrevistados se disseram animados para a Copa do Mundo, 31% sinalizaram desânimo e outros 29% demonstraram indiferença com o evento. Do total de entrevistados, 52% eram a favor da Copa estar sendo realizada no país e 43% das pessoas abordadas acreditavam que o Brasil tinha muitas chances de ser campeão mundial em casa (PEREIRA, 2015, p.2).

Analisando os dados da pesquisa, podemos dizer que as expectativas para o mundial eram bem diferentes das de 1950, quando, além do maior apoio à realização do evento, tinha-se a certeza do favoritismo da seleção brasileira. Em 2014, até o início da competição, “era difícil prever qual Copa teríamos, como seriam os resultados deste misto de insatisfação” e engajamento do torcedor brasileiro pelo esporte (BRINATI, 2014, p.9). Toda essa incerteza vinha também do momento vivido pela seleção brasileira, que apesar dos cinco títulos mundiais conquistados, não vinha apresentando um futebol convincente nas atuações que antecederam a Copa do Mundo.

Segundo Helal, Cabo e Silva, a CBF vinha passando por crises internas, envolvida em escândalos de corrupção. As denúncias contra a confederação culminaram na renúncia do então presidente, Ricardo Teixeira, indiciado por lavagem de dinheiro, corrupção, crime contra o sistema financeiro e sonegação de impostos (HELAL et al., 2014, p.277). Os problemas institucionais pareciam refletir dentro de campo. Em 2010, o técnico Mano Menezes ficou encarregado de montar uma equipe para disputar a Copa do Mundo de 2014. Mano tentou renovar e convocar jogadores mais novos, mas fracassou nas duas competições oficiais que disputou. Na Copa América de 2011, o Brasil foi eliminado pelo Paraguai nas quartas de final e nas Olimpíadas de 2012, foi vice-campeão, derrotado pelo México na final. Mano foi dispensado e a CBF convocou para seu lugar Luiz Felipe Scolari, campeão mundial em 2002, e Carlos Alberto Parreira, campeão da Copa de 1994. Os resultados também não foram suficientes para animar o torcedor brasileiro. Derrota para Inglaterra na estreia; quatro empates, com a Itália, Rússia, Inglaterra e Chile; e duas vitórias, sobre a Bolívia e a França (HELAL et al., 2014, p.278).

Na Copa das Confederações, disputada um ano antes da Copa do Mundo, aqui no Brasil, a seleção conseguiu bons resultados. Venceu o Japão por 3 a 0 na estreia e, ainda na primeira fase do torneio, derrotou o México por 2 a 0 e ganhou da Itália por 4 a 2. Na semifinal, o Brasil passou pelo Uruguai no Mineirão, com o placar de 2 a 1 e a vitória em cima da favorita Espanha, na final disputada no Maracanã, por 3 a 0,

consagrou a seleção campeã. O desempenho na Copa das Confederações aumentou a esperança em um possível título brasileiro no ano seguinte⁶⁴.

No dia 12 de junho de 2014, a seleção brasileira fez sua estreia na Copa do Mundo do Brasil contra a Croácia na Arena de São Paulo, vencendo por 3x1. O segundo jogo foi contra o México e o Brasil saiu apenas com o empate em 0 a 0. A última partida da primeira fase foi contra Camarões. O Brasil venceu por 4x1 e se classificou como primeiro do grupo A, empatado em número de pontos com a seleção do México. Na fase eliminatória, os brasileiros tiveram dificuldades de passar pelo Chile, ganhando nos pênaltis e pela Colômbia, quando o Brasil abriu a vantagem de 2 a 0, levou um gol aos 35 minutos do segundo tempo e sofreu pressão dos colombianos no final da partida, 2x1⁶⁵. Essa foi a trajetória do time brasileiro até a semifinal contra a Alemanha.

Para a pesquisadora Leda Costa, de um modo geral, as atuações da seleção não foram capazes de despertar muitos elogios por parte da imprensa esportiva, tampouco dos torcedores. Neste contexto, a derrota para Alemanha era algo considerado possível. “Não apenas possível, como até mesmo desculpável”, afirma Costa. Havia um reconhecimento da superioridade da seleção alemã, que segundo os críticos vinha fazendo uma Copa impecável (COSTA, 2014, p.7). Na transmissão da Rádio Tupi do jogo Brasil e Alemanha, o comentarista Washington Rodrigues, o Apolinho, fez a seguinte análise antes da partida começar:

Bem amigos, a sorte está lançada hoje um vai para o saco, o outro continua, vai para o final da Copa do Mundo, espero que sejamos nós. Mas o adversário é valoroso, é um adversário difícil, entre todas as seleções da Copa foi a que eu mais gostei. Uma seleção compacta, objetiva, não depende de um jogador, tem sistema de jogo variado, é muito boa seleção no jogo aéreo. Mas o Brasil é o Brasil.⁶⁶

Além da preocupação com a qualidade da seleção alemã e dificuldades apresentadas pelo Brasil ao longo da competição, o principal jogador da seleção brasileira na Copa do Mundo, Neymar, ficou de fora da partida. O atacante, destaque do Brasil até então, fraturou uma vértebra após sofrer uma falta violenta do jogador Zúñiga nas quartas de final contra a Colômbia e foi cortado do mundial (COSTA, 2014, p.7). O

⁶⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2016.

⁶⁵ Disponível em: <http://es.fifa.com/worldcup/archive/brazil2014/matches/index.html>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2016.

⁶⁶ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi, 8 de julho de 2014.

desfalque preocupou os torcedores e a imprensa, como é possível observar na abertura da transmissão da Rádio CBN, na voz do locutor Deva Pascovicci:

Em campo, oito títulos mundiais. Não estará em campo, a principal esperança do Brasil em nos dar o sexto título mundial. Sem Neymar a equipe tenta reencontrar, reencontrar e reunir forças para superar a tradição do futebol alemão, a força do futebol alemão⁶⁷.

Assim como podemos verificar no trecho acima, antes do jogo entre Brasil e Alemanha, a imprensa voltou a atenção para a contusão de Neymar. O fato foi “extensamente dramatizado” pela mídia, dando a sensação de que a seleção brasileira se resumia ao jogador (COSTA, 2014, p.8). O zagueiro Thiago Silva, capitão da seleção, também ficou de fora do jogo, pois foi punido com o terceiro cartão amarelo. Com os desfalques, as expectativas de vitória da seleção diminuíram. Surgiram preocupações com as soluções táticas possíveis para a seleção brasileira jogar e ganhar da Alemanha (COSTA, 2014, p.7), como podemos observar no comentário de Washington Rodrigues na Rádio Tupi:

Lamento os problemas que vamos enfrentar. Com a ausência do Thiago, que é bem substituído pelo Dante, não teremos grandes problemas. Mas, a saída do Neymar e a escalação do Bernard, não sei se foi o caminho mais indicado. Deus tenha iluminado a cabeça do nosso Felipão para poder ter acertado nessa decisão. Acho que de todas era a menos previsível, embora possível, mas de qualquer forma eu espero que dê certo, vou torcer muito para dar certo. Mas, estou preocupado. Mas vamos lá, Deus é brasileiro.⁶⁸

A semifinal aconteceu no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. A torcida brasileira lotou as arquibancadas e cantou a plenos pulmões o hino nacional brasileiro, que, como de costume, teve a segunda parte cantada à capela pelos torcedores. O momento foi descrito da seguinte maneira por Deva Pascovicci, na Rádio CBN:

Essa é a imagem da Copa do Mundo do Brasil [pausa, barulho da torcida] E parece que hoje o som saiu mais forte. Porque parece que saiu além da garganta, saiu da alma, saiu do coração de cada um dos brasileiros presentes no Mineirão e brasileiros espalhados por todo o país⁶⁹.

Mas, a euforia e empolgação dos torcedores não durariam muito. Aos 11 minutos do primeiro tempo, Miller marcou o primeiro gol da Alemanha após uma

⁶⁷ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio CBN, 8 de julho de 2014.

⁶⁸ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi, 8 de julho de 2014.

⁶⁹ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio CBN, 8 de julho de 2014.

cobrança de falta de Klose. Aos 23 minutos, ainda na etapa inicial, o próprio Klose deixou o dele. Para Washington Rodrigues, a seleção brasileira estava mal posicionada em campo e se impressionou com os gols que tomou. Segundo o comentarista, no segundo gol, “o ataque alemão teve três chances em bola só, três chances. O próprio Klose chutou a primeira, o Julio Cesar salvou, caído ele pegou chutou a segunda e fez o gol. E vai ter mais⁷⁰”.

A previsão se confirmou logo em seguida, quando, aos 24 minutos, o meio campo Kroos marcou o terceiro da Alemanha. Jota Santiago, narrando pela Rádio Tupi, comentou: “É difícil acreditar no que está acontecendo”. Aos 26 minutos, Kroos deixou o segundo dele, Alemanha 4 a 0. Jota Santiago ficou ainda mais impressionado: “Parece impossível o que estamos vendo aqui”⁷¹. E ainda no primeiro tempo, Khedira marcou o quinto, 5 a 0 Alemanha, aos 29 minutos. O narrador da Rádio Globo, Luiz Penido, comentou: “O Brasil vai pagando o maior vexame da história de todas as Copas no Mineirão. Vira Mineiraço a essa altura”⁷². Penido ainda brinca ao dar o placar: “Você pode acreditar. Eu não estou doído não. Aos 29 minutos, Alemanha cinco, Brasil zero⁷³”.

5 a 0 já era o pior resultado da seleção brasileira em Copas do Mundo. Mas, não parou por aí. No segundo tempo, aos 23 minutos, a Alemanha fez 6 a 0, gol de Schurrle. Uma vaia ensurdecadora tomou o Mineirão e a torcida começa a ir embora do estádio. Aos 33 minutos, Schurrle faz o segundo gol dele, 7 a 0. Os torcedores brasileiros começam a aplaudir o futebol alemão, naquela que configura a maior derrota da história de seleção brasileira. O Brasil fez o gol de honra aos 45 do segundo tempo. Fim de jogo, 7 a 1. José Carlos Araújo, o Garotinho, narrou o jogo pela Rádio Transamérica e ao terminar a partida classificou como humilhante a despedida do futebol brasileiro na Copa do Mundo do Brasil:

Goleada humilhante. Perder faz parte do jogo, ser humilhado não. Principalmente por um futebol que a gente vem praticando e com o histórico da seleção brasileira, um histórico pentacampeão do mundo. Veio aqui colocar em jogo o caminho do hexa. A torcida acreditou, a torcida foi, a torcida veio hoje aqui ao Mineirão, compareceu, cantou o hino nacional e o que a gente vê agora no estádio é gente saindo na

⁷⁰ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi. 8 de julho de 2014.

⁷¹ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi, 8 de julho de 2014.

⁷² Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Globo, 8 de julho de 2014.

⁷³ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Globo, 8 de julho de 2014.

frente da gente chorando, lamentando, o que viu. Lamentavelmente. Era previsível era. Mas, o coração do torcedor, o nosso coração fazia com que a gente acreditasse, com que a gente sonhasse com o hexa⁷⁴.

Fica claro ao analisar as transmissões que perder era admissível. A vitória brasileira, diferente de 1950, não era tomada como certa, o Brasil não era o favorito. O que surpreendeu foi o tamanho do placar: 7 a 1. Foi o placar elástico que deu a derrota para Alemanha contornos não de tragédia, mas de vexame e humilhação, como podemos observar nas narrações. Para a pesquisadora Leda Costa, o uso dessas palavras para classificar a derrota da seleção faz referência “ao abalo de uma hierarquia, pois tem como pano de fundo o glorioso histórico da seleção brasileira em Copas do Mundo” (COSTA, 2014, p.8). Enquanto a derrota de 1950 foi considerada trágica, a de 2014 pode ser eleita a mais traumática da seleção brasileira, “o maior revés de um anfitrião de Mundial” (BRINATI, 2014, p.10). José Carlos Araújo conta como foi narrar a goleada da Alemanha:

Eu me lembro que eu estava transmitindo em Belo Horizonte. 1 a 0, 2 a 0, um olhava para o outro, porque na Copa do Mundo você não transmite em cabine, você fica em bancadas, uma rádio do lado da outra e a gente olhava um para o outro e pensava: é verdade isso que a gente está vendo? E a seleção estática, parada, assustada. Foi uma estagnação geral. A gente transmite com um monitor de televisão na bancada. E eu me lembro que a gente via familiares chorando, crianças chorando, aquilo chocava intensamente. Para você ter uma ideia, foi um impacto tão grande que eu tava transmitindo pela Rádio Transamérica do Rio de Janeiro e ao lado estava a Transamérica de São Paulo, formávamos uma equipe só e depois dos jogos costumávamos sair para jantar. Mas aquele dia foi tão dolorido, que nós saímos cada um para um lado, peguei um taxi, fui para o hotel e não queria ver ninguém.⁷⁵

Segundo Brinati, a vitória da Alemanha, em uma Copa considerada como chance de vingar a perda de 1950 e conquistar um título em casa, quebrou todos os recordes negativos da seleção brasileira (BRINATI, 2014, p.14). O jornalista e comunicador da Rádio Tupi Luiz Ribeiro comenta que é como se nos livrássemos do fantasma da derrota para o Uruguai na Copa de 1950 e arrumássemos outro para guardar no armário: “Quando achamos que não tínhamos mais nenhum esqueleto em nosso armário, arrumamos mais um, que não sei por quanto tempo nós vamos carregar. Mesmo que o Brasil amanhã supere a Alemanha, nada vai justificar uma derrota desse porte”⁷⁶

⁷⁴ José Carlos Araújo. Transmissão semifinal da Copa do Mundo de 2014. Rádio Transamérica, Belo Horizonte. 8 de julho de 2014.

⁷⁵ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

⁷⁶ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

Para Bernardo Buarque de Holanda, a derrota de 2014 entra para história muito mais como estatística do que como trauma, pela grandiosidade do resultado⁷⁷. O cientista social e pesquisador Luiz Henrique Toledo argumenta que chorou-se pouco com fracasso da seleção brasileira em 2014. Segundo ele, o que se viu foram lágrimas individuais e não um choro considerado representativo, um choro coletivo como se presenciou em 1950. Essa “falta de lágrimas”, de acordo com o pesquisador, pode fazer referência ao momento político da época, a previsibilidade da derrota ou mesmo a mudanças na relação entre seleção e povo brasileiro⁷⁸.

Para o jornalista Tony Vendramini, o revés contra a Alemanha não teve o mesmo impacto do Maracanazo por uma série de fatores. “Não é que o 7 a 1 tenha sido recebido com indiferença, mas o 2 a 1 de 1950 foi recebido como tragédia, porque até então o Brasil não tinha se consolidado como uma potência do futebol”. Segundo ele, a derrota contra os Uruguaios ganhou contornos de drama, pois estava rodeada de uma série de expectativas: o gigantismo do Maracanã, a oportunidade de sediar um Mundial e o sonho do primeiro título. Em 2014, o gigantismo do placar, que começou a se desenhar logo nos primeiros minutos de jogo, teve um efeito quase que anestésico nos torcedores. “Depois do terceiro, quarto gol, as pessoas começaram a ver que a coisa ia ficar muito feia e a desilusão passou”, afirma Tony, lembrando que o jogo foi muito fácil para Alemanha, diferente da virada “inacreditável” da seleção uruguaia⁷⁹. Washington Rodrigues, o Apolinho, comentou na Tupi a facilidade da Alemanha golear o Brasil:

É minha gente, uma vergonha o que nós vimos. Time apático, parado, tomando um banho de bola da Alemanha como eu ainda não tinha visto⁸⁰. Nem na goleada do Brasil sobre a Suécia, no 7 a 1 na Copa de 1950, foi tão fácil quanto hoje. Porque a Alemanha precisou de meia hora para liquidar o Brasil, sem qualquer chance de reação. E fez quatro gols em sete minutos [...] Isso jamais aconteceu e jamais voltará a acontecer⁸¹.

Uma diferença fundamental entre as duas Copas diz respeito às novas tecnologias, especialmente a internet. Em 1950, o rádio foi o único veículo a transmitir os jogos, acompanhado da cobertura dos jornais impressos. A emoção do rádio e a falta

⁷⁷ Bernardo Buarque de Holanda. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. Rio de Janeiro: UERJ, 26 de setembro de 2014.

⁷⁸ Luiz Henrique Toledo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. Rio de Janeiro: UERJ, 26 de setembro de 2014.

⁷⁹ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

⁸⁰ Apolinho já participou da transmissão de dez Copas do Mundo.

⁸¹ Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi, 8 de julho de 2014.

de imagens fazem o ouvinte, o torcedor, imaginar os lances, o cenário e os personagens de forma diferente. Com isso houve toda uma dramatização da Copa de 1950. Em 2014, apesar de o radiojornalismo esportivo resistir à entrada da televisão, como vimos no primeiro capítulo, a TV e as redes sociais possibilitaram um discurso mais heterogêneo em relação à derrota (COSTA, 2014, p.9).

Podemos dizer que a Copa de 2014 foi das redes sociais. Segundo a pesquisadora Camila Pereira, o jogo entre Brasil e Alemanha atingiu recorde de *tweets* durante uma partida de futebol, 35 milhões e 600 mil publicações. O *facebook* atingiu o recorde de três bilhões de publicações durante a Copa (PEREIRA, 2015, 3-4). Nas redes sócias ganharam destaque as apropriações bem humoradas do 7x1, diferente do tom “sério e cerimonioso” de 1950. (COSTA, 2014. P.10).

Outra diferença significativa na representação das derrotas nas Copas disputadas no Brasil é que, embora tenha sido tomada como vexatória, a derrota de 2014 não teve um único vilão. Para Costa, isso aconteceu, em grande medida, porque “o placar elástico evidenciou que seria, no mínimo, inverossímil culpar apenas alguns jogadores ou mesmo o técnico” (COSTA, 2014, p.11). Deva Pascovicci chegou a comentar na Rádio CBN que a culpa menor era dos jogadores⁸². Luiz Felipe Scolari, o Felipão, foi duramente criticado pela imprensa, mas não houve consenso de que a responsabilidade da derrota foi dele, mesmo o então treinador tendo assumido a culpa em entrevista coletiva dada após o jogo:

Quem é o responsável de como a equipe se apresenta? Quem é convidado como técnico? Quem é colocado como técnico? Quem é responsável pelas escolhas? Sou eu. Então o resultado catastrófico pode ser dividido por todo o grupo, porque meus jogadores querem isso e vão falar a vocês que nós dividimos todas as responsabilidades, mas a escolha da parte tática, a forma de jogar quem define sou eu. Então o resultado, que foi o responsável fui eu⁸³.

Bernardo Buarque de Holanda ressalta que explicações de fundo psíquico também tentaram justificar o fracasso da seleção, como o nervosismo, a insegurança e a falta de preparo psicológico evidenciados no choro constante dos jogadores brasileiros. Os cinco gols da Alemanha em 20 minutos foram muitas vezes interpretados como um

⁸² Deva Pascovicci. Transmissão da semifinal da Copa do Mundo. Rádio CBN, Belo Horizonte. 8 de julho de 2014.

⁸³ Entrevista coletiva Luiz Felipe Scolari. Transmissão Rádio Tupi. Rio de Janeiro, 8 de julho de 2014.

“apagão”, uma “pane” nos atletas brasileiros⁸⁴. Inclusive Felipão, declarou na entrevista coletiva que “deu uma pane depois do primeiro gol”⁸⁵. Lembrando que, não é a primeira vez que fatores psicológicos são trazidos para explicar derrotas. Um exemplo é quando Nelson Rodrigues fez referencia ao “complexo de vira-latas”. Na Rádio Tupi, Washington Rodrigues comentou sobre a apatia brasileira logo após o término da partida:

O Brasil não tomou quatro gols da Alemanha em sete minutos porque a Alemanha partiu como uma máquina para cima. Não. O Brasil tomou um gol, se apavorou e tomou os outros quatro sem se mexer no campo, sem esboçar defesa [...] A própria Alemanha se surpreendeu com o pânico que tomou conta da seleção brasileira. Os jogadores ficaram anestesiados em campo e com isso deram todo espaço do mundo para Alemanha construir essa goleada histórica, astronômica e vexatória⁸⁶.

O jornalista Luiz Ribeiro também considera que além das questões técnicas e táticas o emocional contribuiu para a goleada da Alemanha. Segundo ele, além da pressão de jogar em casa, ainda tinha o peso de ter perdido a Copa de 1950, que permanece viva no imaginário brasileiro. Ribeiro faz uma analogia entre a semifinal da Copa de 2014 e o boxe. Ele ressalta que no boxe, quando um lutador atinge o outro e o adversário balança ele cresce psicologicamente e mina a confiança do adversário, o que pode ser decisivo na luta. Para ele o mesmo aconteceu na derrota do Brasil por 7 a 1:

Nós adotamos, do meu ponto de vista, o mesmo modelo de jogo da goleada por 3 a 0, um ano antes, contra a Espanha na Copa das Confederações, que seria marcar o gol logo de cara e desestabilizar o adversário. Chegamos até a pressionar durante 12 minutos, mas ao tomar o primeiro gol e o segundo perdemos toda a confiança, a exemplo o que acontece no boxe. Aí a guarda baixa, você fica vulnerável, começam a entrar golpes de toda a sorte no canto do queixo, você entra em *knockdown*⁸⁷ e vem o nocaute, foi o que nós tomamos.⁸⁸

O discurso que imperou após a derrota para a Alemanha foi um pedido de reinvenção do futebol (BRINATI, 2015, p.1). Culpou-se a CBF, o atraso do futebol brasileiro em relação ao praticado em outros países, a falta de investimento nas categorias de base e se pediu mudanças urgentes na estrutura do esporte (COSTA, 2014,

⁸⁴ Luiz Henrique Toledo. Seminário Internacional Copa do Mundo, Mídia e Identidades Nacionais. UERJ, 26 de setembro de 2014.

⁸⁵ Entrevista coletiva Luiz Felipe Scolari. Transmissão Rádio Tupi. Rio de Janeiro, 8 de julho de 2014.

⁸⁶ Washington Rodrigues. Transmissão do jogo Brasil e Alemanha 2014. Belo Horizonte: Rádio Tupi, 8 de julho de 2014.

⁸⁷ Termo empregado quando um soco derruba o lutador.

⁸⁸ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

p.11). “O futebol brasileiro – aquele dos cinco títulos mundiais – só tem uma única saída: ressuscitar”, afirmou o pesquisador Francisco Brinati. Dé Aranha, comentarista da Rádio Globo, disse logo após o sétimo gol da Alemanha esperar que os dirigentes do futebol brasileiros parem para pensar se não estaria na hora de rever os conceitos em relação ao futebol do Brasil. Luiz Penido, narrador da Rádio Globo, foi ainda mais incisivo:

Uma vergonha. Um vexame. O que tinha que acontecer agora era o seu José Maria Marin e seu Marco Polo Del Nero pedirem demissão hoje. Entregar hoje o cargo. O Brasil nunca passou por uma humilhação dessas. O Brasil jamais teve uma humilhação desse tamanho. Nada dessa monta. Entreguem seus cargos hoje. Fora. Rua. Tem que fazer uma limpeza, uma detetização na CBF⁸⁹.

Apesar desse clamor por mudanças, o jornalista Tony Vendramini constata que, a quase dois anos da derrota, pouco se fez para modernizar o futebol brasileiro. “É engraçado que o impacto imediato, em 2014, já foi zero. Muito se discutiu, mas mudança mesmo não houve. Não há avanços. São os mesmos defeitos”⁹⁰. Segundo Tony, o sistema estrutural do futebol permanece com confederações e federações lucrando cada vez mais, enquanto clubes e jogadores são deixados de lado. O jornalista argumenta que nada foi feito, por exemplo, para fomentar o esporte nos formadores de matéria-prima, que são os clubes pequenos. Tampouco se investiu na base, para Tony o jogador sai do Brasil muito cru, com 15, 16 anos e os brasileiros não chegam a ver as promessas jogarem.

Hoje, a gente tem um futebol completamente diferente jogado lá fora. Parece até outro esporte. A fluidez do jogo é outra, a dinâmica é completamente diferente. Mas a gente custa a assimilar isso, porque existe uma arrogância do brasileiro de achar que no Brasil é que se entende de futebol, que somos o país do futebol, afinal somos pentacampeões. Não se entende que o futebol mudou, se modernizou.⁹¹

Segundo Tony, o 7 a 1 deveria ser um sinal de alerta, de repensar tudo o que está errado, de começar a modernizar, mas é como se todos estivessem anestesiados e não tivessem sentido o impacto de uma vergonha como essa. Para Tony, manter a mesma estrutura de poder, a mesma filosofia e o mesmo pragmatismo faz com que continuemos levando gols da Alemanha:

⁸⁹ Luiz Penido. Transmissão da semifinal da Copa do Mundo de 2014. Rádio Globo. Belo Horizonte. 8 de julho de 2014.

⁹⁰ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

⁹¹ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

Quando a gente vê essa resistência à mudança, quando a gente vê várias raposas do futebol voltando ao poder, quando a gente vê a estrutura arcaica da CBF e das federações, que há de se dizer que só existe no Brasil, quando a gente vê resistência à Liga de clubes, eu sinto como se fosse mais um gol da Alemanha. Mais uma goleada.⁹²

Para Luiz Ribeiro, o futebol brasileiro sobreviveu e ganhou muito prestígio quando o conceito do esporte era técnico, baseado no jogo individual. “Nesse contexto o Brasil é pentacampeão”, afirma o jornalista. Mas, a partir do aprimoramento físico, o conceito do futebol passou a ser do jogo coletivo. Neste momento, segundo Ribeiro, o Brasil se perdeu, ficou defasado. “O Brasil era insuperável na ginga, no drible, na posse de bola [...] as diferenças de uma equipe do porte do Brasil para as do resto do mundo eram muito grandes”. Luiz acredita que, na Copa de 2014, ficou comprovado que além de melhorar o jogo tático, a Alemanha cresceu também tecnicamente, assim como as demais seleções. Na Copa, época que o jornalista classifica como grande feira internacional onde se pode perceber os novos esquemas táticos, ficou claro que o coletivo superou a qualidade individual.⁹³

O pesquisador Juan Silveira compara o “mito da caverna”, de Platão, ao que ele chama de “mito do melhor futebol do mundo”, no qual, mesmo diante das evidências da imprensa e os torcedores, “num ato de fé apostólico romano”, continuam acreditando na supremacia brasileira. Segundo Silveira, o ranking da Fifa, em que hoje o Brasil ocupa a sexta colocação, e os resultados obtidos pela seleção nas últimas três Copas do Mundo são dados irrefutáveis do desenvolvimento do futebol mundial, frente à estagnação brasileira. Mas, o pesquisador argumenta que “todos os prisioneiros da caverna – Maracanã, Mineirão, Olímpico – somente observam às sombras dos craques, do melhor futebol do mundo, do mais difícil campeonato do planeta e do futebol-arte” (SILVEIRA, 2015, p.1).

A Copa de 2014 nos deu a oportunidade de testemunhar a maior goleada da história da seleção brasileira em cem anos de existência. O 7 a 1 para muitos redimiria os jogadores brasileiros que perderam para o Uruguai em 1950. Mas, diante do que observamos, as duas derrotas foram recebidas de formas muito diferente, tanto pelos torcedores, como pela imprensa. Enquanto a Copa de 1950 marcou a história do futebol brasileiro como tragédia nacional, 2014 entrou para as estatísticas como a maior vergonha do futebol brasileiro. E além de colocar em evidência a crise estrutural,

⁹² Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

⁹³ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

administrativa e filosófica do futebol, trouxe para discussão a seguinte questão: a seleção brasileira ainda representa o povo brasileiro?

4.3 Eles somos nós?

Nos dois primeiros capítulos desse trabalho vimos como o futebol chegou ao Brasil, se popularizou e se tornou ícone da identidade nacional. Verificamos também que as Copas do Mundo são os períodos em que a relação entre a seleção brasileira e povo brasileiro se estreita ainda mais, construindo a noção de “comunidade imaginada” definida por Anderson. Mas, desde os anos 1990, essa relação vem sendo colocada em cheque por diversos autores e jornalistas.

Para Mascarenhas, a “nova economia do futebol pautada em poderosos estímulos de marketing, difusa base midiática e nova gestão empresarial de clubes e até das carreiras dos atletas” vêm causado mudanças expressivas no universo de significados que ronda o esporte (MASCARENHAS, 2014, p.2009). Ronaldo Helal, Álvaro do Cabo e Carmelo Silva levantam que até mesmo as narrativas jornalísticas em torno da seleção brasileira “já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação”. Assim como constatamos que a Copa de 2014 foi recebida de forma diferente pelo povo brasileiro, os pesquisadores ressaltam que já a derrota de 1998 e as vitórias de 1994 e 2002 “não transcenderam o terreno esportivo” (HELAL et al., 2014, p.276).

Simoni Guedes enxerga às mudanças ocorridas no campo esportivo nas últimas décadas do século XX como “desdobramentos do mercado transnacional”. Segundo Guedes, “a amplificação sem precedentes do mercado em torno do futebol levou à enorme valorização de sua mercadoria mais preciosa: o jogador de futebol”. O resultado desse processo é o crescente interesse dos clubes mais ricos do mundo em comprar jogadores capazes de “potencializar seus investimentos”. Nesse mercado internacional o Brasil se tornou exportador de jogadores para todo o mundo (GUEDES, 2009, p.468-469).

A porosidade entre as fronteiras, que possibilita a um time ser formado por jogadores de diversos países do mundo, gera uma homogeneização do futebol. As diferenças dos estilos de jogo se perdem em meio à “transnacionalização” do esporte.

Esse processo acompanha uma série de eventos políticos que alteraram de modo decisivo as relações mundiais neste período (GUEDES, 2009, p.471).

Néstor Canclini defende que, com a globalização, a oposição entre o próprio e o alheio fica quase imperceptível. Os objetos, os símbolos, os hábitos perdem a relação de fidelidade com os territórios de origem. Segundo Canclini, as culturas nacionais pareciam sistemas razoáveis para preservar diferenças e certo “enraizamento territorial”. Mas, com a internacionalização e a abertura das fronteiras, uma sociedade passa a incorporar bens materiais e símbolos de outras. O valor simbólico do “nosso” se perde (CANCLINI, 2010, p.40-41). O futebol, como ícone cultural, não fica fora desse processo.

Com o sucesso da seleção brasileira em Copas do Mundo, os jogadores brasileiros atraíram os olhares de clubes estrangeiros. Com a valorização no mercado, tornou-se impossível para os times brasileiros manterem seus jogadores mais habilidosos, que passaram a receber propostas internacionais milionárias. “Compõe-se uma hierarquia econômica das nações, evidenciada, sobremaneira, na intensificação das transferências de jogadores de países mais pobres para países mais ricos” (GUEDES, 2009, p.470).

Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa para um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução se não vendê-lo a um time grande; o time grande, asfixiado pelas dívidas, vende-o a outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa. (GALEANO, 2012, p.201)

A consequência desse mercado internacional é que a maioria dos jogadores que compõem a seleção brasileira joga em clubes estrangeiros. Esse cenário faz com que os torcedores tenham pouco contato com tais jogadores e os vejam jogar apenas durante as Copas do Mundo (GUEDES, 2009, p. 472). Para o jornalista Tony Vendramini, esse distanciamento pode contribuir na diminuição da relação entre seleção e povo brasileiro. “Existe a questão da proximidade do ídolo. De você assistir aquele jogador que você está acostumado a ver no seu time, acostumado a torcer”. Para o jornalista, até os anos 70, ao mesmo tempo em que se torcia pela seleção, se torcia também pelo ídolo do seu clube⁹⁴.

⁹⁴ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

Na Copa de 1950, por exemplo, todos os jogadores da seleção brasileira jogavam em times aqui do Brasil, principalmente no eixo Rio-São Paulo⁹⁵. Já em 2014, a seleção de Felipão tinha entre os 23 convocados, apenas quatro que atuavam no Brasil: os goleiros Jefferson, do Botafogo, e Victor, do Atlético Mineiro; e os atacantes Jô, também do Atlético Mineiro, e Fred, do Fluminense. O comentarista da Rádio Tupi, Washington Rodrigues, acredita que essa distância faz com que os torcedores não consigam se identificar com os jogadores. Ele brinca que “você não encontra mais com o Neymar no supermercado, na balada, você não tem acesso, você só vê fotografia e eles chegam aqui em um dia, treinam no outro, jogam no outro e vão embora⁹⁶”.

Em 2015, um total de 1.215 jogadores, entre amadores e profissionais, foram transferidos para o exterior, de acordo com os dados divulgados pela CBF. Por outro lado, o Brasil importou 653 atletas⁹⁷. Em 2013, ano que antecedeu a Copa do Mundo, nenhuma outra nacionalidade foi alvo de tantos contratos quanto a brasileira⁹⁸. Em 2014, mesmo com a derrota histórica contra a Alemanha, nossos atletas continuaram atraindo negociações estrangeiras, fazendo do Brasil o maior exportador de jogadores do ano, deixando para trás a Espanha⁹⁹.

Esses dados mostram que o Brasil continua sendo fonte de matéria prima para os principais clubes do mundo, principalmente europeus. Além dos jogadores brasileiros saírem relativamente baratos para os clubes europeus (GUEDES, 2009, p.469), o jornalista Tony Vendramini acredita que continuamos a produzir jogadores de qualidade reconhecida pelos estrangeiros. Washington Rodrigues lembra que tem jogadores brasileiros, que são mais valorizados fora do Brasil, do que no âmbito nacional. “A gente diz que nossos jogadores são ruins, aí você vê o Willian, por exemplo, que não é um Neymar, pensando se vai renovar um contrato¹⁰⁰ onde ele vai ganhar 700 mil reais por semana. Isso só o salário¹⁰¹”.

⁹⁵ Dos 22 convocados em 1950, apenas três jogadores jogaram em clubes do exterior ao longo de toda a carreira. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2010/07/os-vice-campeoes-mundiais>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2016.

⁹⁶ Washington Rodrigues. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 2016.

⁹⁷ Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-transferencias-e-valores#.Vs5qNvkrLIX>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2016.

⁹⁸ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mais-de-1-5-mil-jogadores-brasileiros-foram-vendidos-ao-exterior-em-2013,1118398>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2016.

⁹⁹ Disponível em: globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/olhar-critico-esportivo/post/o-mercado-internacional-e-o-valor-dos-jogadores-brasileiro.html. Acessado em: 22 de fevereiro de 2016.

¹⁰⁰ Chelsea propõe aumento salarial e ampliação do vínculo até 2020 para manter Willian no clube.

¹⁰¹ Washington Rodrigues. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2014.

Outro fator que vem colocando em cheque a metonímia entre seleção e povo brasileiro, segundo Guedes, é o enriquecimento extremo dos jogadores que vão jogar no exterior (GUEDES, 2009, p. 472). O atacante Neymar, que joga no Barcelona, pode passar a receber 66 milhões de reais líquidos por ano, caso renove contrato com o time catalão até 2020. Atualmente o brasileiro recebe sete milhões e 500 mil euros por ano, o equivalente a 33 milhões de reais¹⁰². O ex-jogador Ronaldo, apelidado de fenômeno, acumulou uma fortuna de meio bilhão de reais durante a carreira e continua enriquecendo com marketing pessoal¹⁰³. Com esses ganhos astronômicos, os ídolos se afastam da realidade da maioria do povo brasileiro.

Uma porcentagem mínima dos jogadores de futebol consegue enriquecer em tais proporções. A maioria dos jogadores brasileiros ganha em torno de um salário mínimo¹⁰⁴. Entretanto, a exposição de riquezas dos principais craques “altera as representações coletivas” sobre as trajetórias clássicas que, por décadas, alimentaram os projetos de vida de milhares de crianças na busca de inserção profissional no futebol. (GUEDES, 2009, p.472). Desta forma, Guedes faz a seguinte constatação:

A transferência quase que compulsória dos melhores jogadores brasileiros para clubes do exterior, dentre os quais são escolhidos os que compõe o selecionado brasileiro de futebol, e os sinais exteriores de enriquecimento extremo são condições novas que apresentam enorme potencial de ruptura da conexão metafórica entre o selecionado nacional e o Brasil. (GUEDES, 2009, p.472)

O locutor esportivo José Carlos Araújo destaca que além do problema de identificação gerado pelo distanciamento dos principais jogadores, outro incômodo é em relação ao comprometimento de desses atletas com a seleção. Segundo o locutor, quando a seleção tem como base jogadores que moram e atuam no Brasil, há uma preocupação muito maior dos atletas de “como é que eu vou encarar aquela torcida, os meus familiares?”. Para Garotinho, o que se viu em 2014, por exemplo, era um grupo de jogadores vindos do exterior, sem entrosamento, sem conjunto e principalmente “sem nenhum comprometimento do tipo: se eu voltar para casa vou sofrer. Cada um foi para sua casa, seu país na Europa, e deixou o sofrimento com o torcedor no Brasil.”¹⁰⁵

¹⁰²Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2016/02/jornal-diz-que-neymar-tera-segundo-maior-salario-do-barca-apos-renovacao.html>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2016.

¹⁰³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/02/mesmo-depois-do-fim-da-carreira-ronaldo-ainda-e-fenomeno-financeiro.html>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2016.

¹⁰⁴Disponível em: http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.Vs4_iX0rLIV. Acessado em: 22 de fevereiro de 2016.

¹⁰⁵ José Carlos Araújo. Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

Sob o mesmo ponto de vista, Guedes relembra que já na Copa de 1998, a ameaça dos mercados transnacionais ao futebol brasileiro foi muito discutida, inclusive citada, por vezes, como motivo da derrota do selecionado. A escalação de Ronaldinho na partida contra a França, sem condições físicas ideais, foi entendida como uma imposição por parte das empresas comerciais e da CBF, com quem o jogador teria contratos. Com isso, questionou-se “o valor da pátria *versus* o poder misterioso e apátrida do mercado transnacionalizado” (GUEDES, 2009, p.474). Também foi questionado o desinteresse dos jogadores brasileiros “estrangeiros” em jogar na seleção brasileira (GUEDES, 2009, p.475). Esse questionamento também apareceu em 2006, quando Ronaldinho Gaúcho, que tinha sido eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa no ano anterior, foi considerado uma decepção durante a Copa¹⁰⁶.

Além da identificação com os jogadores, o jornalista Tony Vendramini lembra que o torcedor também cria uma relação com o estilo de jogo jogado. Ele lembra que em 1950, por exemplo, havia uma identificação pelo futebol lúdico, futebol-mulato, pela negritude, pela mestiçagem. “Aquele time entrava em campo representando a nossa cultura”, afirma Tony. O pesquisador Francisco Brinati ressalta que foi através do contraste entre os estilos de jogo dos europeus e dos brasileiros, que se começou a associar o futebol como a nação que se pretendia construir (BRINATI, 2014, p.6). A popularização do futebol, como vimos se deu com a apropriação do futebol inglês e a capacidade do povo brasileiro de dar ao esporte, características nacionais. “O futebol até os anos 1970 tinha a cara do Brasil”, afirma Vendramini. A partir daí, segundo o jornalista começou-se a copiar o pragmatismo europeu, baseado na otimização do rendimento dos atletas, e com isso a desconstruir a identidade nacional relacionada à constituição do jogo¹⁰⁷.

Pode-se dizer que a originalidade perdeu espaço para a globalização. Com os jogadores saindo cada vez mais cedo do Brasil, são “educados” e moldados com base no futebol jogado fora do país. Washington Rodrigues conta que existem empresas, “que recrutam garotos de 16 anos, os pais pagam caro, esses meninos recebem aulas de inglês, todo o material didático para estudarem e são avaliados por uma equipe técnica como se fosse de futebol profissional”. No final, a empresa separa aqueles com condições de jogar em alto nível, apresenta aos olheiros dos Estados Unidos que levam

¹⁰⁶Disponível em: copa.esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/brasil/2006/07/02/ult3505u663.jhtm. Acessado em: 12 de fevereiro de 2016.

¹⁰⁷ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

os meninos para fazer faculdade e jogar futebol nas universidades norte-americanas. As universidades dão bolsas de estudos e, às vezes, até pagam para os meninos irem para lá. “Então esses garotos nem passam no Flamengo, no Vasco, no Fluminense, no Botafogo. Não passam nem em peneiras aqui no Brasil. Vão começar a arrebentar lá fora”, constata Apolinho¹⁰⁸.

O mesmo acontece em todo o mundo. Washington Rodrigues ressalta que a Espanha tem um campeonato maravilhoso e a seleção é fraca, porque, o Barcelona, por exemplo, tem o ataque formado por três jogadores sulamericanos: Suarez, Messi e Neymar. Na Inglaterra, segundo o comentarista, os clubes começaram a comprar os melhores jogadores do mundo, o campeonato inglês é fantástico, mas não tem inglês em campo. Na França, “se alguém for ver o PSG¹⁰⁹ jogar, só vai encontrar francês na arquibancada”¹¹⁰.

Com essa nova configuração do futebol, as tais comunidades imaginadas de Anderson, perdem uma de suas principais características, os limites territoriais. Há “estilo brasileiro” na França, na Inglaterra, na Espanha e vice-versa. Para os pesquisadores Antônio Jorge Gonçalves Soares e Alexandre Fernandes Vaz, a globalização “rompe ou relativiza a ideia clássica de sociedade como um sistema bem delimitado” (SOARES & VAZ, 2009, p.494). “Nossas casas são invadidas por grandes jogos europeus. Nossos jogadores estão lá. São eles que podem contratar”, afirma o jornalista Luiz Ribeiro¹¹¹.

Vaz e Soares defendem que intensificação no trânsito de atletas entre nações não é privilégio do futebol. O Quênia, por exemplo, é um país formador de corredores de média e longa distância, com isso, vários quenianos de origem são vistos representando outras nações nos Jogos Olímpicos. O mesmo acontece com os chineses no tênis de mesa e com o Brasil no futebol. “Aqueles que não conseguem atingir o objetivo de disputar um campeonato mundial [...] por seu país, são seduzidos pelo mercado transnacional do esporte”. Isso se intensificou com a flexibilização das barreiras entre as nações para negócios em nível mundial e com a formação de um corpo de empresários do esporte (SOARES & VAZ, 2009, p.484).

Segundo Mascarenhas a rentável exploração econômica dos megaeventos esportivos, o crescente interesse do setor privado nesses acontecimentos e a percepção

¹⁰⁸ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

¹⁰⁹ Paris Saint-Germain Football Club, clube de futebol francês, da cidade de Paris.

¹¹⁰ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

¹¹¹ Entrevista à autora, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

dos governos locais de que tais eventos eram potenciais instrumentos de *marketing*, consolidaram a inserção plena do futebol no sistema capitalista (MASCARENHAS, 2009, p.533). A Fifa se tornou uma das maiores multinacionais do mundo. Desde então, de acordo com Mascarenhas, passou a atrair poderosos patrocinadores e a vender direitos de transmissão dos eventos “em bases monetárias que crescem em progressão geométrica”. A partir daí, espetáculo e globalização são duas palavras que sintetizam os eventos esportivos e, especificamente, o futebol (MASCARENHAS, 2009, p.507).

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável [...] O jogo se tornou um espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo. (GALEANO, 2012, p.10).

Nesse contexto, a “nova cultura do futebol” (GIULIANOTTI apud MASCARENHAS, 2014, p.217) transforma o torcedor em consumidor. “O torcedor sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos”, define Mascarenhas (MASCARENHAS, 2014, p.210). O jornalista Tony Vendramini vai além e afirma que o torcedor gosta de futebol, acompanha o time, se sente parte do jogo. Para Tony isso fica claro na derrota para o Uruguai em 1950. “Hoje, você vê muito, principalmente na Copa do Mundo, mais um efeito de manada. As pessoas acompanham porque outros acompanham. Está no estádio para participar da festa”, opina o jornalista¹¹². O torcedor consumidor, para Mascarenhas, “contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário”, imerso em seu pequeno grupo. “Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo” (MASCARENHAS, 2014, p.210).

Segundo Mascarenhas, os torcedores dotados de grande engajamento emocional e capazes de atitudes surpreendentes não interessam à indústria do espetáculo. Prefere-se um consumidor sóbrio e de maior poder aquisitivo. Os novos estádios, “modelo Fifa”, são destinados a esse perfil de expectador. O encarecimento extremo dos ingressos, a redução da capacidade dos estádios, as restrições a inúmeros objetos e adereços e as limitações severas de comportamento restringem, a ida às arenas, a um público específico: “sereno, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança [...] que vai ao estádio consumir”. Desta forma, pode-se dizer que há uma tentativa de

¹¹² Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

retomar um processo de elitização do futebol, que se lutou muito para superar (MASCARENHAS, 2014, p.216). Washington Rodrigues critica a obra que fizeram no Maracanã para a Copa de 2014:

Essa obra que fizeram no Maracanã matou a magia que tinha o estádio. Você entrava no Maracanã, em dias de grandes jogos, subia no elevador até o sexto andar, quando a porta abria, você via os turistas quase chorando de ver aquele espetáculo grandioso. E hoje, está muito frio. Muito patricinha, mauricinho. Muito inglês. Bate uma palminha aqui, uma palminha ali e você não tem mais aquele frisson, aquele ambiente mágico que havia no Maracanã quando tínhamos 150, 180 mil pessoas¹¹³.

Apesar das intensas transformações na maneira de organizar, jogar, torcer e reagir ao futebol nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, é consenso entre os autores e analistas, que ainda é cedo para dizer que o futebol deixou de ser símbolo da identidade brasileira. Para Ronaldo Helal, Álvaro do Cabo e Carmelo Silva, o futebol foi um mecanismo de integração social no Brasil e de solidificação de uma identidade nacional, que revelava ao mundo a “alma do brasileiro”. Se compararmos a carga emocional da derrota de 1950 ou vitória de 1970 aos últimos acontecimentos nas Copas, percebe-se o que os pesquisadores chamaram de declínio do interesse pela seleção. Apesar disso, ainda se conservaria o “nacionalismo cíclico” atrelado à seleção brasileira (HELAL et al., 2014, p.301).

Podemos analisar, a partir desta constatação, que talvez o futebol e a relação do povo brasileiro com o esporte se desenhem em ciclos, assim como a economia, a política e outros símbolos culturais. Os autores falaram em declínio, o que sugere que possa haver uma retomada de tal carga emocional, que não se fez presente da mesma forma nos últimos mundiais. É possível ressaltar também que ao tratar de derrotas e vitórias, como já vimos anteriormente, estamos tratando de emoções e tais emoções estão completamente atreladas ao momento político, histórico e cultural do país.

Para Luiz Ribeiro, quando a seleção brasileira ganhava, aquilo mexia com o povo da seguinte forma: “não temos um país equilibrado, não somos a melhor economia do mundo, temos graves problemas sociais, mas o futebol ninguém pode discutir com a gente”. Segundo o jornalista, o futebol como movimento cultural representava que o Brasil era possível, “era uma questão de sonho”, própria de um período específico. Luiz Ribeiro acredita que não teremos mais a seleção como uma referência, mesmo que ela volte a ganhar, porque seu simbolismo estava atrelado a todo um contexto histórico que

¹¹³ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

não se repetirá. Diante disso, Ribeiro faz uma análise positiva dessa crise de representação, pois acredita que o Brasil deve buscar ter como referência “a educação e o empreendedorismo”, por exemplo. O futebol, segundo ele, deve aparecer como forma de entretenimento: “sem aquela coisa de ame ou deixe-o como aconteceu na época da ditadura”.¹¹⁴

Já o comentarista Washington Rodrigues compara a mobilização do povo brasileiro em relação ao futebol, com o carnaval carioca. Ambos os símbolos culturais do país. Segundo o analista, o futebol mudou muito, como tudo mudou.

Eu sou do tempo do carnaval de rua fantástico e de repente praticamente acabou. E agora voltou, com muita força inclusive. Você vê o bloco do Bola Preta com mais de dois milhões de pessoas na rua. Na zona sul você vê os blocos saindo com um monte de gente atrás. Ouve marchinhas. E o mais engraçado é o seguinte, uma pessoa mais nova, não ouve no rádio, não vê na televisão, mas canta “olha a cabeleira do Zezé” como se fosse uma música de agora.¹¹⁵

Para Washington Rodrigues vai acontecer a mesma coisa com o futebol. Em determinado momento vão resgatar ações como pintar as ruas durante as Copas do Mundo, as crianças vão voltar a pendurar bandeirinhas e os vizinhos voltarão a sair em um grande bloco de carnaval após a vitória da seleção brasileira. Para o comentarista, o brasileiro continua gostando de futebol. Mudou a forma de acompanhar, de demonstrar essa paixão, mas as crianças continuam jogando peladas, as televisões continuam investindo fortemente na transmissão e o torcedor, que se afastou de seus ídolos, criou uma ligação mais forte com os clubes, através dos programas de sócio torcedor, por exemplo.

Mas para retomar o lúdico do futebol e mobilizar o povo brasileiro é preciso agir. O futebol mudou e os responsáveis pela administração do futebol brasileiro insistem em não modernizá-lo. É o que pensa Tony Vendramini. Não há empenho em “capacitar os treinadores, formar novos jogadores, resgatar nossa identidade”. Para o jornalista, não se pode confundir modernização com tecnologia. Não são os estádios padrão Fifa, os protocolos de entrada em campo, a instalação de um tribunal de penas que vão impulsionar o futebol brasileiro¹¹⁶.

A pesquisadora Camila Augusta Pereira acredita que não há como afirmarmos que o Brasil deixou de ser o país do futebol. Para a autora, mesmo que a Copa do

¹¹⁴ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016.

¹¹⁵ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2016.

¹¹⁶ Entrevista à autora. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2016.

Mundo de 2014 não tenha apresentado o sucesso esperado no futebol, ao analisarmos números a respeito do consumo e engajamento do torcedor brasileiro é possível perceber que o gosto pelo esporte e a paixão nacional ainda prevalecem no país. Do mesmo modo, não há dúvidas sobre as mudanças na forma do torcedor brasileiro se relacionar com o esporte. A maior parte da população assistiu aos jogos em casa ou em bares e restaurantes, respaldada pela precisão das imagens da televisão e pelo imediatismo das redes sociais. A audiência das TVs fechadas triplicou durante o evento. Poucos tiveram condições de ir aos estádios. Mas, não foi por isso que deixaram de acompanhar os jogos, de vestir a camisa da seleção, se reunir com os amigos e torcer para que o Brasil fosse, mais uma vez, campeão mundial (PEREIRA, 2015, p.4).

Como observamos nesse capítulo, é clara a diferença com que os brasileiros receberam a derrota de 1950 e 2014. Vários motivos, já elencados, podem justificar o impacto de cada uma delas na sociedade brasileira. Mas, ao mesmo tempo, podemos afirmar que ambas as Copas pararam o Brasil, ou fizeram o Brasil parar. Cada qual ao seu tempo, da sua maneira. Seja no sonho de um Brasil campeão do mundo pela primeira vez, seja pelo sonho do hexa. Seja lotando as ruas para mostrar que o Brasil é grande, ou lotando as ruas para evidenciar os problemas enfrentados no país. De qualquer maneira, pôde-se notar que as Copas do Mundo tem a capacidade de unir o Brasil, de colocar o povo e o país em evidência, de eliminar diferenças e suspender o tempo, como uma comunidade imaginada de Anderson. O futebol continua sendo o sonho de muitas crianças. Além disso, seja como tragédia, ou como vergonha, as derrotas das Copas do Brasil repercutem até hoje e continuarão repercutindo. Entraram para história do país.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho, foi possível observar como o futebol faz parte do Brasil. O esporte, desde que chegou às terras brasileiras, esteve diretamente relacionado ao momento histórico vivido pelo país. Verificamos, que como símbolo da identidade nacional, o futebol foi capaz de influenciar e ser influenciado por fatores políticos, econômicos e sociais. Vimos, por exemplo, que ao chegar ao Brasil, o esporte bretão logo foi incorporado pela elite, que pretendia seguir os moldes europeus de disciplina e preocupação com o bem estar. Percebemos que as famílias de maior estirpe adotaram o futebol inglês, assim como incorporaram o modelo de industrialização e urbanização europeu. Mas, logo o esporte chegou ao subúrbio, onde começou a se dissociar do pragmatismo do jogo britânico e a ganhar contornos tipicamente brasileiros, como o samba, a feijoada e o candomblé. O futebol ganhou ginga, criatividade. Ganhou características da mestiçagem, que começava a ser valorizada no país. Nasceu o nosso futebol mulato, o futebol-arte.

Foi possível observar que ao virar paixão nacional, o esporte se mostrou como ferramenta de controle social. Em busca de símbolos nacionais que pudessem unir o Brasil, Getúlio Vargas viu no futebol o potencial de mobilizar massas e criar paixões. Era preciso investir, oficializar o jogo. Assim, o amadorismo deu lugar ao profissionalismo. Foram criadas as federações e as confederações. Os jogadores passaram a serem vistos como trabalhadores. Neste mesmo período, o governo investiu no rádio, que já vinha mostrando sua capacidade de encurtar distâncias e entrar na casa de cada brasileiro. Este veículo mágico se mostrou capaz de criar intimidades entre pessoas que jamais se viram. Ao ouvir os programas de auditório, os noticiosos ou as transmissões de futebol o indivíduo tinha certeza de que milhares de pessoas estavam compartilhando com ele aquele momento, como velhos amigos.

O encontro entre o rádio e o futebol foi como amor a primeira vista, daqueles que duram para sempre. Duas paixões nacionais. Dois meios de integração social, que não exigiam de seus participantes grandes atributos. Qualquer um podia jogar futebol, bastava ter alegria nas pernas. Da mesma forma, qualquer um podia ouvir e entender a mensagem transmitida. Se o futebol move emoções, o rádio faz questão de intensificá-las. Vimos ao longo desse trabalho que, às vezes, é mais interessante acompanhar um jogo no rádio, do que no próprio estádio. Os narradores, cada um com estilos e jargões

próprios, conseguem tornar as famosas partidas “água com açúcar”, em grandes clássicos, jogos de tirar o fôlego.

Vimos também que as Copas do Mundo funcionam em uma espécie de suspensão temporal, mas que ao mesmo tempo influenciam diretamente em todos os setores da sociedade. Na economia, na política, na mídia, há uma mobilização muito grande entorno desse megaevento. Às vésperas da Copa de 2014, por exemplo, os holofotes estavam voltados para o Brasil. Isso significava que era o momento ideal para os governantes mostrarem serviço, as empresas fazerem negócios importantes, a grande mídia atrair publicidade e ao mesmo tempo para os conflitos do país como foi feito nas manifestações.

Enfim, a proposta central desse trabalho foi mostrar como as derrotas das duas Copas disputadas no Brasil tiveram impactos diferentes no povo brasileiro. Tivemos a oportunidade de confirmar isso ao longo da pesquisa e elencar uma série de motivos que levaram as Copas do Brasil a repercutirem de formas diferentes na mídia e na sociedade. Porém, outra questão importante foi mostrar como as transmissões do rádio foram essenciais na distinção desses cenários. O rádio é constituído não só por informação, mas incorpora algumas características da dramatização, estabelece uma relação lúdica com os ouvintes. As pessoas geralmente nunca viram os comunicadores que conversam com elas todos os dias, elas imaginam como eles devem ser. É uma experiência muito parecida com ler um livro. Você não sabe como são os personagens, o cenário, porque não vê a imagem. Você desenha as cenas na sua cabeça e o mesmo acontece nas transmissões de futebol. Ao ouvir o jogo pelo rádio, o ouvinte imagina a jogada, imagina o drible, cria o lance a partir na narração do locutor. Essa característica do rádio faz com que as memórias produzidas pelas transmissões das partidas sejam ainda mais fortes, mais intensas, mais marcantes.

Na Copa de 1950, como verificamos, a televisão ainda não havia chegado ao Brasil e a cobertura foi feita apenas pelo rádio. Conseguimos perceber através da revisão bibliográfica e da análise das transmissões que, em um Brasil desenvolvimentista, o futebol era visto como caminho para mostrar ao mundo que éramos capazes de crescer: de nos organizar, de investir, de construir o maior estádio do mundo. Capazes de vencer. Infelizmente, a vitória brasileira tropeçou no excesso de confiança, no excesso de populismo. Tropeçou nos sóbrios pés uruguaiois. Aquilo que foi promovido, precocemente, como auge de uma nação, se transformou em tragédia nacional.

Tragédia por vários motivos, mas, principalmente, porque dentro de campo estava uma seleção que representava o povo brasileiro. Aqueles jogadores significavam a vitória da mestiçagem, a nossa ginga, o molejo do nosso samba, o sabor do nosso tempero. Nacional porque, como vimos, o futebol têm a capacidade de produzir no povo brasileiro um estágio de comunidade imaginada, que como define Benedict Anderson, cria sentimentos de pertença em indivíduos que nem ao menos se conhecem. Nas arquibancadas os gritos são sempre na primeira pessoa do plural: Vamos! Vamos ganhar! Vamos virar! Vamos jogar! Durante Copas, esse sentimento se estende a nível nacional. Como vimos, as Copas do Mundo são o auge desse sentimento de pertença. O Brasil para, as desigualdades se abrandam e todos se tornam apenas torcedores brasileiros. Observamos que o sucesso da seleção é associado ao sucesso do país e o mesmo vale para as derrotas: é o Brasil que perde.

Com as novas formas de organizar os megaeventos esportivos, frutos da globalização e mercantilização do esporte, percebemos que a relação entre povo brasileiro e seleção começou a ser colocada em cheque. A Fifa se tornou uma das principais empresas multinacionais. O futebol, cada vez mais, passou a atrair o investimento de empresas privadas, que não se interessam por aquele torcedor movido à emoção. O que interessa à nova economia do futebol é o torcedor consumidor, que vai ao estádio assistir o espetáculo e consumir, é claro. Os altos preços e a milhares de restrições para acessar os estádios de futebol começam a distanciar o torcedor, indo contra a característica de esporte democrático, conquistada com muita luta nos anos 1930.

Nessa lógica, a globalização causou uma decomposição dos limites entre o que é “nosso” e do “outro”. Assim como os carros, que têm cada peça produzida em um país, o futebol, como bem cultural, também sofre com internacionalização. O Brasil, exportador de jogadores habilidosos, mal vê as promessas jogando por aqui. Com 15 anos os jovens craques já são mandados para aprenderem o futebol europeu. Vale a lei do mercado, quem paga mais. Desta forma, não é possível identificar um estilo de jogo próprio do Brasil. Além disso, ficou claro que o estilo de jogo tipicamente brasileiro, perdeu espaço para um jogo coletivo, baseado no preparo físico e na otimização de rendimento. Um jogo praticamente produzido em laboratório. Assim, o futebol lúdico, que vimos em 1950, baseado na habilidade individual, não tem mais lugar. Há uma padronização do jogo, que impede que o povo se enxergue dentro de campo. O torcedor passa a ser secundário no espetáculo.

Por tudo isso, podemos observar, em 2014, um cenário bem diferente ao de 1950. Apesar do Brasil ainda estar em busca de seu lugar, de os brasileiros ainda serem apaixonados por futebol e apesar das Copas do Mundo ainda pararem o país, muita coisa mudou. Como vimos, o sonho do campeonato mundial, já não era mais um sonho, era uma realidade. Que por sinal se repetiu por cinco vezes. Mal comparando, nenhum beijo tem o mesmo sabor do primeiro. O momento de instabilidade econômica e política do país, fez com que a população questionasse a capacidade do Brasil em sediar uma Copa, com gastos exorbitantes para atender a todos os requisitos do padrão Fifa.

Outro fator importante destacado ao longo do trabalho é o momento vivido pela seleção. Diferente de 1950, em que os brasileiros vinham fazendo jogos brilhantes, goleando os adversários, em 2014, o desempenho da equipe de Felipão não encheu os olhos do torcedor, que apesar de torcer, não a considerava a seleção favorita ao título. Perder era possível e até compreensível. Mas perder por 7 a 1, foi inadmissível. Pode-se dizer que o resultado não é digno de um país pentacampeão. O sentimento não foi de choque, decepção ou tristeza, foi de revolta. Aquela seleção levou a maior goleada da história da seleção brasileira em 100 anos. “Nós”, torcedores brasileiros, não somos responsáveis por isso. Afinal, quem quer se incluir nesse vexame? Ali, quem perdeu não foi a nação, foi a seleção. Percebemos com as análises das transmissões e das entrevistas que depois do terceiro gol a torcida começou a deixar o estádio e aplaudir a seleção alemã. A catástrofe que se desenhou em meia-hora fez com que se rompesse abruptamente o estado de comunidade imaginada.

Em suma, podemos perceber com esse trabalho que, apesar dos brasileiros continuarem apaixonados pelo futebol, está havendo uma perda da identificação do povo brasileiro com os jogadores e o estilo de jogo da seleção. Há um distanciamento também por conta da nova economia do futebol que substituiu o torcedor pelo consumidor. Além disso, os escândalos de corrupção e a falta de modernização no que tange a administração do esporte contribuem para o afastamento dos apaixonados por futebol.

Ainda não foi possível constatar se essa crise de representatividade e esse distanciamento são passageiros, ou seja, podem ser recuperados através de investimentos na renovação do futebol brasileiro, ou se, de fato, o futebol passará a ocupar outro lugar dentro da organização do Brasil como nação. O que verificamos é que as mudanças na relação do futebol com o povo brasileiro foram refletidas na apreensão das derrotas nas duas Copas disputadas no país.

Com a conclusão deste trabalho, ficam algumas questões a serem pensadas e aprofundadas, como por exemplo, como se estrutura o futebol dentro da sociedade do espetáculo e quais as consequências na relação do esporte com o torcedor? Como a mídia se comporta nesse novo cenário? Quais os impactos dos megaeventos nas cidades sede?

Uma questão que merece atenção é o possível processo de reelitização do futebol. Estaremos voltando ao final do século XIX? Outro ponto interessante é como o pragmatismo europeu deixou de ser condenado e passou a ser consagrado como modelo de jogo. Ainda há espaço para o futebol-arte? Como o rádio esportivo se comporta diante das novas tecnologias? Todas essas questões poderão ser abordadas, como mais profundidade, em trabalhos futuros.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRINATI, Francisco. **Mineiraten, Seleção Brasileira e Imprensa: a representação da derrota das derrotas na Folha de São Paulo e O Globo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

BRINATI, Francisco. **Reinventando o Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

CANCLINI, Néstor. “Consumidores do século XXI, Cidadãos do século XVIII”. In: _____. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COSTA, Leda. **O vilão de sete vidas: da tragédia de 1950 à vergonha de 2014**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DRUMOND, Maurício. “O esporte como política de Estado: Vargas”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FIGOLS, Victor de Leonardo. “As Copas de Ronaldo: a imagem de um herói”. In: GIGLIO, Sérgio; SILVA, Diana. (orgs.). **O Brasil e as Copas o Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

FRANZINI, Fabio. “A futura paixão nacional: chega o futebol”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

GIGLIO, Sérgio; RUBIO, Katia. “As relações entre o COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo de futebol”. In: GIGLIO, Sérgio; SILVA, Diana. (orgs.). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

GUEDES, Simoni. “Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. “Salve a seleção! Mídia, Identidade Nacional e Copa das Confederações 2013”. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

MARQUES, José Carlos. “Do complexo de vira-latas à nossa Taça do Mundo”. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

MEINICKE, Thaís. **Imprensa esportiva carioca: surgimento, modernização e segmentação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MELO, Victor. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MOSTARO, Filipe. **Radiojornalismo Esportivo**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

NASCIMENTO, Patrícia. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

NASCIMENTO, Paulo Henrique. “A dificuldade do torcedor brasileiro em lidar com derrotas nas Copas do Mundo”. In: GIGLIO, Sérgio; SILVA, Diana. (orgs.). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

PEREIRA, Camila Augusta; LOVISOLO, Hugo. “1938: o nascimento mítico do futebol arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014.

PEREIRA, Camila Augusta. **Retrospectiva Copa do Mundo de 2014**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2015.

SANTOS, Andrea Cristina. **A Cobertura esportiva na produção de José Diamantino de Assis**. Juazeiro: UNEB, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. “Imaginar é difícil, porém necessário”. In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SILVEIRA, Juan. **O mito da caverna: o melhor futebol do mundo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

SOARES, Antônio Jorge; VAZ, Alexandre. “Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje”. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.

TONINI, Marcel Diogo. “Os negros e o estilo brasileiro de jogar futebol, ou como as Copas do Mundo ajudaram a inventar uma tradição”. In: GIGLIO, Sérgio; SILVA, Diana. (orgs). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.